

Escola Superior de Educação João de Deus

**O INSUCESSO ESCOLAR EM LÍNGUA
PORTUGUESA. UM ESTUDO DE CASO.**

CÉLIA MARIA VAZ ALVES

Professor Orientador: José Maria de Almeida

Mestrado em Ciências da Educação

2010

Escola Superior de Educação João de Deus

O INSUCESSO ESCOLAR EM LÍNGUA PORTUGUESA. UM ESTUDO DE CASO.

CÉLIA MARIA VAZ ALVES

Relatório apresentado para a obtenção do
Grau de Mestre em Ciências da Educação,
na especialidade de Supervisão Pedagógica

Professor Orientador: José Maria de Almeida

2010

AGRADECIMENTOS

O apoio e a colaboração de algumas pessoas foram fundamentais para a concretização deste trabalho. A todos os que directa ou indirectamente contribuíram para que pudesse chegar aqui, expresso os meus sinceros agradecimentos:

- Ao meu orientador, Professor José Maria de Almeida, pela orientação que deu a este estudo, pela sua disponibilidade, empenho, entusiasmo e pelos conselhos que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

- Aos meus pais, que muito admiro, que são exemplo de determinação e esforço.

- À minha família, pela confiança, acompanhamento e incentivo que sempre demonstraram.

- À Directora da Instituição e à minha colega Francisca que participaram neste estudo.

- A todos os Encarregados de Educação e alunos que participaram neste estudo e que tornaram possível a sua realização, a todas eles agradeço a colaboração e o empenho que sempre demonstraram.

- À minha amiga Laura pela constante força e motivação.

- A todos os meus amigos, em especial à Dulce e à Fátima, que me deram força e acreditaram em mim.

RESUMO

O ensino da Língua Portuguesa continua a estar na ordem do dia, com níveis elevados de insucesso por parte dos alunos, tanto na avaliação interna das escolas, como nos exames, e reflectidos também nos estudos internacionais, situação que nos motivou a aprofundar o quadro teórico sobre as estratégias de aprendizagem da língua materna.

Perante a nossa realidade profissional, elaborámos este estudo, de natureza qualitativa, que pretende constatar as causas e/ou motivos do insucesso escolar em Língua Portuguesa e desenvolver um Projecto de Intervenção para minimizar as dificuldades de cinco alunos do 4.º ano.

Inicialmente, recolhemos informação de documentos, elaborámos os documentos para a recolha dos dados e planificámos as actividades a desenvolver durante o Projecto de Intervenção. Posteriormente, aplicámos inquéritos, realizámos entrevistas e uma observação. No final do ano lectivo, realizámos inquéritos aos alunos e uma observação com a finalidade de compreender o impacto que teve este projecto e se as estratégias foram as mais adequadas para os levar ao sucesso escolar.

Dos resultados obtidos e à luz do enquadramento teórico em que se baseou este estudo, concluímos que a classe social é um factor determinante no insucesso escolar e é fulcral o acompanhamento do encarregado de educação. As causas do insucesso escolar apontadas pelos entrevistados foram a falta de incentivo, de conversa com a família, a permissividade da família, a falta de leitura.

Através do testemunho dos alunos, concluímos que as actividades diversificadas e com algum carácter lúdico desenvolvidas foram as preferidas e fundamentais para minimizar as dificuldades, que juntamente com o seu empenhamento originaram uma melhoria significativa no aproveitamento e um interesse maior pelo hábito de ler.

Palavras-chave: Aprendizagem da Língua Portuguesa; insucesso escolar; estratégias de sucesso.

Abstract

The teaching of Portuguese is still a current issue-high levels of unsucccess in internal school evaluations, exams and also in international studies. This is why we decided to analize the theories about the strategies of learning our mother tongue.

Because of the job we have, we did this study in a qualitative base to show the causes or reasons for scholar unsucccess in Portuguese language and to develop an Intervention Project to minimize the difficulties of five students from the 4th grade.

Initially we collected information from documents, we did specific documents to collect dara and we planned the activities to develop during the Intervention Project. Afterwards we did enquiries, interviews and an observation. In the end of the 3rd term we did some enquiries to the students and an observation with the objective of understanding the impact this Project had and also to understand if the strategies were the most adequated ones to lead the students to scholar success.

From the obtained results and according to the theoretical plan this study was based, we concluded that social ranks are a major factor in unsucccess and that accompaniament from parents is essential. The causes for unsucccess pointed out by the interviewed were the lack of motivation, talking within the family, allowance from the family and lack of reading.

Through the testimony of students we came to the conclusion that the most enjoyed activities were the ones that were varied and fun and these were essential to minimize the difficulties of the students. This together with the students effort led to an improvement in their evaluation and at the sance time to a higher interest in reading.

Key Words: Learning Portuguese Language; scholar unsucccess; success strategies.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS.....	ix
ÍNDICE DE QUADROS.....	x
INTRODUÇÃO.....	1
1. Apresentação da situação.....	1
2. Objectivo do estudo.....	2
3. Importância do estudo.....	3
4. Identificação do estudo.....	4
5. Apresentação do estudo.....	5
Capítulo 1- REVISÃO DA LITERATURA.....	7
1. Sucesso /insucesso escolar	7
1.1.Comportamentos típicos de crianças com insucesso escolar.....	8
1.2. Reacções da criança perante o insucesso.....	9
1.3.Meios para enfrentar o insucesso escolar	10
1.4.Como ajudar uma criança com Insucesso.....	10
2. Insucesso Escolar em Língua Portuguesa.....	11
3- As competências nucleares e níveis de desempenho no 1.º ciclo são: a compreensão oral, leitura, expressão oral, expressão escrita e conhecimento explícito.....	14
3.1. Comunicação Oral.....	14
3.2. Comunicação Escrita.....	16
3.3. Aquisição da Linguagem.....	19
3.4. A Expressão Oral.....	21
3.5. A Compreensão Oral.....	22
3.6. A Leitura.....	23
3.7. A Expressão Escrita.....	33
4. Causas do Insucesso Escolar.....	38
4.1. Factores a nível do ambiente familiar e social.....	38
4.2. Factores a nível do ambiente cultural.....	39
4.3. Factores a nível da estrutura escolar.....	41
4.4.Características individuais do aluno.....	42

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	44
1. Âmbito da pesquisa.....	44
1.1. Campo-Escola.....	44
1.2. Alvo.....	48
2. Fontes de dados.....	49
3. Técnicas e Critérios de Recolha de Dados.....	50
3.1. Inquérito por questionário.....	51
3.2. <i>Entrevista</i>	52
3.3. Observação Directa.....	53
3.4. Análise de Documentos.....	53
4. Instrumentos de Recolha de Dados.....	54
5. Critérios de Tratamento de Dados.....	58
6. Limitações do estudo.....	60
CAPÍTULO 3– APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	61
CONCLUSÕES.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
ANEXOS.....	95
ANEXO 1– Grelha de Observação.....	96
ANEXO 2– Pedido de autorização para recolha de dados.....	98
ANEXO 3– Guião da entrevista.....	100
ANEXO 4– Transcrição das entrevistas.....	102
ANEXO 5– Tabela de categorização das entrevistas.....	111
ANEXO 6– Inquérito por questionário aos Encarregados de Educação.....	117
ANEXO 7– Tabela de Categorização dos Inquéritos dos Encarregados de Educação.....	120
ANEXO 8– Inquérito por questionário aos alunos – alvo.....	123
ANEXO 9– Grelha da primeira observação.....	127
ANEXO 10– Grelha da segunda observação.....	142

ÍNDICE DE FIGURAS

1.	Desempenho médio global a literacia de leitura dos alunos portugueses.....	30
2.	Desempenho a literacia de leitura, por ano de escolaridade. Evolução temporal 2000-2006.....	31
3.	Percentagem de alunos segundo o nível de proficiência. Todos os países (2006) – OCDE (2000) e OCDE (2006).....	32
4.	Respostas à 1. ^a questão.....	65
5.	Respostas à 2. ^a questão.....	66
6.	Respostas à 3. ^a questão.....	67
7.	Respostas à 4. ^a questão.....	69
8.	Respostas à 7. ^a questão.....	69
9.	Respostas à 8. ^a questão.....	70
10.	Respostas à 9. ^a questão.....	70
11.	Respostas à 1. ^a questão (Após o Projecto de Intervenção).....	75
12.	Respostas à 2. ^a questão.....	76
13.	Respostas à 3. ^a questão.....	76
14.	Respostas à 4. ^a questão.....	77
15.	Respostas à 5. ^a questão.....	77
16.	Respostas à 6. ^a questão.....	78
17.	Respostas à 7. ^a questão.....	79
18.	Respostas à 8. ^a questão.....	79
19.	As 5 actividades com maior preferência.....	80
20.	As 5 actividades com menor preferência.....	81
21.	Respostas à 9. ^a questão.....	82

Siglas:

PNL- Plano Nacional de leitura.....	33
PNEP- Plano Nacional de Ensino do Português.....	33
DA – Dificuldades de Aprendizagem.....	42
PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.....	48

ÍNDICE DE QUADROS

1. Leitores Proficientes/ Leitores com Dificuldades.....	29
2. Categorias e subcategorias da Entrevista.....	58
3. Categorias e subcategorias do Inquérito aos Encarregados de Educação.....	59
4. Objectivos das Questões dos Inquéritos ao alvo.....	59
5. Actividades propostas durante o Projecto de Intervenção.....	61
6. Profissão e idade dos cinco inquiridos.....	64
7. Dados sobre o cargo, o tempo de serviço, as habilitações e a idade das duas entrevistadas.....	71
8. Resultados dos Testes de Memória (actividade consiste em observar uma imagem durante 30 segundos e responder a 5 questões).....	82
9. Média de erros ortográficos durante o mês.....	83
10. Número de erros ortográficos dados nas duas observações efectuadas.....	84
11. Resultados das fichas de avaliação e das Provas de Aferição de Língua Portuguesa.....	85

INTRODUÇÃO

1. Apresentação da situação

A elaboração deste trabalho de investigação tem como finalidade reflectir acerca da problemática do insucesso escolar em Língua Portuguesa no 1.º Ciclo.

Na nossa experiência pedagógica, enfrentamos com alguma regularidade as dificuldades relacionadas com a Língua Portuguesa, quer a nível oral, quer a nível escrito, sendo uma realidade nacional. Cada vez mais os nossos alunos têm dificuldade em se expressar, em comunicar e em escrever.

O insucesso escolar em Língua Portuguesa é um tema que não só preocupa a classe docente como também a sociedade em geral. Tem sido tema de investigações e estudos por diversos autores e investigadores que sugerem hipóteses causais e perspectivam formas para o combater.

O insucesso era encarado como um problema do aluno, ou da família ou da escola. Mas, a “culpa” não poderá ser exclusivo da escola, mas de toda a comunidade educativa. Na maioria dos casos, o insucesso leva ao abandono escolar.

O insucesso escolar em Língua Portuguesa é considerado grave, na medida que esta língua é o instrumento de acesso a outros conhecimentos. Se o aluno não domina eficazmente a Língua Portuguesa não terá capacidade para compreender as outras disciplinas. Continua a ser uma das disciplinas com maior índice de insucesso em Portugal.

Os pais culpam os docentes, estes culpam os alunos porque não estudam e não se empenham. Alguns docentes culpam os programas ou os métodos de ensino. As causas são muitas e, por vezes, o professor não sabe ou não tem condições para levar os seus alunos a superá-lo.

Segundo Lemos (1993), “sabe-se que as razões do insucesso escolar são múltiplas e se prendem com alguns factores não controláveis pelo professor.” (p.7)

Apesar do esforço do sistema educativo em combatê-lo, os resultados obtidos ainda não são satisfatórios.

Conforme sustenta Lemos et al. (1994), “o direito ao sucesso é um direito de todos, que compete à escola tentar garantir até ao limite das suas possibilidades e capacidades de organização e funcionamento”. (p.16)

2. Objectivo do Estudo

O insucesso escolar foi sempre um assunto que nos sensibilizou, desde o início da nossa formação, particularmente na nossa prática pedagógica no 1.º ciclo e no 2.º ciclo. Ao depararmos com alunos do 6.º ano sem conseguirem ler um texto fluentemente ou escrever um pequeno texto com correcção ortográfica, muitas questões nos foram surgindo: como é que um aluno “chega” a este ano de escolaridade e não sabe utilizar a língua materna, quer na oralidade, quer na escrita?

Ao vermos uma criança que tentava escrever e não conseguia acompanhar os outros, que não iria ter um percurso “normal” como as outras crianças, sentíamos-nos impotentes.

Como professora há 10 anos, as questões atrás mencionadas continuam a pairar na nossa mente, sem conseguir encontrar as respostas mais adequadas.

Com este trabalho, pretendemos aprofundar um pouco mais este fenómeno complexo que surge diariamente. Assim propomo-nos:

- (i) constatar se o envolvimento dos pais é indispensável no combate ao insucesso;
- (ii) descobrir se a classe social é um factor determinante no insucesso escolar;
- (iii) identificar as causas/motivos do insucesso escolar na Língua Portuguesa;
- (iv) compreender os motivos atribuídos pelos professores ao insucesso na disciplina de Língua Portuguesa;
- (v) descobrir como é que os alunos aprendem melhor.

3. Importância do Estudo

Este estudo revela uma enorme importância, pois o fraco aproveitamento em Língua Portuguesa pode ser uma das causas do insucesso escolar do aluno em diferentes níveis de ensino.

O insucesso escolar é um tema que alimenta as conversas, provoca “discussões”, aparece muitas vezes mencionado nos meios de comunicação social, essencialmente na época de exames, provas de aferição e no final do ano lectivo. Tanto os alunos, como professores ou educadores, políticos, pais ou cidadãos em geral, manifestam alguma preocupação.

Como docentes reconhecemos que a escola tem que procurar encontrar soluções para esta problemática fazendo com que os alunos tenham sucesso escolar, porque, como afirma Cabral (1995), “todo o educador deseja que todos os seus alunos se transformem em cidadãos válidos, se não mesmo brilhantes.” (p.3)

Perante a existência de um número significativo de alunos (cinco alunos numa turma de quinze) numa turma de quarto ano com grandes dificuldades na área de Língua Portuguesa, sobretudo ao nível da oralidade, leitura e expressão escrita, procurámos desenvolver este projecto de intervenção para podermos, como afirma Castanho (2005), “desenvolver a criatividade do aluno e da aluna reforçar a sua iniciativa, estimular a sua participação interactiva, apetrechá-lo de estratégias de leitura e de estudo, fomentar a sua autonomia de consciencialização e auto-regulação das aprendizagens, é apostar num ensino em que o epicentro de toda a acção social, pedagógica e didáctica é o aluno e a aluna.” (p.130)

Urge a necessidade de fazer com que os resultados dos portugueses sobre literacia se alterem, porque como afirmam Sim-Sim e Ramos e Ramos (2006), “a leitura é antes de mais uma janela para um tempo e para um espaço aberto ao infinito, mas se nos olvidarmos de como se abre a janela corremos o risco de encalhar no ferrolho e de deixar para sempre manietado o prazer de abraçar as palavras escritas.” (p.74)

4. Identificação do estudo

Para a realização deste estudo, elegemos como modelo de abordagem, a investigação qualitativa.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), esta investigação tem cinco características:

- (i) na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, o investigador é o instrumento principal;
- (ii) a investigação é descritiva;
- (iii) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos;
- (iv) a análise dos dados é feita de forma indutiva;
- (v) o investigador dá importância ao significado.

De acordo com Bell (2008), “os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística.” (p.20)

Segundo Bogdan e Biklen (1994), “...o investigador qualitativo evita iniciar um estudo com hipóteses previamente formuladas para testar ou questões específicas para responder, defendendo que a formulação das questões deve ser resultante da recolha de dados e não efectuada a priori.” (p.83)

Enquadrado numa abordagem qualitativa, optámos por um estudo de caso para melhor compreendermos o problema, o insucesso escolar em Língua Portuguesa em alunos do 1.º ciclo.

Segundo Bell (2008), “o método de estudo de caso particular é especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspecto de um problema em pouco tempo...”. (p.23)

A observação e a entrevista são os instrumentos mais utilizados. Contudo, nenhum método é excluído. As técnicas de recolha de dados a utilizar

são: entrevistas, inquéritos, observação e análise de documentos, porque são as que se adequam aos objectivos do estudo.

Recolhemos os dados sobre as causas do insucesso escolar em Língua Portuguesa; colocando algumas questões iniciais. A família é responsável pelo insucesso do seu educando? O acompanhamento do encarregado de educação é importante? Como é que os alunos aprendem melhor e superam as suas dificuldades?

Este estudo não se caracteriza por ser um estudo de relação causa - efeito; pretendemos, apenas, produzir ideias através das realidades observadas.

5. Apresentação do estudo

Este estudo compreende a Introdução, Revisão da Literatura, Metodologia, Conclusões, Referências Bibliográficas e Anexos.

Na Introdução, faz-se a apresentação da situação, do objectivo, da importância e identificação do estudo.

No Capítulo 1, Revisão da Literatura, enquadrámos a pesquisa feita na consulta de teorias e autores sobre os aspectos mais relevantes, para que sirvam de “suporte” ao nosso trabalho. Apoiámos o nosso estudo em autores de referência nacional: Sim-Sim (1998; 2006; 2007); Ferraz (2007); Fonseca (1999); Carneiro (2001); Figueiredo (2002); Castanho (2005) e internacional: Finkelsztein e Ducros (1989); Gray (1956). Destaco a importância dos estudos de Almeida (1998); Ribeiro (2005) e Munsterberg.

No Capítulo 2, é apresentada a Metodologia onde descrevemos os métodos utilizados para a recolha de dados, o campo onde se insere o nosso estudo e o alvo; as fontes de dados utilizadas, técnicas e critérios de recolha de dados e os instrumentos utilizados. Explicamos os critérios de tratamento dos dados recolhidos.

No Capítulo 3, fazemos uma reflexão partindo dos resultados obtidos, tendo sempre como referência o fenómeno que abordámos e apresentamos também as limitações e as pistas para o futuro.

Nos anexos constam os seguintes documentos: grelhas de observação; entrevistas e inquéritos.

Este estudo foi realizado segundo as orientações do livro: “Teses Relatórios e Trabalhos Escolares” de Mário Azevedo e as normas APA.

A realização deste relatório científico teve a orientação tutorial do docente José Maria de Almeida que nos orientou e aconselhou.

Este estudo teve o seu início em Janeiro de 2008, momento em que definimos o que íamos investigar, e começámos a investigar sobre o tema.

Em Março, iniciámos a construção de alguns instrumentos de recolha: inquéritos e entrevistas.

Caracterizámos o campo e o alvo em Maio de 2008. De Janeiro de 2008 a Novembro do mesmo ano procedemos à recolha de conceitos e informação para a Revisão da Literatura.

Em Novembro de 2008, solicitámos a autorização à Direcção da Instituição onde decorreu o estudo. Em Janeiro de 2009, realizámos a Primeira Observação, os Inquéritos aos Encarregados de Educação e iniciámos o Projecto de Intervenção.

As entrevistas decorreram no mês de Fevereiro de 2009. No mês de Março, após a aplicação de todos os instrumentos e a recolha dos dados, realizámos a análise e interpretação de dados.

Em Junho, realizámos a segunda observação e os inquéritos aos alunos e iniciámos a conclusão do estudo.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DA LITERATURA

1. SUCESSO /INSUCESSO ESCOLAR

O sucesso escolar surge quando um aluno realiza um determinado percurso escolar com maior ou menor dificuldade. O insucesso escolar era “antigamente” encarado como um problema do aluno ou da sua família, como refere Cabral (1995), “o insucesso escolar era, e ainda é, muitas vezes, visto como um problema do aluno, jamais, ou muito raramente como um fenómeno que possa envolver a organização e as práticas escolares. A adequação do currículo, das metodologias, da própria estrutura organizativa às características do aluno, raramente são discutidas ou postas em causa.” (p.11)

Este termo é utilizado no âmbito do sistema de ensino-aprendizagem, geralmente para caracterizar o fraco rendimento escolar do aluno, na dificuldade que ele tem em aprender. Na maioria dos casos, o insucesso escolar leva ao abandono escolar.

Para Fonseca (1999), “a criança com Dificuldades de Aprendizagem é normal em termos intelectuais, porém o seu sistema nervoso não recebe, não organiza, não armazena e não transmite informação visual, auditiva (...) da mesma maneira que uma criança normal.” (p.366)

Na maioria dos casos, a criança tem dificuldades em compreender ideias, acontecimentos, em seguir explicações, recados, em aprender a ler, escrever. Alguns autores referem que muitas crianças têm problemas de identificação, de reconhecimento de sons e de linguagem. Segundo Fonseca (1999), estas crianças “acusam frequentemente problemas de memorização, conservação, consolidação, retenção, rememoração, rechamada (visual, auditiva e tactiloquinestésica), etc, da informação anteriormente recebida.” (p.379)

Segundo Benavente (1976), o insucesso escolar consiste nas “dificuldades de aprendizagem, reprovações, atrasos, etc.” e, na maioria dos casos, “as crianças que têm mais dificuldades pertencem a famílias de grupos sociais desfavorecidos do ponto de vista económico e cultural”. (p.10)

1.1. Comportamentos típicos de crianças com insucesso escolar

Uma criança com insucesso escolar pode manifestar uma ou várias características, como por exemplo: desassossego, ansiedade, rebeldia, agressividade, instáveis emocionalmente, problemas de atenção.

Fonseca (1999) afirma que “apresentam dificuldades em focar ou em fixar a atenção, não seleccionando os estímulos relevantes dos irrelevantes.” (p.362)

Segundo um estudo feito num grupo de crianças que tinham entre 6 e 12 anos, Munsterberg verificou os seguintes tipos de comportamento:

- “ 1– Desassossego: hiperactividade, distração;
- 2– Pouca tolerância à frustração: incapacidade para aceitar um insucesso ou uma crítica, hipersensibilidade;
- 3– Irritabilidade: pouco controlo interior, impulsividade, birras;
- 4– Ansiedade: tensão, constrangimento;
- 5– Retraimento: passividade, apatia, depressão;
- 6– Agressividade: comportamento destrutivo, murros, mordidelas, pontapés;
- 7– Procura constante de atenção: absorvente, controlador, impertinente;
- 8– Rebeldia: desafio à autoridade, falta de cooperação;
- 9– Distúrbios somáticos: gestos nervosos, dores de cabeça, dores de estômago, tiques, chupar o dedo, tamborilar com os dedos, bater com os pés, puxar ou enrolar o cabelo;
- 10– Comportamento esquizóide: passar despercebido, falar sozinho, contacto com a realidade desorganizado e fraco, comportamento estranho;
- 11– Comportamento delinquente: roubar, provocar incêndios;

12– Autismo: incapacidade de relacionar-se com os outros, inconformista em último grau, procura da satisfação dos impulsos interiores chegando mesmo à rejeição do mundo exterior, inflexibilidade extrema, inadaptação, incapacidade de aprender pela experiência, falta de afecto, incapacidade de comunicar verbalmente.”

1.2. Reacções da criança perante o insucesso

De um modo geral, quando a criança está perante um insucesso (que se repete com alguma frequência) costuma reagir com alguma indiferença. Contudo, se a criança obtém um elogio ou uma classificação alta, o seu aspecto muda e sente-se feliz e orgulhoso.

Segundo Muñiz (1982), “é frequente que as crianças com rendimento escolar muito baixo se imaginem, no seu sonhar acordadas, isto é, nas suas criações imaginárias conscientes, como alunos brilhantes, admirados pelos colegas e felicitados pelos professores.” (p.46)

Por vezes, as crianças com dificuldades de aprendizagem são inquietas, turbulentas, distraídas, dependentes do adulto. A insegurança e a instabilidade podem dar origem à tensão e à ansiedade.

Para Fonseca (1999), “a instabilidade emocional é uma das características que tem sido mais referida nas crianças (...) Hipersensíveis e vulneráveis, quer ao “riso constrangido”, quer “ao choro exagerado”, estas crianças tendem a evidenciar rápidas e imprevisíveis mudanças de humor e de temperamento.” (p.378)

Ribeiro (2005) refere que estas “dificuldades iniciais desencadeiam o desenvolvimento de sentimentos negativos perante esta aprendizagem, como por exemplo: uma certa ansiedade perante a leitura e perante as tarefas académicas.” (p.141)

1.3. Meios para enfrentar o insucesso escolar

Para enfrentar o insucesso escolar, a criança deve ter confiança em si e sentir-se segura. Para que a sua auto-estima se desenvolva é importante ter um boa relação com os pais, familiares, professores ou outras pessoas que a rodeiam. Um clima emocional estável reduz a ansiedade, a agitação, o desassossego. A criança precisa saber em quem pode confiar, o que pode ou não fazer e ter limites bem definidos.

1.4. Como ajudar a criança com Insucesso

Quando se pensa em quem pode ajudar a criança, surgem logo os pais, a família. Os pais devem encorajar o seu filho a expressar os seus sentimentos e pensamentos; elogiar pelos seus progressos e pelo esforço que tem feito para ultrapassar as suas dificuldades (mesmo que não estejam totalmente ultrapassadas); explicar que os erros e as dificuldades fazem parte do nosso crescimento. Como refere Muñiz (1982), “a família é a sociedade que deixa marcas mais profundas nos membros jovens.” (p.67)

Fonseca (1999) afirma que “sem uma atmosfera afectiva, lúdica e relacional, a interacção e a comunicação não se desenrolam favoravelmente. Não adiantará resolver os problemas de aprendizagem se os problemas de relação não forem superados (...) não podem continuar mergulhadas em envolvimento de ameaça, de stress e de humilhação.” (p.378)

Os pais preocupam-se com o bem-estar, com a saúde dos seus filhos, mas também devem preocupar-se com tudo o que se relaciona com a escola. Devem, por isso, inteirar-se sobre o seu comportamento e aproveitamento, de modo a poderem ajudá-los nas tarefas escolares, sempre em colaboração com os professores.

Contudo, Muñiz (1982) afirma que “...os pais podem ajudar os filhos nas tarefas escolares, interessar-se por elas, comunicarem através dos trabalhos e da actividade escolar, mas sem assumirem a função de professor particular.” (p.66)

2. Insucesso escolar em Língua Portuguesa

Os estudos mostram que a maior parte da investigação e das preocupações políticas na área da educação incidem sobre a aprendizagem da língua nos primeiros anos de vida e de escolaridade.

O insucesso escolar em Língua Portuguesa, em qualquer nível de ensino, é preocupante, não só para o aluno ou família como para toda a comunidade educativa. Os resultados dos estudos internacionais revelam a iliteracia dos alunos portugueses.

É a nossa língua, é ela que fornece a base fundamental, não só para comunicar como no acesso a outros conhecimentos. Um aluno que apresenta dificuldades na leitura, na interpretação e na escrita, terá insucesso nas outras áreas curriculares.

Segundo Ferraz (2007), “a língua materna ensina-se porque a sua aprendizagem:

- (i) Desencadeia processos cognitivos;
- (ii) Facilita a aprendizagem de línguas estrangeiras;
- (iii) Propicia o auto - conhecimento;
- (iv) Alarga o conhecimento do mundo;
- (v) Facilita o relacionamento com os outros;
- (vi) Permite o acesso à informação; à cultura;
- (vii) Possibilita o sucesso social e no trabalho.”

A mesma autora afirma:

“à escola compete dar a todos a possibilidade de desenvolverem a competência linguística que lhes permita aceder ao conhecimento, proporcionando as aprendizagens necessárias, fazendo adquirir saberes que os tornem cidadãos cultos; saber-fazer que lhes permitam resolver problemas; atitudes que os ajudem a afirmar-se; respeito por si, pelos outros, pelo trabalho, como forma de serem reconhecidos como parte integrante do mundo em que se movem.” (p.20)

O insucesso nesta área é uma “ameaça” não só para o aluno, mas também para o sistema educativo.

No entanto, muitos dizem que o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa estão mal. Uns atribuem a responsabilidade aos programas que são longos e o professor tem de dar a matéria nem que seja superficialmente, outros dizem que há gramática a mais, outros defendem que são os professores, estes culpam os alunos que não aprendem o que deveriam aprender, não “têm gosto naquilo que fazem”.

O tempo que o ensino da Língua Portuguesa ocupa na carga horária é um indicador do interesse que a aprendizagem da língua merece; das vinte e cinco horas para o primeiro ciclo, oito são destinadas ao ensino da Língua Portuguesa.

As causas do insucesso que serão mencionadas, de seguida, são as mesmas para o insucesso nesta área. Podendo-se apontar umas mais pormenorizadamente, como afirma Ferraz (2007), “por vezes, a língua da casa colide com a língua da escola”. (p.19) As crianças não ouviram histórias, nem tiveram contacto com livros ... Por isso, é importante que a criança frequente o jardim-de-infância, de forma a que seja proporcionado às que não têm condições em casa, para adquirirem níveis de desenvolvimento linguístico e cognitivo, para desenvolverem-nas antes de entrarem no 1.º ciclo, de modo a que as diferenças sejam minimizadas. Muitos alunos não têm livros em casa, a escola deve proporcionar esse contacto para se tornarem leitores. Não nos podemos esquecer que, como afirma Ferraz (2007):

“a escola é actualmente frequentada por alunos que,(...)adquiriram a língua em meios sociais e culturais marcantes por características diversas e, por isso, têm um desenvolvimento linguístico e cognitivo diferente dos que têm origem em meios social e culturalmente diferentes (para não falar de alunos que, nas nossas escolas, aprendem Português como língua não materna).” (p.79)

Na era das tecnologias de informação, também estas podem contribuir para o desenvolvimento da compreensão e da expressão escrita, como refere Ferraz (2007):

“elas proporcionam meios para o desenvolvimento da compreensão e da expressão escrita, para a compreensão da variedade da forma como se utiliza a língua. Comunicar pela Internet é praticar a escrita e a leitura. (...) Ensinar a

utilizar as novas tecnologias para colher informação é também ensinar a seleccionar a informação, a desenvolver a capacidade de síntese, a ter espírito crítico para se não deixar manipular.” (p.86)

O Despacho Normativo 139/ME/90, de 16 de Agosto, apresentou novas orientações programáticas para o Ensino Básico. Nestas orientações, salienta-se que o domínio da Língua Portuguesa é fulcral, porque permite a nossa identificação, a comunicação com os outros, a descoberta e a compreensão de tudo o que nos rodeia. O Ministério da Educação delineou os seguintes objectivos gerais relativos ao ensino da Língua Portuguesa no 1.º Ciclo:

- 1– Expressir-se oralmente com progressiva autonomia e clareza em função de objectivos diversificados.
- 2– Comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação.
- 3– Utilizar a Língua como instrumento de aprendizagem e de planificação de actividades (discussões, debates, leituras, notas, resumos, esquemas).
- 4– Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral.
- 5– Experimentar percursos individuais ou em grupo que proporcionem o prazer da escrita.
- 6– Praticar a escrita como meio de desenvolver a compreensão na leitura.
- 7– Promover a divulgação dos textos escritos como meio de os enriquecer e de encontrar sentidos para a sua produção.
- 8– Produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas.
- 9– Aperfeiçoar a competência de escrita pela utilização de técnicas de auto-avaliação.
- 10– Utilizar a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e de enriquecimento da Língua).
- 11– Apropriar-se do texto lido, recriando-o em diversas linguagens.
- 12– Desenvolver a competência da leitura, relacionando os textos lidos com as suas experiências e conhecimento do mundo.

13– Utilizar diferentes recursos expressivos com uma determinada intenção comunicativa (dramatizações, banda desenhada, cartazes publicitários).

14– Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua, a partir de situações de uso. (2004, p.137)

Nos documentos oficiais apontam para o desenvolvimento ao nível do modo oral (compreensão e expressão oral), do modo escrito (leitura e expressão escrita) e do conhecimento explícito da Língua.

3. As competências nucleares e níveis de desempenho no 1.º ciclo são: a compreensão oral, leitura, expressão oral, expressão escrita e conhecimento explícito.

O programa de Língua Portuguesa apresenta três blocos distintos: a Comunicação Oral, a Comunicação Escrita e, por último, o Funcionamento da Língua - Análise e Reflexão.

Perante o nosso Projecto de Intervenção, que incidirá em crianças que frequentam o 4.º ano de escolaridade e que apresentam grandes dificuldades na Comunicação Oral e Comunicação Escrita, achámos pertinente registar os objectivos específicos de Língua Portuguesa, delineados pelo Ministério da Educação.

Os objectivos específicos a atingir no 4.º ano de escolaridade são:

3.1. Comunicação Oral

3.1.1. Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza.

•Expressar-se por iniciativa própria:

- em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates);
- no âmbito da turma para organização, gestão e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
- na realização de projectos e de actividades em curso (apresentar sugestões, apreciar sugestões, pedir esclarecimentos, informar).

- Formular recados, avisos, instruções.
- Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...
- Contar histórias.
- Contar histórias inventadas.
- Participar, em grupo, na elaboração de histórias, de relatos.
- Completar histórias (imaginar desenlaces possíveis, imaginar cenários, lugares, tempos, personagens e acções).
- Recriar histórias (transformar personagens – animais em pessoas e vice-versa – em objectos fantásticos).
- Apresentar e apreciar trabalhos individuais ou de grupo, dar sugestões para os melhorar ou continuar (estudos realizados, ou em curso, desenhos, pinturas).
- Intervir oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente). (2004, p.144)

3.1.2. Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral

- Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não – verbal (recados, avisos, instruções).
- Reter informações a partir de um enunciado oral (recados, avisos, instruções).
- Formular recados, avisos, instruções...
- Responder a questionários.
- Dramatizar textos próprios ou de outros, sequências de situações...
- Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora, pictórica).
- Experimentar variações expressivas da linguagem oral (variar a entoação de frases, pronunciando-as com intencionalidades diferentes...).

- Interpretar e recriar, em linguagem verbal, mensagens não verbais (sons, gestos, imagens).

3.1.3. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral.

- Recolher e seleccionar produções do património literário oral (contos, lendas, cantares, quadras populares, lengalengas, trava-línguas...)
- Participar em jogos de reprodução da literatura oral 8reproduzir trava – línguas, lengalengas, rimas, adivinhas, cantares, contos).
- Comparar versões diferentes dos mesmos contos.
- Participar na produção de rimas, de lengalengas...(2004, p.145)

3.2. Comunicação Escrita

3.2.1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...)
- Escrever individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de imagens desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras...).
- Experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridas pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso (avisos, recados, notícias, convites, relatos de visitas de estudo, relatos de experiências, correspondência, jornais de turma, de escola).
- Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos e histórias completas).
- Organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (temática, prosa, poesia).
- Seleccionar, em livros, textos que correspondem às temáticas das produções por iniciativa própria.

- Registrar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir.
- Praticar a leitura por prazer (actividades de biblioteca de turma, de escola, municipais, itinerantes).
- Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para o grupo, para um companheiro, para o professor).
- Responder às perguntas dos ouvintes.
- Ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e complexidade progressivamente alargadas.
- Manifestar preferência por personagens e situações da história.
- Recontar um livro ou um texto que leu individualmente, em casa ou na biblioteca.
- Relacionar livros e outros textos com as suas vivências escolares e extra-escolares, com os seus gostos e preferências.
- Ler, na versão integral e por escolha própria, livros e outros textos.
- Fazer jogos de pesquisa de sentido (antecipar o desenlace de narrativas, propor um título para um texto, escolher, entre vários títulos, o mais adequado a um texto).
- Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir da capa, do título, das personagens.
- Comparar hipóteses levantadas com o conteúdo original.
- Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original.
- Ler e interpretar textos narrativos e poéticos.
- Estabelecer relações de sinonímia e de antonímia para aprofundar a compreensão do texto.
- Descobrir, num contexto, o sentido de palavras desconhecidas.
- Estabelecer a sequência de acontecimentos.
- Localizar a acção no espaço e no tempo.
- Praticar a leitura dialogada, distinguindo as intervenções das personagens.

- Apreender o sentido de um texto no qual foram apagadas ou semi-apagadas palavras ou letras.
- Conhecer em jornais, que apresenta, programas de televisão, os símbolos que assinalam uma emissão de qualidade, medíocre ou má.
- Comparar, em dois jornais diferentes, os símbolos que classificam o mesmo programa. (2004, p.154)

3.2.2. Desenvolver as competências da Escrita e da Leitura

- Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (com toda a turma, em pequeno grupo), questionando o autor do texto, emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.
- Participar na reescrita do texto, confrontando hipóteses múltiplas, tendo em vista o seu aperfeiçoamento (organização das ideias, supressão de repetições desnecessárias, adequação do vocabulário, adjectivação, formas básicas da ortografia, da acentuação, do discurso directo).
- Participar na comparação entre o texto original e o texto trabalhado.
- Registrar (por cópia, ou por ditado, na imprensa, no computador,...) o texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica, e integrá-lo em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar).
- Construir livros de histórias com os seus textos, com textos de companheiros, de correspondentes, de escritores...
- Exercitar-se, em momentos de trabalho individual, na superação de dificuldades detectadas (organização das ideias, pontuação, vocabulário, ortografia...), através de fichas auto-correctivas ou outras. (2004; p.156)

3.2.3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, informação de enciclopédias, textos).

- Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...)
- Organizar um índice de documentação.
- Construir materiais de informação, de consulta e de estudo, listas de palavras, dicionários ilustrados, prontuários ortográficos para a recolha de regularidades e de excepções da Língua “descobertas” no trabalho de aperfeiçoamento do texto.
- Recorrer à consulta de prontuários para solucionar dúvidas levantadas na produção de textos.
- Descobrir critérios de organização de dicionários.
- Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...(2004, p.156)

A aprendizagem de uma língua depende muito do desenvolvimento das capacidades de ouvir, falar, de ler e escrever. As duas primeiras precedem o ler e o escrever. Cabe à escola aproveitar o que o aluno já sabe porque a sua língua oral foi sendo adquirida espontaneamente, marcada por vários factores: sociais, culturais... e aperfeiçoar e /ou desenvolver as competências: expressão oral, compreensão oral, leitura e expressão escrita. Perante as dificuldades sentidas pelas crianças do nosso estudo, iremos de seguida aprofundar as competências mais pertinentes para o nosso estudo.

3.3. Aquisição da linguagem

Os seres humanos adquirem de forma espontânea e com rapidez a língua natural da comunidade onde estão inseridos e usam-na de forma criativa. Segundo Sim-Sim (1998), “o processo de aquisição da linguagem (pela rapidez e perfeição) é frequentemente considerado como um dos feitos mais espectaculares do ser humano.” (p.19)

O ser humano é comunicador. Tem necessidade de comunicar directamente (face a face) e à distância, com algum formalismo ou espontaneamente; oralmente, por gestos ou por escrito.

De acordo com Sim-Sim (1998), “temos direito a possuí-la pela simples razão de termos nascido, independentemente do tempo, do lugar e do grupo de pertença.” (p.19) Contudo, a nossa comunicação só tem sucesso se os interlocutores dominarem o mesmo código que o nosso.

Um bebé com algumas semanas de vida é capaz de distinguir a voz humana e sons semelhantes, reage à voz da mãe e outros familiares. Mais tarde, começa a palrear, a pronunciar as primeiras palavras, imitando, posteriormente, organiza-as em frases.

Segundo Sim-Sim (1998), “... em pouco mais de 40 meses evoluímos do simples choro, para comunicar que temos fome, à sofisticação gramatical e pragmática expressa na frase «gostava tanto de comer um gelado!».” (p.19)

A linguagem surge mais ou menos em períodos semelhantes, de um modo geral uma criança com 4 anos domina praticamente o código linguístico. A partir desta idade, este código torna-se mais rico, se a criança estiver exposta a um meio linguístico que entre sistematicamente em relação activa com ela.

A criança começa a desenvolver a linguagem na família. Depois, este desenvolvimento passa a fazer-se nos outros grupos onde está inserida, como por exemplo o grupo escolar... Conforme refere Sim-Sim (1998), “a linguagem adquire-se e desenvolve-se através do uso, ao ouvir falar e falando”. (p.33)

Mas, a criança deve saber que para comunicar eficazmente deve usar uma linguagem clara, fluente e deve saber ouvir e prestar atenção ao que é dito para conseguir discernir o que é importante.

Quando a criança começa a frequentar o 1.º ciclo, a criança está mais exposta a uma grande variedade de indivíduos, exigências, oportunidades e exigências, começa a partilhar, a relacionar-se com os outros.

A linguagem oral que a criança apresenta será a base da linguagem escrita. Como refere Giasson (1993), “é indispensável que as crianças possam falar das suas experiências de modo a aumentarem a sua bagagem de conceitos e o seu vocabulário. Mais tarde, esses conhecimentos poderão ser utilizados para compreender textos.” (p.28)

Para Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997), “a faculdade humana para nos apropriarmos e usarmos a linguagem radica na especificidade da organização e funcionamento cerebral, herdados geneticamente, e responsáveis pela actividade mental.” (p.20)

Estas autoras referem que, “para além da memória, são determinantes no tratamento da informação os processos que permitem seleccionar, discriminar e categorizar a informação a ser tratada.” (p.21)

A escola deve ter um papel fulcral na estimulação da linguagem, deve encorajar cada aluno a usar eficazmente a língua quando ouve, fala, lê e escreve.

3.4. A Expressão Oral

A Escola deve completar a cultura verbal que a criança possui, para que possa evoluir, deixando inicialmente a linguagem enumerativa, passando para a linguagem descritiva para culminar na fase interpretativa.

É na escola que a criança é convidada a dialogar com o professor e/ou com colegas.

Para Giasson (1993), “é indispensável que as crianças possam falar das suas experiências de modo a aumentarem a sua bagagem de conceitos e o seu vocabulário. Mais tarde, esses conhecimentos poderão ser utilizados para compreender textos.” (p.28)

De acordo com Figueiredo (2002, pp.15-29), no 1.º Ciclo, a expressão oral pode ser desenvolvida através de:

- (i) exposição oral – desde cedo, o aluno deve aprender a exprimir-se oralmente perante a turma;
- (ii) histórias para completar – o aluno realiza um final para história e comunica-o à turma, verificando assim a diversidade de situações;
- (iii) Histórias de pernas-para-o-ar cada aluno terá de contar uma pequena história a partir do fim e encadeando os episódios até chegar ao princípio.
- (iv) o romance escolar

(v) questionário – objectivo é desenvolver a capacidade de saber fazer perguntas;

(vi) entrevista;

(vii) Brainstorming (tempestade mental) – que apela à criatividade e à imaginação de cada um, tem como objectivo produzir ideias novas e originais para resolver um problema. O grupo de trabalho é composto por um animador, participantes e observadores silenciosos. O animador coloca o problema de maneira clara, dá a palavra a quem a solicitar, encoraja a participação de todos, impede qualquer crítica. Os participantes devem produzir um número elevado de ideias durante um período de tempo. Os observadores anotam as respostas. No final, apresentam a anotação das soluções apresentadas. Dos observadores, surgirá um júri que escolherá as respostas mais adequadas;

(viii) diálogo – este serve para informar, para confronto de ideias;

(ix) Philips-6-6 – O nome desta técnica deve-se a Donald Philips. O grupo é dividido em subgrupos de seis elementos. Cada grupo tem um presidente e um relator. Ao primeiro cabe dar a palavra a todos os elementos e gere o tempo; o segundo apresentará no final a resposta mais adequada;

(x) teatro de fantoches e marionetas;

(xi) jogo de palavras;

(xii) recitação de cantilenas, lenga-lengas, trava-línguas;

(xiii) emissão radiofónica;

(xiv) expressão dramática.

3.5. A Compreensão Oral

Quando a criança entra no 1.º ciclo, a sua compreensão oral depende muito da diversidade do seu vocabulário, se não tiver uma boa compreensão do oral perderá informação. A escola deve ensinar os alunos a saber ouvir, a prestar atenção àquilo que o outro diz, tirar o essencial da mensagem ouvida, a participar em debates, dar a sua opinião. Esta capacidade é importante para que o aluno tenha sucesso escolar, pois para se aprender é necessário em primeiro lugar compreender.

Para que se desenvolva esta capacidade, podem-se realizar várias actividades, tais como: ouvir um recado, uma informação, uma ordem, ouvir uma história para recontar.

A frequência do jardim-de-infância possibilita o desenvolvimento da linguagem e ajuda as crianças que não têm possibilidades de adquirirem este desenvolvimento linguístico no seio da sua família.

3.6. A leitura

A leitura é um dos processos mais complexos da aprendizagem, que requer para quem aprende: motivação, esforço e prática. Esta aprendizagem não se efectua nos primeiros anos de escolaridade, começa antes da entrada na escola e prolonga-se por toda a vida.

Sim-Sim e Viana (2007) descrevem a leitura do seguinte modo:

“a leitura é um processo complexo que contempla a compreensão do significado do texto escrito, enriquecida pela interpretação pessoal do leitor que usa essa mesma interpretação tomando em linha de conta os objectivos da leitura e a situação em que a mesma decorre. A compreensão da leitura, qualquer que seja o tipo de texto, implica a mobilização de estratégias que permitam desenvolver e interpretar o significado de frases, parágrafos e palavras em sentido literal ou figurado, facultando o uso adequado da informação obtida na construção do sentido total ou parcial do texto. A capacidade de compreensão varia consoante o nível de leitura do leitor e, obviamente, o tipo de texto e o conhecimento do vocabulário usado.” (p.58)

Para ler, o ser humano necessita de algumas capacidades, tais como: habilidades auditivas, habilidades visuais, mecanismos de memória e de atenção, compreensão do discurso linguístico que se ouve ou escreve.

Segundo Fonseca (1999), “o hemisfério esquerdo é o hemisfério dominante da linguagem e das funções psicolinguísticas, enquanto que o direito é o hemisfério dominante da percepção espacial e das funções psicomotoras.” (p.179) Para o mesmo autor, “as aprendizagens escolares primárias (ler, escrever e contar) colocam mais em jogo as funções do

hemisfério esquerdo, ao contrário das aprendizagens pré-escolares (desenhar, pintar, recortar, jogar, saltar, etc.), que assentam mais nas funções verbais do hemisfério direito.” (p.216)

A leitura não é uma actividade natural e espontânea, precisa de ensino directo e que se prolonga ao longo da vida. A escola deve proporcionar o contacto com livros para possibilitar o gosto pela leitura, sem esquecer que alguns alunos não têm acesso a livros em casa. Ao ouvir histórias, a criança aprende a folhear o livro, a observar as imagens, desenvolvendo a imaginação e despertando o interesse pela leitura. No 1.º Ciclo, este trabalho pode ser reforçado com o alargamento do campo lexical, com a leitura de contos, de lenga-lengas, destrava línguas, provérbios, rimas.

Sim-Sim (2007) refere que “saber ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional.” (p.7)

Saber ler é compreender o que se decifra, traduzir em pensamentos, sentimentos, ideias; é julgar e desenvolver o espírito crítico, é apreciar do ponto de vista estético.

Alguns estudiosos fazem referência a dois métodos mais generalizados no nosso país. Ambos procuram fazer compreender à criança a existência de uma certa correspondência entre os símbolos da língua escrita e os sons da língua falada; mas, para tal, um desses métodos principia pelo estudo dos símbolos ou pelos sons elementares, enquanto o outro, pelo contrário, visa a obtenção do mesmo resultado colocando a criança repentinamente perante a nossa linguagem escrita, tão complexa quanto se possa apresentar.

O primeiro é geralmente conhecido pela designação de método sintético, em virtude do trabalho psicológico que exige à criança para o acto de leitura. Depois de saber ler cada símbolo, a criança deve, com efeito, condensar as diferentes leituras numa leitura única, que, de modo geral, para cada agrupamento particular desses símbolos, difere da leitura particular. Quando a criança souber ler “e” e “u” deve, dessas duas leituras, formar “eu”. É, portanto, de uma operação de síntese que se trata.

O outro método parte dos próprios agrupamentos, parte das palavras: é o método analítico, na medida em que se exige à criança um esforço

psicológico diferente, no que respeita à aprendizagem, a partir desses agrupamentos, das denominações das suas partes ou sonoridades das sílabas. Designa-se a mesma maneira de proceder de método global: coloca-se a criança em presença de frases e palavras tal como se lêem na nossa língua.

É preciso inculcar nas crianças o descobrir de prazeres e alegrias que a leitura pode proporcionar. Para que a criança venha a ser um bom leitor é necessário inculcar nela a importância da leitura e o despertar para o gosto de ler.

Sim-Sim (1997) assinala que “por leitura entende-se o processo interactivo entre o leitor e o texto, através do qual o primeiro reconstrói o significado do segundo.” (p.27)

Para Ferraz (2007) a escola deve fazer com que os alunos:

“(i) “mergulhem” num universo em que o livro está desafiadoramente presente;

(ii) participem em actividades que tenham como objectivo a motivação para a leitura;

(iii) realizem experiências de leitura variada;

(iv) treinem a leitura de modo a tornar rápido o reconhecimento das palavras, não tropeçando nelas;

(v) leiam para terem rápido acesso à informação;

(vi) adquiram conhecimentos e os memorizem;

(vii) desenvolvam a imaginação e o espírito crítico, tornando-se leitores autónomos;

(viii) extraiam informação dos textos “úteis” e tenham apetência pelos textos “agradáveis”. (p.37)

Um leitor que lê fluentemente descodifica a mensagem e compreende simultaneamente, despendendo menos esforço e menos tempo na leitura.

Como refere Castanho (2005):

“um indivíduo com competências de leitura bem interiorizadas tem maiores probabilidades de aceder ao conhecimento de si próprio, do mundo e dos outros seres humanos, de garantir uma maior integração social, de ser bem sucedido na escola, de receber retroacção positiva

das pessoas adultas (o que condiciona largamente o seu auto-conceito e a sua auto-estima), de se expressar oralmente com fluência e de escrever com correcção p.15)

Ao ler, o aluno deve encontrar um motivo para ler, deve sentir que o livro ou o texto é necessário para retirar informações, vocábulos; para conhecer autores e obras ou para estimular a sua criatividade, que serve para ter sucesso nos estudos, para estar informado sobre tudo o que nos rodeia, para comunicar.

Desde muito cedo, que se deve estimular o interesse pela leitura: os pais devem ler histórias, procurar livros e histórias adequados à idade e ao gosto do filho e incentivar para que concluam uma história ou que elaborem histórias através de palavras e/ ou desenhos.

Como refere Moraes (1997), a leitura de histórias possibilita “àqueles que ouvem, aprender, quer a partir de estrutura da história, quer a partir das questões e comentários que são levantados, como melhor interpretar os factos e as acções, como melhor organizar e reter a informação e como melhor elaborar cenários mentais e esquemas.” (p.180)

Os pais são o modelo para os filhos, se estes lerem com frequência, os filhos sentem-se motivados para a leitura. Os adultos devem criar momentos para que a criança possa apresentar o gosto por ler, para tal devem disponibilizar diferentes suportes de leitura (livros, jornais, revistas, enciclopédias, legendas na televisão, publicidade), idas à biblioteca, às livrarias, realizar pequenas dramatizações.

Através da leitura, o leitor alarga o conhecimento sobre o tema desenvolvido e enriquece o seu vocabulário.

Segundo Alarcão (1995), “não é suficiente saber ler, é necessário fazê-lo de forma competente e eficaz. Toda a vida escolar e profissional depende dessa competência.” (p.22)

Sim-Sim (2006) afirma que “...a qualidade de um texto pode ser valorizada ou empobrecida pela qualidade do leitor que o aborda. É do contacto entre os dois, leitor e texto, que nasce o sabor da leitura.” (p.8)

A compreensão da leitura é um processo complexo, por vezes, o leitor apresenta dificuldades na compreensão de textos devido ao desconhecimento que tem sobre o tema abordado e o vocabulário empregue.

Para minimizar tal situação, antes da leitura deve-se conversar sobre o tema do texto que irão ler e desenvolver o vocabulário.

Para perceber um texto é necessário ter competência técnica, isto é, saber ler exige concentração (treinada pela memória visual e auditiva); noção de tempo e de espaço (fundamentais para situar a história e as personagens) e competência linguística e sócio-linguística. Só compreendemos alguns termos linguísticos se estiverem de acordo com as nossas vivências.

Segundo Sim-Sim (2007), “o ensino da compreensão da leitura tem de incluir, portanto, estratégias pedagógicas direccionadas para o desenvolvimento do conhecimento linguístico das crianças, para o alargamento das vivências e conhecimento que possuem sobre o Mundo e para o desenvolvimento de competências específicas de leitura.” (p.11)

O aluno deve ler fluentemente, o que implica precisão, rapidez e expressividade.

Segundo Sim-Sim (2007), “a rapidez de leitura envolve o reconhecimento instantâneo de palavras, libertando a atenção e a memória para a recuperação do significado da frase (e do texto) e permitindo o treino da leitura expressiva.” (p.11)

No 1.º ciclo do Ensino Básico devem ser explorados os seguintes tipos de textos: informativos (notícias...); histórias, textos de teatro; poesia; biografias, banda desenhada, cartas, recados. Ferraz (2007) refere que, “será “útil” a leitura de textos literários que proporcionam momentos agradáveis, desenvolvem o espírito crítico e a criatividade, participam na formação do sujeito, abrem portas para o mundo.” (p.38)

Para que o aluno compreenda o que lê, o professor deve utilizar estratégias adequadas antes, durante e após da leitura.

Sim-Sim (2007) sistematiza as “estratégias a utilizar antes de iniciar a leitura:

- (i) explicitar o objectivo do texto;

- (ii) activar o conhecimento anterior sobre o tema;
- (iii) antecipar conteúdos com base no título e imagens, no índice do livro, etc;
- (iv) filtrar o texto para encontrar chaves contextuais (indícios gráficos e marcas tipográficas)". (p.17)

Durante a leitura, deve-se utilizar as seguintes estratégias de acordo com Sim-Sim (2007):

- (i) "fazer a leitura selectiva;
- (ii) criar uma imagem mental (ou mapa mental) do que foi lido (associações, experiências sensoriais - cheiros, sabores - sentimentos, etc.);
- (iii) sintetizar à medida que se avança na leitura do texto;
- (iv) adivinhar o significado de palavras desconhecidas;
- (v) se necessitar, usar materiais de referência (dicionários, enciclopédias...);
- (vi) parafrasear partes do texto;
- (vii) sublinhar e tomar notas durante a leitura." (p.19)

Após a leitura, deve-se utilizar as seguintes estratégias, como refere Sim-Sim (2007):

- (i) "formular questões sobre o lido e tentar responder;
- (ii) confrontar as previsões feitas com o conteúdo do texto;
- (iii) discutir com os colegas o lido;
- (iv) reler." (p.22)

Existem dois tipos de leitores: os leitores proficientes e os leitores com dificuldades. Os leitores proficientes são aqueles que desenvolveram habilidades e utilizam a leitura de forma eficaz e rápida. Contudo, na maioria dos casos, as crianças apresentam grande dificuldade ao ler e aprendem a ler porque é preciso, porque socialmente é necessário, mas lê-se apenas o que é necessário (o que a escola obriga e pouco mais) não criando o gosto pela leitura. Vejamos segundo Ciborowsky (1992), citado por Castanho (2005, p.114), na figura seguinte, as diferenças entre estes dois tipos de Leitores:

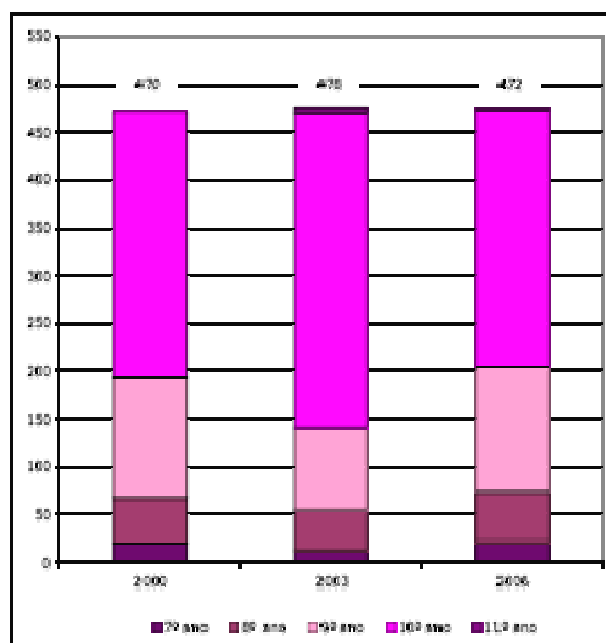
Quadro 1- Leitores Proficientes/ Leitores com Dificuldades

LEITORES/LEITORAS PROFICIENTES	LEITORES/LEITORAS COM DIFICULDADES
<p>Antes da Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pensa no que já sabe sobre o assunto. • Conhece o objectivo da leitura. • Quer começar a ler porque está motivado e interessado. • Tem uma noção geral de como as ideias estão organizadas. <p>Durante a Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Presta simultaneamente atenção às palavras e ao seu significado. • Lê fluentemente. • Concentra-se na leitura. • Não tem medo de arriscar perante palavras difíceis e revela capacidade de lidar com a ambiguidade do texto. • Elabora estratégias eficazes para monitorizar a compreensão. • Pára para usar estratégias de remediação quando não compreende o que está a ler. • Usa cada vez com mais facilidade as competências de leitura. <p>Depois da Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreende como a informação junta faz sentido. • É capaz de identificar o mais importante. • Mostra-se interessado em ler mais. 	<p>Antes da Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Começa a ler sem pensar no assunto. • Não sabe por que motivo está a ler. • Revela falta de motivação e de interesse para começar a ler. • Não tem a mínima noção de como as ideias se organizam. <p>Durante a Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Presta atenção palavra a palavra, perdendo o sentido das frases. • Lê devagar e sempre com a mesma velocidade. • Tem dificuldade em concentrar-se. • Não arrisca e sente-se derrotado perante as dificuldades vocabulares e do texto. • Não sabe usar estratégias de monitorização da compreensão. • Raramente usa estratégias de remediação; afadiga-se com facilidade e quer acabar de ler depressa. • Revela progresso muito lento no uso das competências de leitura. <p>Depois da Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não compreende como as diferentes parcelas de informação fazem sentido juntas. • É capaz de considerar mais importante os aspectos acessórios e periféricos. • Considera a leitura uma actividade intragável.

A maioria dos nossos jovens conclui a escolaridade obrigatória a ler mal, na fase adulta pouco lêem e quando são pais não mostram aos seus filhos hábitos de leitura.

A população portuguesa tem baixos níveis de literacia, cada vez lê menos livros, jornais...

Apresentamos, a seguir, os Resultados do Estudo Internacional Pisa 2006.

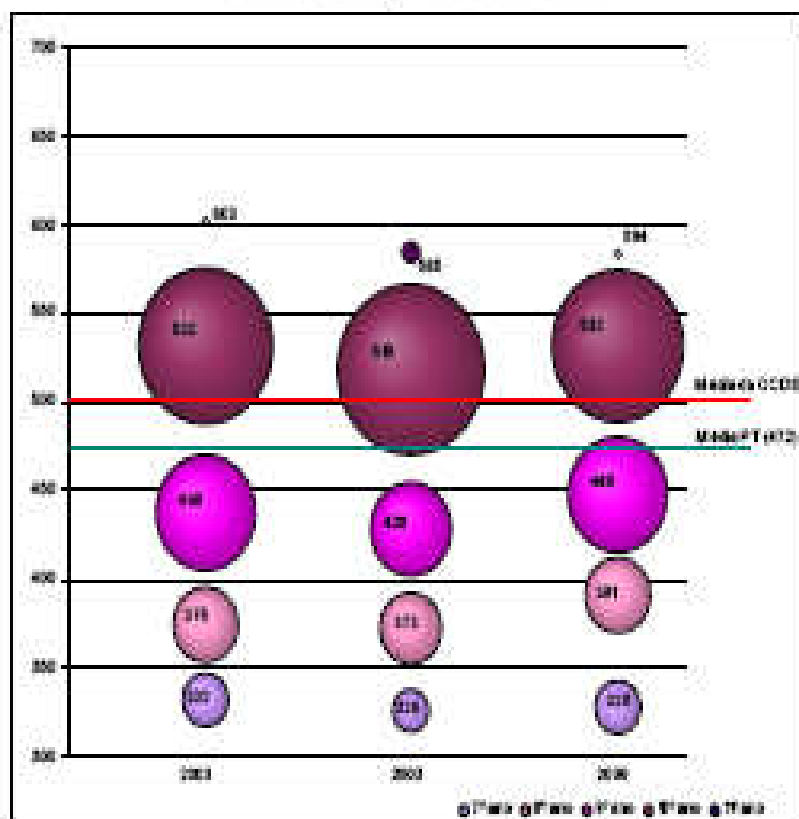


Fonte: Banco de Dados do IESE 2006, 2003 e 2000

Figura 1– Desempenho médio global a literacia de leitura dos alunos portugueses.

Perante a figura 1 podemos constatar que o desempenho médio global dos alunos portugueses na literacia de leitura atingiu o valor 472 no ciclo de 2006, havendo uma evolução positiva relativamente ao ano 2000 e negativa relativamente a 2003.

Os alunos dos 7.º, 8.º e 9.º anos exibem resultados modestos – quando comparados com a média dos países da OCDE – os alunos dos 10.º e 11.º anos revelam desempenhos muito acima dessa média, conforme nos mostra a figura 2.



Fonte: Base de Dados do PISA 2000, 2003 e 2006

Figura 2 –Desempenho a literacia de leitura, por ano de escolaridade. Evolução temporal 2000 – 2006.

Os resultados dos alunos portugueses face a outros colegas de outros países são os seguintes:



Fonte: OCDE (2007), PISA 2006 - Science competencies for tomorrow's world, Paris: OCDE

Figura 3 – Percentagem de alunos segundo o nível de proficiência. Todos os países (2006) – OCDE (2000) e OCDE (2006).

Quando comparados com alunos de outros países, os portugueses apresentam um desempenho a literacia de leitura semelhante a outros países mediterrânicos como: Itália, Grécia e Espanha.

Podemos constatar que a situação média dos alunos portugueses sobre literacia de leitura é preocupante e muito distante dos valores dos países que tiveram as melhores classificações.

Devido a tal situação, o governo, mais particularmente o Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Cultura elaborou o Plano Nacional de Leitura (PNL) que serve para promover o desenvolvimento das competências nos domínios da leitura diária na escola, em contexto familiar, em bibliotecas ou noutros contextos como hospitais e prisões.

Na primeira fase deste plano (2007 – 2011), os alunos prioritários são os dos Jardins-de-Infância, das escolas do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico e os alunos com necessidades educativas especiais, procurando envolver os educadores, os professores e as respectivas famílias e tendo como objectivo principal nos primeiros anos de vida assegurar a aquisição das competências básicas de leitura para evitar dificuldades que se possam prolongar-se para o resto da vida.

Na segunda fase deste plano serão abrangidos os jovens dos restantes graus de ensino.

Para além deste projecto, ainda foi criada a partir de 1996/97, a Rede de Bibliotecas Escolares que é um programa assente em parcerias entre as escolas, o Ministério da Educação e as Câmaras Municipais.

No ano lectivo 2006/2007, o Ministério da Educação lançou também o Programa Nacional de Ensino Português (PNEP) para assegurar a formação contínua de educadores de infância e professores do 1.º ciclo de modo a melhorar as práticas educativas na sala de aula, quer a nível da expressão oral e escrita, quer ao nível da compreensão da leitura.

3.7. Expressão Escrita

Pela escrita, o ser humano dá-se a conhecer, partilha informações, troca ideias, manifesta desejos, angústias e medos. Simard (1990) defende que a

escrita é “um maravilhoso meio de expressão e comunicação, de reflexão e de criação.” (p.244)

Santos (1998) afirma que:

“ é graças à escrita que a Humanidade possui o registo de um volume imenso de conhecimentos em todos os domínios do saber, particularmente nos de ordem científica e técnica. Conhecimentos que garantem o prosseguimento da sua caminhada na senda do progresso, desvendando cada vez mais os segredos que a natureza e o universo encerram. A escrita é assim o garante de todo o progresso.” (p.17)

Produzir um texto oral ou escrito é uma actividade quotidiana e contínua na vida de cada ser humano. Contudo, não nos podemos esquecer que para escrever é necessário o domínio do código oral daí a importância da oralidade e da leitura como já referimos anteriormente.

Se durante os primeiros anos, as crianças tiveram contacto com livros, se lhes leram histórias, estas estarão mais preparadas para iniciarem a leitura e a escrita. De acordo com Ferraz (2007), “a aprendizagem da linguagem escrita é condicionada pelas histórias de vida de cada uma.” (p.35)

Ao escrever, a criança deve sentir prazer em escrever, em inventar, em imaginar. Mas, muitas vezes, a criança sente pouco prazer por vários motivos: não é estimulada, faz esta actividade porque o adulto exige que o faça ou lhe dá o tema e esse tema pode não estar de acordo com as vivências ou gostos da criança e esta começa por perder um pouco o gosto pela escrita. Como refere Recasens (1994), “a ânsia pela escrita é menos generalizada, e ainda que se comece com muito interesse nas fases das garatujas, depressa começa a sentir-se o peso de uma rotina que em vez de estimular a expressão escrita a entorpece, ficando reduzida a uma mera tarefa de obrigação escolar.” (p.9)

Alguns autores afirmam que sem a escrita, a mente não funcionaria e que escrever implica reflexão, organização e estruturação mental. Morrow (2001) defende que:

“quando se está a melhorar a escrita dos alunos, estamos a melhorar a sua capacidade de pensar. A escrita facilita a apresentação lógica do pensamento e permite a reflexão a partir do que está escrito. A escrita altera o desenvolvimento e molda os mecanismos mentais de

modo a que o raciocínio acerca dos conteúdos se torne mais profundo.” (p.11)

Para que a expressão escrita seja uma actividade aliciante, podemos utilizar várias actividades, através das quais os alunos adquirem progressivamente a sua autonomia, organizam e desenvolvem o seu pensamento. Passaremos a citar algumas actividades:

- resumo;
- reconto;
- descrição;
- retrato;
- concluir histórias;
- textos utilitários: carta, postal, convite, acta, relatório;
- elaboração de acrósticos;
- composição colectiva;
- construir histórias a partir de imagens ou de palavras dadas;
- jornal escolar;
- poesia;
- textos livres;
- condicionar textos (só usar...) ou (é proibido usar a letra...);

Para motivar a produção de texto, podemos utilizar os seguintes suportes:

- vivência pessoal;
- suporte visual: imagem, sequência de imagens, Banda Desenhada;
- texto: análise de um texto pode incentivar para a elaboração de um resumo; reconto;
- comentário de uma frase; concluir uma história; dramatizar;
- suporte auditivo – audição de uma história, de uma canção...
- suporte audio-visual: diapositivos com história gravada, filmes...

Segundo Ferraz (2007), “para que haja aprendizagem é preciso que a escola crie oportunidades para que os alunos:

- (i) escrevam, conscientes de que, escrevendo aprendem a pensar, consolidam conhecimentos, transmitem aos outros saberes, ideias, sentimentos;
- (ii) escrevem para diferentes leitores, reais ou imaginários;
- (iii) escrevam respostas curtas, ou textos em que devam desenvolver pontos de vista ou outros, sejam eles de ficção ou não ficção, obedecendo às regras da sua construção, distinguindo graus de formalismo;
- (iv) escrevam com propósitos estéticos;
- (v) escrevam obedecendo a um plano, fazendo rascunho, revendo para corrigir, aperfeiçoando;
- (vi) tomem notas, partindo de fontes orais ou escritas, sumariem, relatem;
- (vii) escrevam com consciência de que o domínio da língua escrita implica o conhecimento de vocabulário, da sintaxe, da morfologia, da organização textual;
- (viii) escrevam, respondendo a necessidades escolares ou respondendo a interesses pessoais, distinguindo o “útil” do “agradável”
- (ix) escrevam para levarem a termo projectos, para resolverem problemas de escrita.” (p.36)

É fundamental que a criança sinta que alguns dos seus textos sirvam para algo, como por exemplo:

- mensagens;
- colocar no placard da sala;
- leituras em voz alta;
- exposições;
- concursos;
- para representação;
- publicar no jornal escolar.

Segundo Recasens (1994), as actividades de expressão escrita devem ter os seguintes objectivos:

- “(i) descobrir a escrita como possibilidade de comunicação;
- (ii) estimular a criação de histórias;
- (iii) saber utilizar recursos criativos;
- (iv) dar saída ao pensamento fantástico;
- (v) discernir entre o real e o imaginário;
- (vi) valorizar a ordem na narração e na descrição;
- (vii) estimar a utilidade de projectos prévios;
- (viii) apreciar a revisão e acabamento dos textos;
- (ix) valorizar em geral o contador de histórias;
- (x) saborear o gosto pela criação própria ou do grupo;
- (xi) comprovar o possível enriquecimento dos textos através dos contributos do grupo;
- (xii) possibilitar desinibições;
- (xiii) alcançar uma maior integração no grupo através das ideias pessoais.” (p.31)

A escrita não deve ser abordada exclusivamente na aula de Língua Portuguesa, visto que o aluno necessita de se expressar por escrito noutras disciplinas e na fase adulta na sua vida activa.

O Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais de Língua Portuguesa considera que os alunos devem participar em actividades de escrita diversificadas, enriquecedoras e inovadoras, usando materiais e suportes variados.

O computador pode desempenhar um papel fundamental no processo de escrita. Hartley (1993) verificou que a utilização do computador pode facilitar as tarefas de apagar e substituir. O aluno pode imprimir o texto a preto e/ou a cores, com ou sem gravuras, inserir imagens e /ou som, utilizar programas auxiliares como: a verificação ortográfica, a correcção gramatical e dicionário de sinónimos, o que torna o trabalho mais aliciante.

4. Causas do insucesso escolar

De acordo com vários estudos levados a cabo por pedagogos e psicólogos a respeito deste problema, chegou-se à conclusão que as causas podem surgir de vários factores:

- (i) a nível do ambiente familiar e social;
- (ii) a nível do ambiente cultural;
- (iii) a nível da estrutura escolar;
- (iv) a nível das características individuais do aluno.

4.1. Factores a nível do ambiente familiar e social

A família e a escola são agentes socializadores de grande importância. Mas, o primeiro agente socializador é, sem dúvida, a família. É com a família (pai, mãe e parentes mais próximos) que a criança nos seus primeiros anos de vida faz a sua aprendizagem, é com eles que descobre o mundo, os hábitos, as palavras...

Para Gordon e Noel (1998), “os pais são os primeiros professores das crianças e durante os primeiros quatro ou cinco anos, em geral os únicos de máxima importância... Os pais não são apenas os primeiros professores; são de longe os mais importantes”. (p.323)

A família deve assegurar à criança alimentação, tempos de sono suficientes, lazer, transmitindo uma variedade de conteúdos, hábitos e normas. A família continua a ser a primeira escola, determina o ciclo de vida de cada um. De acordo com Marques (2001), “a família tem o dever de apoiar e proteger a criança e transmitir-lhes os valores básicos”. (p.12)

Contudo, não podemos ignorar as grandes mudanças que têm ocorrido na estrutura familiar e que afectam profundamente o desenvolvimento da criança. Actualmente, as crianças vivem num mundo onde tudo passa a “grande velocidade”. Leal (1988) refere que, “a entrada na escola propõe à criança um passo decisivo em frente para o desconhecido. Sai do pequeno

mundo da relação familiar. Arrisca-se a perder o seu enquadramento natural ao transitar repentinamente para um mundo cujas regras não conhece...” (p.53)

O ambiente sócio-económico, cultural e étnico, isto é, a influência do meio onde vive o aluno influencia o seu rendimento escolar. Uma criança mal alimentada, com frio, doente ou com mau ambiente familiar não tem condições para dar um bom rendimento.

Benavente (1976) afirma que:

“os factores de insucesso ligados ao meio são de ordem material e de ordem cultural. De ordem material podemos citar o nível económico da família que determinará a alimentação da criança e o seu equilíbrio fisiológico...O nível económico da família determina ainda a maneira como a criança se veste,... As condições de alojamento são ainda um factor de insucesso.” (p.21)

Se a criança for sujeita a acontecimentos que a podem traumatizar, poderá ficar comprometido o seu desenvolvimento. Segundo Dreikurs (2001), “o encorajamento é para a criança o que a água é para as plantas... É preciso mostrar à criança que ela não é tão fraca e incompetente como pensa.” (p.75)

Há pais e mães que acreditam que é possível educar os filhos com severidade, com humilhações ou desvalorizações. Contudo, as depreciações fazem sentir a criança indesejada, inadaptada reduzindo a sua auto-estima. A baixa auto-estima que é formada desde a infância tende a perdurar até à idade adulta. Uma auto-estima positiva contribui para um bom desenvolvimento, se a criança gostar de si e estiver bem consigo desenvolverá relações positivas com os outros.

4.2.Factores a nível do ambiente cultural

O factor de ordem cultural também é importante, se a criança tem maus modelos de identificação não pode ter sucesso. Para Diogo (1998):

“o ambiente cultural da família é um elemento importante para o desenvolvimento da criança, nos meios pobres o ambiente cultural é visto como uma causa de inibição e de bloqueio a um desenvolvimento harmonioso enquanto, que nos meios privilegiados, pela proximidade da cultura de

referências este assume-se como factor de crescimento e desenvolvimento pessoal.” (p.53)

A criança aprende com as pessoas que estão com ela directamente. Quanto maior for a riqueza do seu meio, mais oportunidades ela terá de obter informação relevante e de qualidade.

Segundo Benavente (1976):

“por meio social,... são os hábitos, o modo de vida, os valores morais e culturais do seu meio que a criança interioriza. Cada criança constrói a sua personalidade e a sua inteligência nas trocas com o meio que a rodeia. Tanto do ponto de vista afectivo como intelectual, a criança é tributária das relações que estabelece com a mãe e com a família no seu conjunto. (...) Quando se fala (insucesso escolar) pensa-se logo na criança e pensa-se (O que é que ela tem que não aprendeu?) ignorando-se assim que o insucesso é o resultado da relação criança-escola e que a criança, no momento da sua entrada para a escola, é já largamente tributária do meio em que nasceu e onde vive.” (pp. 20-31)

Um ambiente enriquecedor é aquele que estimula o pensamento complexo do cérebro enquanto que a estabilidade emocional pode impedir a criança de aprender.

Para Carneiro (2001), “uma casa que possibilita à criança estimular o cérebro através de jogos, música, livros, cores e intercâmbio de conhecimentos favorece decididamente uma melhor aprendizagem dos seus filhos.” (p.37)

Pelo contrário, Almeida (1988) refere que “os alunos das classes socialmente baixas tendem a abandonar mais precocemente a escola, designadamente quando confrontados com maiores dificuldades de aprendizagem...”(p.129)

Para Marques (2001), citando Moraes et al. (1994), “a maioria dos pais da classe média exerce algum papel educativo: lêem aos filhos, compram livros, levam-nos às bibliotecas, reforçam a motivação do estudante e ajudam os filhos nos trabalhos de casa.” (p.13)

Segundo Gray, citado por Marques (1988), “o “background” de experiências anteriores pode influenciar, também o progresso na

aprendizagem, sendo de admitir que um “background” de experiências rico e variado tende a melhorar o nível da linguagem oral.” (p.55)

Segundo Marques (1988), “um bom ambiente cultural pressupõe o contacto frequente com livros e histórias, visitas ao zoo, museus e bibliotecas e o envolvimento frequente em jogos educativos e conversas com adultos.” (p.55)

Finkelsztein (1989) afirma que “as crianças dos meios sócio-económico desfavorecidos entre eles os filhos dos emigrantes, são as principais vítimas do insucesso escolar”. (p.16)

Estes factores podem influenciar o rendimento escolar, mas não são controláveis directamente pela estrutura educativa.

Benavente (1976) refere que “é na sua família que a criança aprende a falar, a distinguir “o que se faz” do que “não se faz”, que a criança “aprende” certos comportamentos (a obedecer, a não mentir, a ser delicada, etc.) e princípios que regem a vida social. É na família e através dela que a criança terá ou não contacto com livros, com brinquedos, que ela viajará, aprenderá muita coisa, que a sua curiosidade será desperta...” (p.20)

4.3.Factores a nível da estrutura escolar

Segundo Leal (1988), “...a escola deve a cada criança a possibilidade de algo que ela possa viver, como sucesso na tarefa básica para a pessoa: de crescer, desabrochar, desenvolver, construir um seu lugar no contexto de um seu grupo social.” (p.47)

Neste grupo inclui-se toda a política educativa, o currículo escolar, o programa, a metodologia, as estratégias, os materiais utilizados, o equipamento escolar, o professor, a avaliação, o número elevado de alunos por turma o que dificulta um acompanhamento mais eficaz por parte do professor.

Segundo La Borderie (1991), citado por Lemos et al. (1994), “um sistema que crie condições para o sucesso de todos contribuindo para a superação das dificuldades e a condução eficaz dos processos de aprendizagem e não para a sanção dos alunos.” (p.19)

A escola insiste ainda num ensino formal, quando deveria estar mais ligado à vida, à observação, à descoberta, possibilitando ao aluno estar mais apto, mais interessado e compreender o que está a aprender.

4.4.Características individuais do aluno

Tanto os pais, professores e sociedade indicam que o próprio aluno é a maior fonte do seu próprio insucesso. Tantas vezes ouvimos as seguintes afirmações: “pouco estudioso”, “desinteressado”, “incapaz de aprender”, “ caso difícil”...

Contudo, não nos devemos esquecer que cada aluno tem as suas características individuais: grau de inteligência, entusiasmo ou apatia; capacidade de assimilação, de comunicação.

Segundo Fonseca (1999), “a criança com DA manifesta discrepâncias entre a capacidade para compreender acontecimentos, experiências e ideias e a capacidade para aprender a ler, escrever ou calcular.” (p.366)

Todavia, o insucesso pode surgir de outras características como o desinteresse, a fome, a doença, trauma psicológico, mau ambiente familiar (os pais autoritários, divórcios), problemas afectivos, cognitivos e genéticos.

Para Fonseca (1999), “as crianças emocional e socialmente desajustadas tendem a obter fracos resultados escolares, na medida em que os distúrbios emocionais desintegram o comportamento e, consequentemente, o potencial da aprendizagem.” (p.379)

Existem muitos factores que podem afectar a aprendizagem: prematuridade, problemas infecciosos, viroses, anemia, baixo peso ao nascer, lesões mínimas do cérebro, níveis baixos de atenção, problemas de controlo, défices auditivos e visuais, problemas de comportamento.

A aprendizagem é uma função do cérebro e esta dá-se quando estão todas as condições presentes.

Fonseca (1999) refere que “a memória é imprescindível à aprendizagem, geralmente, as crianças com DA acusam frequentemente problemas de memorização, retenção...” (p.379)

Segundo Fonseca (1999), “no período operacional (7 – 11 anos) inicia-se a dominância da maturação do hemisfério esquerdo, período em que a dominância manual se estabelece e que compreende a aprendizagem da linguagem escrita.” (p.179)

Na maioria dos alunos instalou-se a frustração, a dúvida e a desmotivação. Certamente existirão mais causas, mas as principais foram aqui enumeradas. Provavelmente, uma só causa não será suficiente para provocar o insucesso, elas não incidem isoladamente.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

1. Âmbito da pesquisa

Explicitada a problemática teórica e efectuado o respectivo enquadramento, apresentaremos a metodologia que consiste na identificação e definição dos processos e técnicas que o pesquisador utiliza para intervir na realidade. Seguiremos os critérios da investigação qualitativa em que a fonte directa de dados é o ambiente natural e os dados são recolhidos sob a forma de palavras ou imagens.

1.1. Campo – Escola

O Jardim-Escola onde se realizou o nosso trabalho de investigação qualitativa situa-se na cidade de Castelo Branco. Este Jardim-Escola abriu ao público em Setembro de 1934, mas a sua inauguração oficial só veio a acontecer em Maio de 1936.

Em 1991/1992 foi inaugurada a escola do 1.º Ciclo, composta pelos 4 anos desse mesmo ensino, pois até a essa data havia apenas 2.º e 3.º anos do 1.º Ciclo. A Escola do 1.º Ciclo foi construída pelos Encarregados de Educação dos alunos desta valência, uma vez que a instituição tinha algumas dificuldades monetárias, e como a satisfação quanto à educação dos seus educandos era excelente (referido assim no discurso da inauguração), toda a comunidade educativa participou activamente.

Localiza-se na parte antiga da cidade, conhecida por “castelo”. O seu edifício está situado na parte Norte da cidade, a escassos metros da Escola Superior de Enfermagem, do Museu, do Convento da Graça e da Santa Casa da Misericórdia.

Estando situado num meio urbano, a maioria da população escolar deste Jardim-Escola é oriunda de várias aldeias e vilas próximas, bem como da própria cidade.

Este Jardim-Escola, sendo uma instituição particular de solidariedade social, não pertence a nenhum território educativo de intervenção prioritária, mas inclui no seu horário de funcionamento actividades de tempos livres.

A abertura faz-se às 8h e o encerramento às 19h, diariamente, para que se possa dar maior apoio às famílias das crianças.

Existem 2 turmas na Creche, 4 turmas na Secção Infantil e 5 turmas no 1.º Ciclo. O seu regime de funcionamento é normal, decorrendo as actividades lectivas da Secção da Creche entre as 9h e as 11h de manhã e entre as 15h e as 16h, Infantil entre as 9h e as 12h30m de manhã e as 14h30m e as 16h30m de tarde. As do 1.º Ciclo decorrem entre as 9h e as 13h, de manhã e as 14h30m e as 17h, de tarde.

A Creche tem uma capacidade para 34 utentes, estando 32 utentes abrangidos pelo Acordo da Segurança Social. Na Secção Infantil existe uma capacidade para 96 crianças, estando 92 utentes abrangidos pelo Acordo da Segurança Social. No 1.º Ciclo tem capacidade para 120/125 utentes.

O edifício do Jardim-Escola encontra-se em bom estado de conservação. É constituído por onze salas de aula onde se realizam as principais actividades curriculares das crianças. Em todas as salas da Creche e Infantil/Pré-Escolar, existem os cantinhos (leitura, jogos) de modo a proporcionarem às crianças actividades lúdicas e de enriquecimento cultural. As duas salas da creche, fazem de dormitório (das 12h30 até às 15h), usufruindo as crianças da creche e do Bibe Amarelo dos 3 anos de idade. Cada sala tem uma biblioteca e um computador, estando ligado à Internet apenas os das salas do 1.º Ciclo. Sempre que as crianças da Pré-Escolar necessitam de utilizar esse meio informático, as docentes trocam de sala. Possui uma Sala de Isolamento/Gabinete Médico/Apoio, que serve para se fazerem os rastreios médicos e para isolar uma criança sempre que, por razões de saúde, se justifique. Ainda é utilizada pelas docentes para reuniões ou realização de tarefas. A escola tem uma cozinha e dois refeitórios. As refeições são

preparadas na cozinha e servidas nos respectivos refeitórios. Estes são utilizados por todas as turmas, onde são servidos os almoços e os lanches em regime de turnos.

O espaço escolar tem um ginásio, quatro arrecadações, uma lavandaria, catorze instalações sanitárias (três para Creche e Pré-Escolar; quatro para o 1.º ciclo e três para pessoal docente, duas para pessoal não docente e duas para deficientes motores), uma Biblioteca com cerca de 2000 livros, uma secretaria ou gabinete de direcção, um arquivo, um vestiário, cinco recreios.

Quanto à caracterização da População Escolar, neste Jardim-Escola estão matriculadas 225 crianças, distribuídas por 2 turmas de Creche, 4 turmas da Secção Infantil e 5 turmas do 1.º Ciclo.

As crianças que frequentam este jardim-escola revelam diferentes níveis de heterogeneidade: socio-económico, cultural/étnico, cognitivo e comportamental.

Apesar da existência de alunos pertencentes a famílias carenciadas, cujos pais ou encarregados de educação estão, até, no desemprego, uma grande parte dos alunos pertence a um estrato social médio.

O corpo docente do jardim-escola é constituído por 7 educadores na Secção Infantil e 5 professores no 1.º Ciclo. Existem, também, docentes a tempo parcial que leccionam as áreas de Inglês, Expressão e Educação Musical e Expressão e Educação Físico-Motora, tanto à Secção Infantil como ao 1.º Ciclo.

O corpo não docente é constituído por 3 auxiliares da acção educativa (uma do quadro, duas do Instituto do Emprego e Formação Profissional), uma cozinheira e seis auxiliares de serviço geral que apoiam ambas as valências.

Este pessoal distribui-se pelos seguintes serviços: apoio à actividade lectiva, serviços de almoços e lanches, acompanhamento dos alunos no dormitório, WC, nas entradas e saídas.

O projecto educativo deste Jardim-Escola tem como finalidade desenvolver e consciencializar para a globalização e cidadania multicultural.

Os principais objectivos são:

- Promover as relações intra pessoais e interpessoais entre o jardim-escola, a comunidade educativa e a sociedade;
- Desenvolver e promover os princípios da solidariedade, amizade, tolerância e respeito pelo “Outro”, aceitar a diferença, saber partilhar, saber preservar o ambiente e material escolar, envolver toda a comunidade educativa, trabalhar para a paz;
- Aumentar a tolerância face às diferenças;
- Consciencializar para a globalização e cidadania multicultural;
- Promover o clima de harmonia, coerência e sinceridade entre as docentes e auxiliares;
- Incentivar a participação dos encarregados de educação no processo educativo dos seus educandos, não permitir a desresponsabilização;
- Incentivar parcerias entre o jardim-escola com outras instituições contribuindo para a promoção do sucesso escolar dos utentes (alunos).

Em relação ao insucesso escolar em Língua Portuguesa, no 1.º ciclo, existem vinte “casos” nesta instituição.

As docentes de cada turma seleccionam os alunos, Infantil e do 1.º Ciclo, que têm mais dificuldades em acompanhar a turma. Todos os alunos seleccionados beneficiam de apoio directo nas salas de aula. O apoio educativo é feito pela docente titular de turma. Os docentes titulares de turma, juntamente com o director pedagógico, elaboram o plano de apoio/plano de recuperação e estratégias a aplicar, de modo a promover o sucesso dessas crianças.

Para além das reuniões trimestrais com os pais, a docente permanece uma vez por mês, uma hora, após o horário lectivo para atender os Encarregados de Educação, estando presente também a directora da instituição. Este atendimento é estabelecido no início do ano lectivo com os Encarregados de Educação.

1.2. Alvo

O alvo desta investigação é constituído por cinco alunos (3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) de uma turma de 4.º ano composta por 15 alunos. Estes frequentam esta escola desde o jardim-de-infância. Dois alunos foram retidos no 2.º ano de escolaridade.

A aluna “A” foi retida no 2.º ano e tem plano de recuperação desde esse ano (ano lectivo 2005/2006). Os pais possuem o 6.º ano de escolaridade. O pai é pedreiro e actualmente trabalha no estrangeiro e a mãe é doméstica. É uma aluna que participa pouco, tem alguma dificuldade na articulação de algumas palavras, na leitura (ritmo lento e leitura silábica) e na expressão escrita (muitos erros ortográficos e na ordenação de ideias). Quando é solicitado, o Encarregado de Educação vem à escola e disponibiliza-se a acompanhar a filha, mas também tem certas dificuldades, dando alguns erros ortográficos em recados.

O aluno “B” foi retido no 2.º ano, teve plano de recuperação nos dois anos que frequentou o 2.º ano e este plano foi suspenso no 3.º ano, mas no 4.º ano irá ter. Os pais deste aluno são oriundos de S. Tomé e Príncipe. O pai tem licenciatura em Medicina através dos cursos PALOP e a mãe tem o 4.º ano e é doméstica. O aluno “B” apresenta dificuldades na descodificação, na interpretação de recados, mensagens, textos, de situações problemáticas... Este aluno lê, mas não compreende o que lê.

O aluno “C” teve plano de recuperação no 1.º ano e no 2.º ano. O pai possui o 9.º ano e a mãe, o 12.º ano de escolaridade. Os pais estão divorciados e o aluno está quase sempre com a avó materna. No 2.º ano, a professora pediu à mãe para ir à escola para falarem sobre as dificuldades e para levar o filho ao oftalmologista. Após várias tentativas (durante meses), a mãe foi à escola e levou-o ao oftalmologista. Desde o ano anterior, o aluno usa óculos. Este aluno apresenta dificuldades na leitura e na expressão escrita. É acompanhado na consulta de desenvolvimento do Hospital de Castelo Branco. No relatório são mencionadas as dificuldades da leitura e da expressão escrita.

A aluna “D” nunca teve plano de recuperação, mas tem muitas dificuldades na leitura. Na expressão escrita, ao escrever troca as sílabas, dá

muitos erros ortográficos. Os pais estão separados e só tenho informação dos dados da mãe que possui o 12.º ano de escolaridade.

A aluna “E” nunca teve plano de recuperação. Apresenta muitas dificuldades na expressão escrita, dá muitos erros ortográficos, essencialmente o “f” e “v”; o “nh” e “lh”. Esta aluna tem alguns problemas auditivos. Os pais têm licenciatura e acompanham a actividade escolar e colaboram na minimização destes problemas.

Nas reuniões de conselho pedagógico, os alunos “A”, “B” e “C” foram referidos devido às suas dificuldades ficando registado em actas ao longo do seu percurso no 1.º Ciclo.

2. Fontes de dados

A partir dos estudos apresentados na Revisão da Literatura, pretendemos recolher dados relevantes de acordo com a finalidade do objectivo do nosso trabalho. Os dados necessários são substantivos e factuais. Os dados substantivos relacionam-se com a interpretação que o investigador fez do que aconteceu ou do que retirou da análise de documentos. Os dados factuais estão relacionados com factos.

As fontes de dados devem ser variadas de modo a enriquecer o trabalho, assim recorreremos às seguintes fontes de dados: pessoas, situações e documentos.

a) Pessoas – as pessoas sobre as quais recairá a recolha de dados. O alvo do nosso estudo é constituído por três alunos de dez anos e dois de onze anos sobre os quais recaem a nossa observação.

Os inquiridos por questionário são cinco encarregados de educação e os cinco alunos (alvo). Escolhemos os pais porque através deles recolhemos elementos importantes para o nosso estudo sobre as causas do insucesso, a prática da leitura, a aquisição de livros...

Os alunos também serão inquiridos no final do Projecto de Intervenção para tentarmos compreender o impacto que teve este projecto e se as estratégias foram as mais adequadas para os levar ao sucesso escolar.

A entrevista foi efectuada à professora que acompanhou estes alunos durante os dois anos e à directora da escola que também é professora. No caso das professoras, pareceu-nos pertinente visto que são elementos que estão na escola, que acompanharam directamente o alvo e que podem indicar onde os alunos têm mais insucesso em Língua Portuguesa e quais serão as estratégias a adoptar.

O autor do projecto, estando inserido no fenómeno em estudo, vai auxiliando a compreensão e interpretando os dados obtidos.

b) Situações – foram realizadas duas observações aos alunos considerados alvo deste trabalho. É uma observação natural realizada no meio escolar e o mais discreta possível, para não perturbar a aula e para o aluno não saber que está a ser observado. A primeira observação realizou-se no mês de Janeiro (início do Plano de Intervenção) e a segunda, no mês de Junho (final do Plano de Intervenção). Nas duas observações tivemos em conta o comportamento apresentado por cada aluno face à expressão oral, à expressão escrita e à leitura.

c) Documentos – Dos documentos obtêm-se informações importantes para o desenvolvimento do trabalho. Fizemos análise de documentos (actas, relatório psicológico, planos de recuperação, fichas de informação, fichas de avaliação, fichas de trabalho e pauta das provas de aferição) para obtenção de dados relativos ao estudo.

3. Técnicas e Critérios de Recolha de Dados

De acordo com os objectivos do nosso estudo, delineámos os seguintes instrumentos: o inquérito por questionário, a entrevista semi-estruturada, a observação directa e a análise de documentos. O estudo foi desenvolvido num

campo onde o investigador faz parte e interage, o plano de intervenção foi planeado e desenvolvido pelo próprio investigador.

3.1. Inquérito por questionário

O inquérito é um instrumento que fornece dados úteis para se retirarem as conclusões, mas para isso deve estar bem estruturado, com questões bem definidas. Segundo Bell (2008), “o objectivo de um inquérito é obter informações que possam ser analisadas, extrair modelos de análise (...) Nos inquéritos devem fazer-se as mesmas perguntas aos indivíduos e, tanto quanto possível, nas mesmas circunstâncias. A formulação das perguntas não é tão fácil como pode parecer, sendo também necessário conduzir cuidadosamente o inquérito por forma a garantir que todas as perguntas significam o mesmo para todos os inquiridos.” (pp.26-27)

Segundo Afonso (2005), “...os inquéritos consistem em conjuntos de questões escritas a que se responde também por escrito.” (p.101)

As perguntas de um questionário podem ser directas ou indirectas. As respostas podem ser não estruturadas ou abertas (quando o inquirido responde, justificando a sua resposta, elaborando uma frase ou um pequeno texto) e fechadas (quando a opção de resposta é limitada a algumas respostas) ou semi-estruturada (quando a resposta tem algumas hipóteses e posteriormente justifica-se a opção escolhida).

Quando o questionário é distribuído pessoalmente pelo investigador denomina-se de questionário por administração directa. Antes de ser aplicado, o questionário é aplicado a título experimental para se obter comentários sobre o próprio instrumento. Após esta aplicação, se for necessário reformula-se tendo em conta as sugestões/ comentários dos inquiridos. De seguida, aplica-se o questionário para posterior análise dos dados.

O questionário aplicado aos Encarregados de Educação é composto por nove questões. Cada questão tem duas ou três opções de resposta e o questionário aos alunos é constituído por nove questões.

3.2. Entrevista

A entrevista é um instrumento de recolha de informação através de conversas orais que podem ser individuais ou em grupo, as pessoas entrevistadas são previamente seleccionadas de acordo com os objectivos do estudo. O entrevistado tem a possibilidade de manifestar as suas ideias. Existem três tipos de entrevistas: entrevistas estruturadas, não estruturadas e semi-estruturadas.

Nas entrevistas estruturadas, o entrevistador utiliza um guião e controla a sua execução, os entrevistados respondem às questões que foram definidas de acordo com os objectivos.

Nas entrevistas não estruturadas existe um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado mas sem perguntas específicas. O entrevistador ouve o entrevistado.

As entrevistas semi-estruturadas são um modelo de entrevistas intermédio. Estas entrevistas são feitas a partir de um guião que é construído a partir das questões de pesquisa. Segundo Afonso (2005): “a cada objectivo corresponde uma ou mais questões. A cada questão correspondem vários itens ou tópicos ...” (p.99)

Segundo Bogdan e Biklen (1994), “nas entrevistas semi-estruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre o vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão.” (p.135)

Para que a entrevista tenha sucesso é necessário que o entrevistado se sinta sem qualquer constrangimento para que este possa se exprimir livremente. O entrevistado responde às questões e se for necessário o entrevistador adapta-as face à informação que recebe.

Bogdan e Biklen(1994) referem que “as boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes.” (p.136)

3.3. Observação directa

A observação é um instrumento de recolha de dados que apresenta os comportamentos e acontecimentos no próprio momento. Esta não se deve prolongar para além dos 30 minutos; o anonimato e a confidencialidade devem ser cumpridos. O observado não deve ter conhecimento que está a ser observado.

Segundo Afonso (2005), “a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos...” (p.91)

Para Quivy e Campenhoudt (2008), “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação. (...) Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifestada e recolhida directamente neles pelo observador.” (p.164)

Para a realização da observação, elabora-se uma grelha construída previamente onde se regista os dados recolhidos durante a observação (anexo 1).

Com o objectivo de obtermos dados sobre o que pretendemos, observámos os cinco alunos do 4.º ano durante uma aula de Língua Portuguesa.

3.4. Análise de documentos

A análise de documentos (actas, relatório psicológico...) permite recolher informações/dados relevantes para o estudo.

Segundo Afonso (2005), “a pesquisa arquivística consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação.” (p.88)

Podemos analisar vários documentos, tais como: oficiais, públicos e privados. Os primeiros encontram-se nos arquivos da administração pública, das organizações escolares (como actas, processos...) e publicações oficiais do Estado (Diário da República...). Nos documentos públicos, englobam-se as notícias... Nos privados incluem-se arquivos de escolas particulares, de empresas, de sindicatos (exs: cadernos diários, trabalhos escolares...).

Neste estudo analisaremos documentos privados e oficiais.

Contudo, Quivy e Campenhoudt (2008) alertam para os problemas que podem surgir tais como:

“(i) nem sempre é possível o acesso aos documentos. Em certos, o investigador tem efectivamente acesso aos documentos, mas, por uma razão ou por outra (carácter confidencial, respeito pela vontade de um interlocutor...), não pode divulgar as informações; (ii) os numerosos problemas de credibilidade e de adequação dos dados às exigências da investigação obrigam por vezes o investigador a renunciar a este método já no decurso do trabalho; (iii) como os dados não são recolhidos pelo próprio investigador, de acordo com os critérios que mais lhe convêm, deverão, normalmente ser submetidos a manipulações...” (p.204)

4. Instrumentos de Recolha de Dados

Para recolher informações/dados sobre o Insucesso Escolar em Língua Portuguesa e para melhor compreendermos o fenómeno em estudo, elaborámos os seguintes instrumentos: entrevistas, inquéritos, observações e análise de documentos.

Inicialmente foi solicitada a autorização à direcção da instituição onde será desenvolvido o Projecto de Intervenção, para que possa proceder à aplicação dos instrumentos de recolha de dados, bem como a aplicação do Projecto de Intervenção nos cinco alunos do quarto ano. O pedido foi feito através de carta (anexo 2) e entregue por mão própria, tendo sido imediatamente obtida a autorização para o desenvolvimento do trabalho.

A recolha decorreu durante o ano lectivo 2008/2009. No mês de Novembro validámos os inquéritos e as entrevistas. Após o feedback dado

pelos inquiridos e entrevistados procedemos à alteração de alguns itens para posterior utilização. Em seguida, elaborámos a grelha do registo de dados para a observação e o guião para a entrevista e concluímos a elaboração do questionário por inquérito.

Para a observação e o inquérito foram utilizados o papel e a caneta. Na entrevista foi utilizado um gravador para se proceder à gravação da mesma. A gravação foi destruída, após a transcrição da entrevista (anexo 3).

a) Entrevista

Inicialmente, elaborou-se um guião da entrevista (anexo 4), constituído por oito questões, baseadas nas categorias e conceitos oriundos da Revisão da Literatura.

Antes de se proceder à entrevista, o guião foi validado por uma professora e uma educadora da instituição de modo a verificar se as questões eram pertinentes e compreensíveis.

Foram seleccionadas para responder à entrevista a directora da escola e a professora que acompanhou estes alunos durante dois anos.

A entrevista foi marcada para o gabinete de direcção individualmente de acordo com a disponibilidade das entrevistadas. Foi-lhes explicado o objectivo do trabalho e garantimos a confidencialidade das informações. Antes da realização da entrevista pedimos a autorização das entrevistadas para a gravação da mesma com a finalidade de transcrevermos fielmente a entrevista e, após essa tarefa, ser destruída.

Realizámos as entrevistas em Fevereiro de 2009.

As entrevistadas foram codificadas da seguinte forma: E1 – primeira entrevista, e E2 – a segunda entrevista.

As duas entrevistadas mostraram-se sempre disponíveis, à vontade e não revelaram qualquer dificuldade em responder às questões.

Após a realização das entrevistas procedemos à transcrição das mesmas para papel. A transcrição foi integral e fiel ao que foi referido (anexo 3).

Através da análise das entrevistas, procedemos à categorização, destacámos as unidades de registo assinaladas pela abreviatura (UR). Os dados extraídos foram apresentados numa tabela de categorização, as citações copiadas estão identificadas com a sigla (UR) e seguidas do número de ordem que se encontra na entrevista (anexo 5).

Foram estabelecidos os seguintes objectivos: (i) obter dados sobre as causas determinantes do insucesso escolar; (ii) conhecer onde é que os alunos apresentam mais dificuldades; (iii) conhecer se o acompanhamento do Encarregado de Educação influencia a aprendizagem do educando; (iv) obter dados sobre como é que os alunos ultrapassam as suas dificuldades; (v) obter dados sobre como os alunos aprendem melhor; (vi) recolher estratégias a desenvolver com os alunos com dificuldades; (vii) obter dados sobre projectos que a escola tem para desenvolver a competência linguística.

b) Inquérito por questionário

Realizámos no início do mês Dezembro de 2008, um pré-teste do inquérito de modo a testá-lo. Foi entregue a dez pais com características semelhantes aos inquiridos. Deste pré-teste foram indicadas algumas alterações, sobretudo à ordem das questões, as quais foram rectificadas.

Em Janeiro de 2009, procedeu-se à aplicação dos inquéritos por questionário (anexo 6). Estes inquéritos de nove questões foram distribuídos aos cinco pais no final da Reunião de Pais do 1.º período e ficou estabelecido de que os devolveriam ao investigador por mão própria ou enviando pelo próprio educando. O inquirido preencheu-o numa folha, respondendo por escolha múltipla e justificando a resposta. A identificação dos inquiridos está feita do seguinte modo: P1, primeiro pai, P2, segundo pai, P3, terceiro pai, P4, quarto pai, e P5, quinto pai.

A estrutura do inquérito foi definida de acordo com os objectivos definidos e com a revisão da literatura. Os objectivos são: (i) constatar se os filhos das classes mais favorecidas têm mais facilidade em realizar as aprendizagens escolares do que os filhos das classes pobres; (ii) verificar se a família é a

principal responsável pelo insucesso escolar do seu educando; (iii) descobrir se o acompanhamento regular por parte do Encarregado de Educação pode influenciar a aprendizagem escolar do educando; (iv) compreender se o aluno pode fazer mais sobre o sucesso escolar; (v) constatar se os pais adquirem livros regularmente; (vi) verificar se o educando tem oportunidade de observar os pais a ler.

As respostas dadas, com base nas opções fornecidas, foram analisadas e estão apresentadas em gráfico, no que se refere à justificação da resposta, estas estão apresentadas na tabela de categorização (anexo 7).

No final do ano lectivo, foi distribuído ao alvo (cinco alunos) um questionário (anexo 8). Este foi realizado durante a aula de Estudo Acompanhado. O processo de análise de conteúdo foi o mesmo dos outros inquéritos. A identificação dos inquiridos está feita do seguinte modo: A1, primeiro aluno; A2, segundo aluno; A3, terceiro aluno; A4, quarto aluno e A5, quinto aluno.

Nos inquéritos aos alunos, quisemos alcançar os seguintes objectivos: (i) constatar se os pais têm hábitos de leitura; (ii) analisar se os pais lêem histórias para os filhos; (iii) verificar se os filhos acham pertinente o acompanhamento dos pais; (iv) compreender quais as actividades que gostaram mais de realizar durante o Projecto de Intervenção; (v) descobrir quais as actividades que gostaram menos de realizar durante o Projecto de Intervenção.

As respostas dadas com base nas opções dadas foram analisadas e estão apresentadas em gráfico.

c) Observação

A primeira observação decorreu na sala de aula do quarto ano, durante uma aula de Língua Portuguesa, com o intuito de registar o comportamento a nível da oralidade, da leitura e da expressão escrita. As acções observadas eram imediatamente registadas na grelha de observação pré-concebida (anexo 9).

Na segunda observação, que decorreu em Junho, realizámos as mesmas actividades para obtermos dados sobre a evolução do desempenho de cada aluno. Durante a observação foi preenchida a grelha respectiva (anexo 10).

5. Critérios de Tratamento de Dados

A análise de documentos foi realizada em documentos da escola, tais como:

- a) Fichas diagnósticas (realizadas em Setembro);
- b) Planos de recuperação de anos anteriores;
- c) Fichas de avaliação de anos anteriores;
- d) Fichas de informação de anos anteriores;
- e) Actas;
- f) Fichas de avaliação do presente ano lectivo;
- g) Fichas de informação do presente ano lectivo;
- h) Trabalhos realizados na sala de aula: testes de memória, exercícios ortográficos...
- i) Pauta dos resultados das provas de aferição.

Partindo da Revisão da Literatura e dos dados recolhidos, definimos as seguintes categorias e subcategorias das entrevistas e inquéritos:

Quadro 2 – Categorias e subcategorias da Entrevista.

Categoria	Subcategorias
1. Causas do insucesso escolar	
2. Dificuldades em Língua Portuguesa	
3. Classe social	3.1. factor de sucesso 3.2. factor de insucesso
4. O acompanhamento do Encarregado de Educação influencia a aprendizagem	

5. Como os alunos ultrapassam as dificuldades	
6. Como os alunos aprendem melhor	
7. Estratégias a desenvolver com os alunos com dificuldades	
8. Projectos da escola para desenvolver a competência linguística	

Quadro 3 – Categorias e subcategorias do Inquérito aos Encarregados de Educação.

Categoria	Subcategorias
1. Classe social	1.1. factor de sucesso 1.2. factor de insucesso
2. Família/ responsável pelo Insucesso Escolar	
3. Acompanhamento do Encarregado de Educação pode influenciar a aprendizagem	
4. Influência do aluno no seu insucesso escolar.	

Quadro 4 – Objectivos das Questões dos Inquéritos ao alvo

Questão	Objectivo da questão
1. ^a	Obter dados sobre os hábitos de leitura dos pais.
2. ^a	Verificar se os pais lêem histórias aos filhos.
3. ^a	Verificar o grau de satisfação dos alunos quando recebe de presente um livro ou material para escrever.

4. ^a	Constatar se em casa o aluno costuma ler e escrever.
5. ^a	Constatar se os pais acompanham, em casa, o que fazem os filhos na escola e se ajudam nas tarefas.
6. ^a	Constatar se os alunos acham importante que os pais acompanhem o seu percurso escolar.
7. ^a	Verificar se realizaram actividades diferenciadas durante o ano lectivo.
8. ^a	Constatar se o aluno realizou actividades para melhorar a concentração, a leitura e a expressão escrita. Verificar as actividades as actividades que gostaram mais ou menos de realizar.
9. ^a	Constatar se as actividades propostas ajudaram a minimizar as dificuldades.

6. Limitações do estudo

Escolhemos abordar um problema real e complexo que tem repercussões a nível nacional e local.

Com este estudo pretendemos constatar algumas das causas do insucesso escolar, destacaremos essencialmente as causas exteriores à escola. Ficam de fora deste trabalho, apenas por falta de tempo, outros elementos também importantes, tais como: o sistema educativo, a escola, os professores. Queremos clarificar apenas o fenómeno do insucesso escolar e não resolvê-lo.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.2. Fase de diagnóstico

Após a selecção do alvo, tentámos numa primeira fase deste projecto de intervenção recolher algumas informações sobre os alunos (alvo do estudo) através da análise de documentos e da observação de aula, sobre a literacia na família e tentar dar respostas às questões em estudo através de um inquérito a cinco encarregados de educação e de entrevistas a duas professoras.

Recolhemos dados através da análise de documentos na avaliação diagnóstica realizada em Setembro, constatámos que os cinco alunos apresentam muitas dificuldades na leitura, na interpretação, na expressão escrita e revelam falta de atenção e desinteresse nesta área.

A partir desta situação, iniciamos a planificação de actividades a desenvolver desde Outubro de 2008 a Junho de 2009 que passamos a enumerá-la:

Quadro 5 – Actividades propostas durante o Projecto de Intervenção

Actividade	Objectivo	Realização
Teste de memória – a partir de imagens quer da mascote da sala – Astérix como da personagem Popeye (personagens do agrado das crianças).	– Melhorar a atenção.	Uma vez por semana

Actividade	Objectivo	Realização
<ul style="list-style-type: none"> – Diálogos livres sobre assuntos trazidos de casa, de problemas, de notícias ou de temas de estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> – Desenvolver a expressão oral. – Minimizar a inibição dos alunos. 	Todos os dias
<p>Jogos de percepção auditiva</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Adivinha quem falou? – Que ruído é este? – Reprodução de ritmos; – O jogo das cadeiras. 	<ul style="list-style-type: none"> – Aumentar a atenção auditiva. – Descobrir as possibilidades de comunicação através dos sons. – Estimular a capacidade de produzir e reproduzir sons. – Corrigir possíveis anomalias. 	Uma vez por semana
<p>Jogos de memória visual</p> <p>Exemplos:</p> <p>Realizar o retrato de colegas;</p> <p>Encontrar as diferenças numa imagem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Estimular a atenção visual. 	Uma vez por semana
<p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> – ler livros da sala ou da biblioteca da escola; – leitura silenciosa, individual, dialogada; – exercícios para melhorar o ritmo da leitura; 	<ul style="list-style-type: none"> – Melhorar o ritmo da leitura. – Ler fluentemente. – Ler com entoação. 	<p>Todos os dias na sala e em casa</p> <p>(compromisso com os pais).</p>

Actividade	Objectivo	Realização
<p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> – gravação da leitura e audição da mesma para constatarem onde melhoraram e onde devem melhorar. 	<ul style="list-style-type: none"> – Melhorar o ritmo da leitura. – Ler fluentemente. – Ler com entoação. 	<p>Todos os dias na sala e em casa (compromisso com os pais).</p>
<p>Ortografia:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Exercícios ortográficos de palavras; de textos sem e/ou com preparação; de sumários e de situações problemáticas; – Exercícios de reforço de casos especiais de leitura (na sala de aula e em casa). 	<ul style="list-style-type: none"> – Minimizar os erros ortográficos. 	<p>Todos os dias</p>
<p>Expressão escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> – escrita de textos livres; – escrita de textos a partir de imagens escolhidas pelos alunos ou pela professora; – escrita de texto colectivo; 		<p>Todos os dias</p>

Actividade	Objectivo	Realização
<ul style="list-style-type: none"> – elaboração de acrósticos; – elaboração de pequenos poemas; – elaboração de B.D. a partir da mascote; – escrita de adivinhas, anedotas, provérbios; – conclusão de histórias; – escrita de histórias a partir de palavras dadas. 		

2. Apresentação dos dados

A apresentação dos dados parte das opiniões dos inquiridos e dos entrevistados e da observação, com a finalidade de construir narrativas descritivas de modo a aprofundar e compreender o nosso estudo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), “a análise de dados é o processo de busca e organização sistemática de transcrições de entrevistas, notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.” (p.204)

Realizámos inquéritos a cinco encarregados de educação, com as seguintes idades e profissões:

Quadro 6 – Profissão e idade dos cinco inquiridos

	I1	I2	I3	I4	I5
Inquiridos					
Profissão	Cabeleireira	Enfermeira	Comercial	Médico	Delegada Inf. Médica
Idade	45 anos	46 anos	47 anos	49 anos	31 anos

O inquérito é composto por nove questões.

Para a **primeira categoria: Classe Social – factor de sucesso ou de insucesso**, realizámos a 1.^a questão: Acha que os filhos das classes mais favorecidas terão mais facilidade em realizar as aprendizagens escolares do que os filhos das classes pobres?

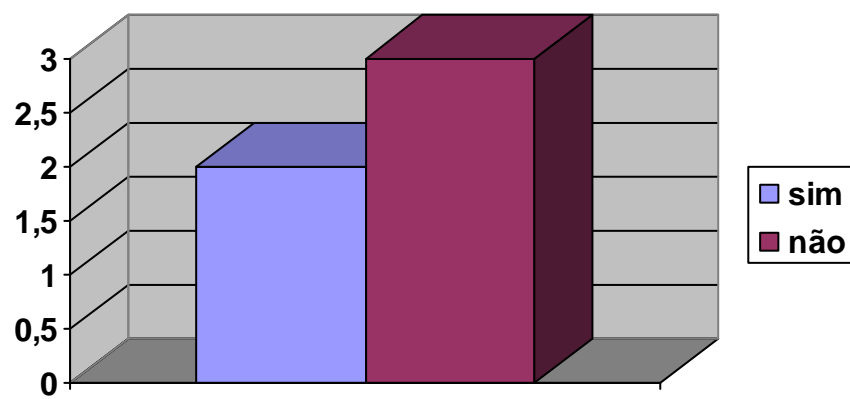


Figura 4 – Respostas à 1.^a questão

Os pais que afirmaram que não e justificaram que as “classes mais favorecidas não são sinónimo de inteligência, empenho...” (UR001/P1), que a “inteligência não tem a ver com estatuto social”(UR001/P3) e que “todas as crianças independentemente da classe têm maior ou menor dificuldade de aprendizagem.” (UR001/P5). Pelo contrário, os restantes inquiridos afirmaram que podem ter “...condições físicas (acessos a teatro, cinema, informática...) que lhe facilitam a aprendizagem.” (UR001/P2) e podem ter a possibilidade de escolher “...melhores escolas/ professores...facilidades em consultar livros/manuais escolares e/ou acesso a TV/Internet.” (UR001/P4). O que vem ao encontro da opinião de Diogo (1998), “o ambiente cultural da família é um elemento importante para o desenvolvimento da criança, nos meios pobres o ambiente cultural é visto como uma causa de inibição e de bloqueio a um desenvolvimento harmonioso enquanto, que nos meios privilegiados, pela

proximidade da cultura de referências este assume-se como factor de crescimento e desenvolvimento pessoal.” (p.53)

Na entrevista foi colocada a mesma questão. As duas entrevistadas afirmaram que os filhos das classes menos favorecidas por “...conhecerem uma vida difícil, às vezes são lutadoras e chegam mais longe do que os outros...”(UR001/E1), “...os filhos das classes pobres são mais cuidados, mais interessados, a família tem mais o cuidado de ver e de acompanhar a nível do currículo escolar da criança(...), mas também é certo que os filhos das classes mais abastadas “...têm mais facilidades e mais conhecimentos têm maiores facilidades de chegar mais longe” (UR001/E2), mas, por vezes, estes pais acham que “...está sempre tudo bem e tudo vai correr sempre bem...”(UR001/E1), em suma, “depende de cada um saber desenvolver depois aquilo que tem” (UR001/E2).

2.1. Categoria “ Família/ responsável pelo insucesso escolar”

Quanto à segunda questão do inquérito:

-Será a família a principal responsável pelo insucesso escolar do seu educando?

Os inquiridos responderam:

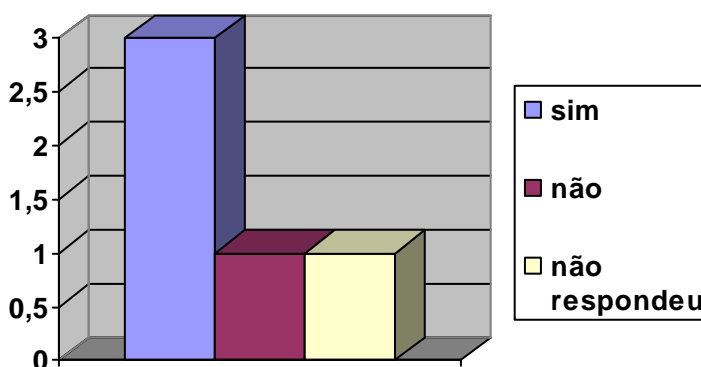


Figura 5 – Respostas à 2.ª questão

Os inquiridos/pais afirmaram que a família é um pouco responsável porque estão “...pouco presentes” (UR002/P3), mas não só “...toda a

sociedade é responsável” (UR002/P1), mas também “todas as circunstâncias que rodeiam a criança influem na sua aprendizagem (a escola, família...)” (UR002/P2), mas é muito importante a família estar presente porque “quando o apoio é inexistente ou o acompanhamento é insuficiente por parte da família o mais provável que aconteça é o insucesso escolar de qualquer criança.” (UR002/P5). Para Gordon e Noel (1998), “os pais são os primeiros professores das crianças e durante os primeiros quatro ou cinco anos, em geral os únicos de máxima importância...Os pais não são apenas os primeiros professores; são de longe os mais importantes.” (p.323)

2.2. Categoria “Acompanhamento do Encarregado de Educação”

Na terceira questão do inquérito, quisemos saber se o acompanhamento do Encarregado de Educação pode influenciar a aprendizagem e os resultados foram os seguintes:

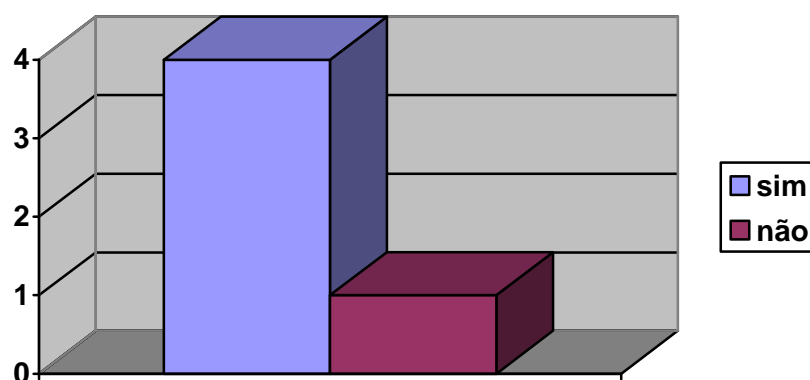


Figura 6– Respostas à 3.ª questão

Um pai considerou que pode influenciar, mas “...não é determinante.”(UR003/P1), os outros quatro pais inquiridos responderam que sim, porque pode-se “...atempadamente corrigir comportamentos e dificuldades de aprendizagem.” (UR003/P2); se a criança for acompanhada “...está mais motivada para a aprendizagem” (UR003/P5), mas também frisaram que a aprendizagem escolar do educando “...não termina e/ou se faz apenas nas

instituições educativas. Para tal é preciso ser complementada por supervisão/acompanhamento do encarregado de educação e/ou pais.” (UR001/P4) e “se tiverem melhor acompanhamento em casa o sucesso pode melhorar.” (UR001/P3). Estas opiniões estão de acordo com o que refere Marques (2001), “a família tem o dever de apoiar e proteger a criança e transmitir-lhes os valores básicos.” (p.12)

As professoras entrevistadas responderam à mesma questão, corroborando com a opinião da maioria dos pais, o acompanhamento do Encarregado de Educação é fulcral para o desenvolvimento da criança e da sua aprendizagem, para “...os filhos se aperceberem que os pais acompanham o seu trabalho...” (UR004/E2), mas também não podemos ignorar que o conceito de família tradicional está a desaparecer, cada vez vemos famílias monoparentais, alargadas o que também influencia este acompanhamento, contudo, os pais devem continuar a “... orientar e ser responsáveis pelo percurso escolar dos filhos”(UR004/E1), mas se a criança vive “...num ambiente instável e viver em instabilidade e à deriva ninguém consegue sucesso.” (UR004/E1) Também Muñiz (1982) afirma que “...os pais podem ajudar os filhos nas tarefas escolares, interessar-se por elas, comunicarem através dos trabalhos e da actividade escolar, mas sem assumirem a função de professor particular.” (p.66)

2.3. Categoria “Influência do aluno no seu insucesso escolar”

Quanto à 4.^a questão, os pais foram unânimes ao concordarem que o aluno influencia o seu insucesso escolar, “...interessando mais no seu dia-a-dia na escola; insistir/batalhar mais na disciplina que lhe é de difícil compreensão/resolução...”(UR004/P4); “pode ser mais trabalhador (...) Quanto mais trabalharem maior é o sucesso”(UR004/P3) e “...pode estudar mais e ser mais aplicado”(UR004/P5), mas “...sempre que for acompanhado” (UR004/P2), em suma, é “...ao aluno e à escola que cabem combater o insucesso.” (UR004/P1). Segundo Leal (1988), “...a escola deve a cada criança a possibilidade de algo que ela possa viver, como sucesso na tarefa básica para

a pessoa: de crescer, desabrochar, desenvolver, construir um seu lugar no contexto de um seu grupo social.” (p.47)

Na 5.^a questão, os pais responderam que os filhos frequentaram a educação pré-escolar.

Em relação à 6.^a questão; “O seu educando leu precocemente?”, as respostas foram as seguintes:

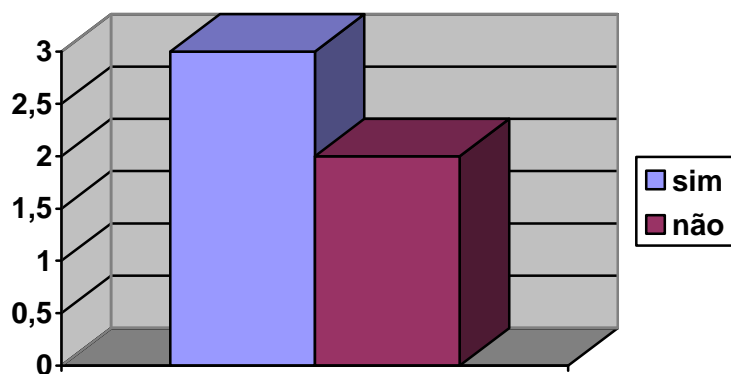


Figura 7 – Respostas à 4.^a questão

Na 7.^a questão; “Compra livros regularmente?”

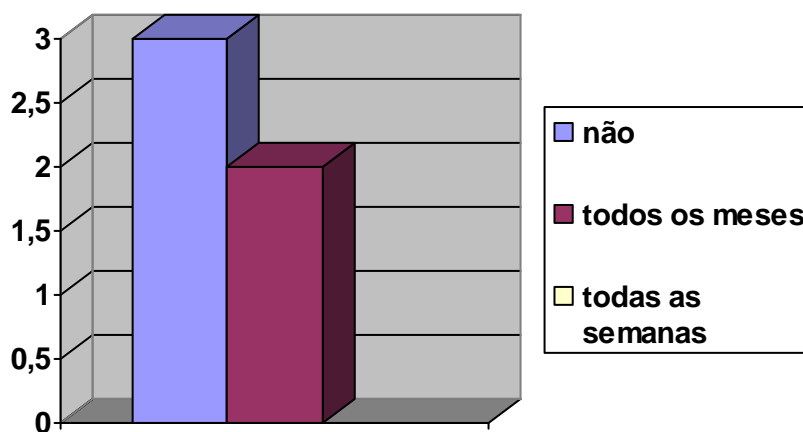


Figura 8 – Respostas à 7.^a questão

Quanto à questão n.º 8 – “Vai regularmente com o seu educando a uma livraria ou a uma biblioteca?”, as respostas foram as seguintes:

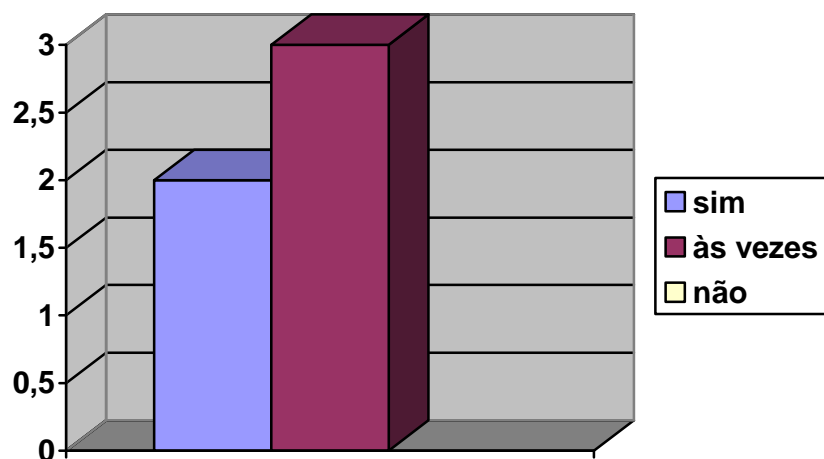


Figura 9 – Respostas à 8.ª questão

Na 9.ª questão; “O seu educando tem oportunidade de o observar a ler?”, responderam:

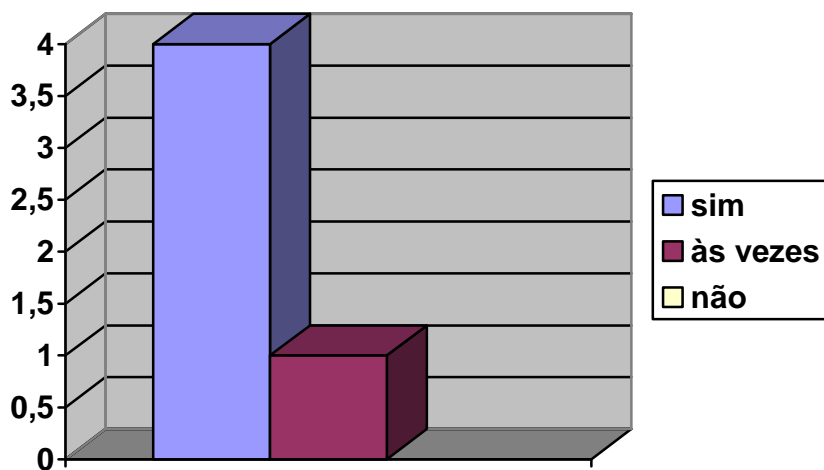


Figura 10 – Respostas à 9.ª questão

Nas entrevistas, realizámos oito questões, duas já foram analisadas. Passaremos, à apresentação dos dados das outras questões. O quadro seguinte mostra a caracterização sócio-profissional dos entrevistados.

Quadro 7 – Dados sobre o cargo, o tempo de serviço, as habilitações e a idade das duas entrevistadas

Entrevistadas	Cargo	Tempo de serviço	Habilitações	Idade
E1	Professora do 1.º ciclo	19 anos	licenciatura	42 anos
E2	Prof. do 1.º ciclo e directora da escola	24 anos	licenciatura	46 anos

2.4. Categoria “Causas do Insucesso Escolar”

Na 1.ª pergunta, questionámos por possíveis causas do insucesso escolar e foram referidas várias tais como “...a família (UR001/E2); “...a falta de incentivo e de conversa por parte da família”(UR001/E1); “...falta de leitura.” (UR001/E1 e UR001/ E2). Estas respostas vêm ao encontro das respostas dadas às questões 7, 8 e 9 do inquérito, onde três pais não compram livros regularmente e dois compram todos os meses porque consideram que os livros são importantíssimos para o desenvolvimento intelectual da criança; dois pais vão regularmente com o educando a uma livraria ou a uma biblioteca e três pais vão às vezes e quatro crianças vêem os pais a ler e um às vezes. Como refere Carneiro (2001), “uma casa que possibilita à criança estimular o cérebro através de jogos, música, livros, cores e intercâmbio de conhecimentos favorece decididamente uma melhor aprendizagem dos seus filhos.” (p.37)

As professoras ainda salientam outras causas: o tempo dedicado “...à TV e jogar durante muito tempo playstation, cansam a vista e o cérebro” (UR001/E2) “...a permissividade dos pais (...) a nível de filmes, porque tudo o que compram é dobrado...” (UR001/E2). Mas se a família tiver em conta que a

criança deve “...deitar cedo e tomar um bom pequeno-almoço também contribui para o sucesso; o contrário origina o insucesso escolar.” (UR001/E2).

2.5. Categoria “Dificuldades em Língua Portuguesa”

Quanto à 2.^a questão: “Onde é que os alunos apresentam mais dificuldades em Língua Portuguesa?”, as duas entrevistadas referiram na escrita, na interpretação de textos, nalguns casos especiais de leitura, mas principalmente na leitura e se “...o aluno não lê, não consegue interpretar...” (UR002/E1); “...se não tem um número de palavras adequado e interiorizado e alargado para a idade nunca vão conseguir fazer e responder como seria desejado.” (UR002/E1); em suma, “...desde que não haja leitura, nada se faz a nível do português.” (UR002/E1). Segundo Sim (2007), “saber ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional.” (p.7)

Da Observação realizada, inferimos que as cinco crianças revelam dificuldades nos aspectos atrás mencionados para além da participação oral insuficiente por parte da aluna “E” e da ortografia. Para além de que todos os alunos revelaram inicialmente desatenção, no decorrer da observação, alguns melhoraram e empenharam-se (alunos “B”, “D”, “E”) revelando algum cansaço, não conseguindo terminar a tarefa dentro do tempo limite previsto para a turma. Também na análise de documentos, estes aspectos são mencionados.

2.6. Categoria “Como os alunos ultrapassam as dificuldades”

Na 5.^a questão; “Na sua perspectiva, como é que os alunos ultrapassam as dificuldades?”

As professoras acham que os alunos conseguem ultrapassar as dificuldades com “...trabalho, leitura e empenhamento.” (UR005/E2), com “...ensino individualizado” (UR005/E1), incidindo mais onde têm dificuldades

“...começando sempre do mais fácil para o mais complicado...”(UR005/E1), mas “...os pais também têm de dar uma ajudinha, nem que seja para a criança dizer assim: Afinal estou a trabalhar e os meus pais também se interessam, por isso vou trabalhar.” (UR005/E2), porque a criança também sabe onde tem dificuldades “...portanto não podemos fazer com que ela pense que nunca vai conseguir, que não sabe e que não presta.(...) tem de ser valorizado...” (UR005/E1)

2.7. Categoria “Como os alunos aprendem melhor”

Relativamente à 6.^a questão: “Como é que os alunos aprendem melhor?”, as professoras disseram que para a criança aprender melhor é necessário que haja “...um bom relacionamento com a professora...”(UR006/E1), para que ela se sinta feliz, motivada, “...interessada, para que ela goste de vir, para que ela estude, para dar o melhor...”(UR006/E1), os alunos aprendem melhor com “...motivação(...)e com muito trabalho...” (UR006/E2). As crianças precisam de perceber que só conseguem se trabalharem mesmo que seja necessário perder tempo nesta ou noutra matéria. “Lembro-me sempre das palavras da Sr.^a D. Maria de Lurdes que dizia: É preciso perder, para ganhar. É preciso perder tempo, ver fazer, mas só aprendem se estiverem atentos, aliás se estivessem atentos, eu acho que eles aproveitavam muito mais.” (UR006/E2) Também Sim-Sim (2007) refere que “o ensino da compreensão da leitura tem de incluir, portanto, estratégias pedagógicas direccionadas para o desenvolvimento do conhecimento linguístico das crianças, para o alargamento das vivências e conhecimento que possuem sobre o Mundo e para o desenvolvimento de competências específicas de leitura.” (p.11)

2.8. Categoria “Estratégias a desenvolver com os alunos com dificuldades”

Na 7.^a questão, “Que estratégias desenvolve com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem de Língua Portuguesa?”, os professores afirmam que a melhor estratégia para tentar superar as dificuldades é começar com “...exercícios mais fáceis...” (UR007/E2), se for preciso começamos “...do zero, ou a partir das dificuldades, do mais fácil para o mais difícil, porque senão é uma bola de neve que vai crescendo porque senão eles desmotivam-se.(...) Trabalhámos e voltámos a repetir.” (UR007/E2). Aliás “...trabalhando sempre e acompanhados em casa, isto é, trabalhar todos os dias em casa e na escola)” (UR007/E2) é que se pode minimizar ou até superar as dificuldades. Mas, é claro que para minimizar as dificuldades em Língua Portuguesa não nos podemos esquecer e descurar a leitura, tentar que os alunos leiam inicialmente uma história mais simples, porque ajuda “...muito, não só na escrita, como no alargar do vocabulário, no imaginar de uma composição, saber interpretar, saber organizar o pensamento...” (UR007/E1). Pois, como refere Alarcão (1995), “não é suficiente saber ler, é necessário fazê-lo de forma competente e eficaz. Toda a vida escolar e profissional depende dessa competência.” (p.22)

2.9. Categoria “Projectos da escola para desenvolver a competência linguística”

Na 8.^a questão: “Que projectos é que esta escola implementa para que os alunos desenvolvam competências linguísticas?”

Segundo as professoras, para desenvolver as competências linguísticas, a escola deve proporcionar actividades “...na biblioteca da escola...” (UR008/E2) e/ou ter parcerias com outras entidades que queiram colaborar como é o caso: “... do Museu, da Biblioteca Municipal, Feira do Livro, o Projecto da Escola.” (UR008/E1). Estas actividades são importantes porque

como afirma Ferraz (2007) “ por vezes a língua da casa colide com a língua da escola”. (p.19)

Com o projecto da escola, as crianças têm um tema para abordar, portanto “...vão ter que explicar e transmitir aos outros colegas. Esse tema que requer, muitas coisas: expressão oral, expressão escrita, organização, interpretação, saber distinguir o que é “palha” do que é essencial, o saber escrever...” (UR008/E1)

3. Apresentação e Análise de Dados após Projecto de Intervenção

Após o Projecto de Intervenção, realizámos cinco inquéritos aos cinco alunos (alvo) sobre os hábitos de leitura, a importância do acompanhamento do Encarregado de Educação e a avaliação deste Projecto.

O inquérito é composto por nove questões.

Na 1.^a questão quisemos saber os hábitos de leitura dos pais, por isso colocamos a questão: Os teus pais têm hábitos de leitura?

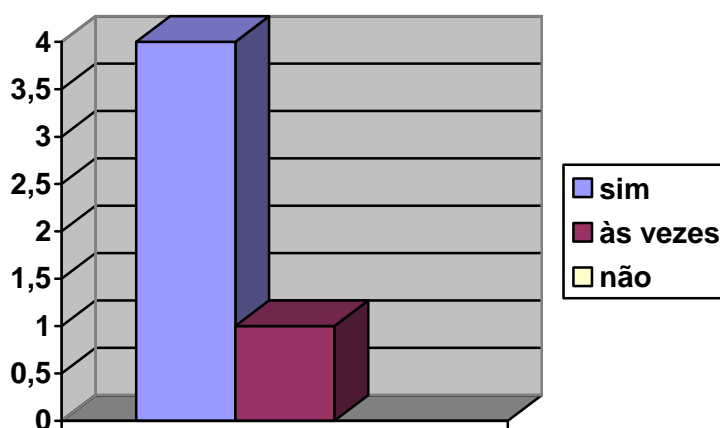


Figura 11 – Respostas à 1.^a questão

2.^a questão: Os teus pais costumam ler histórias para ti?

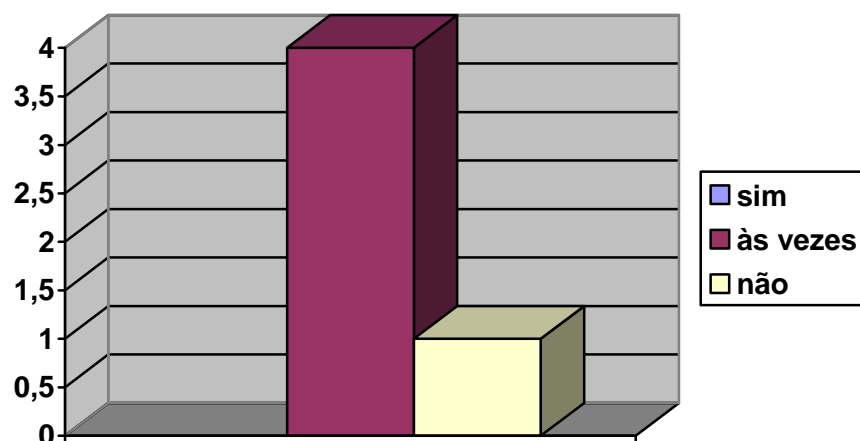


Figura 12 – Respostas à 2.^a questão

3.^a questão: Quando recebes de presente, um livro ou material para escreveres, ficas...

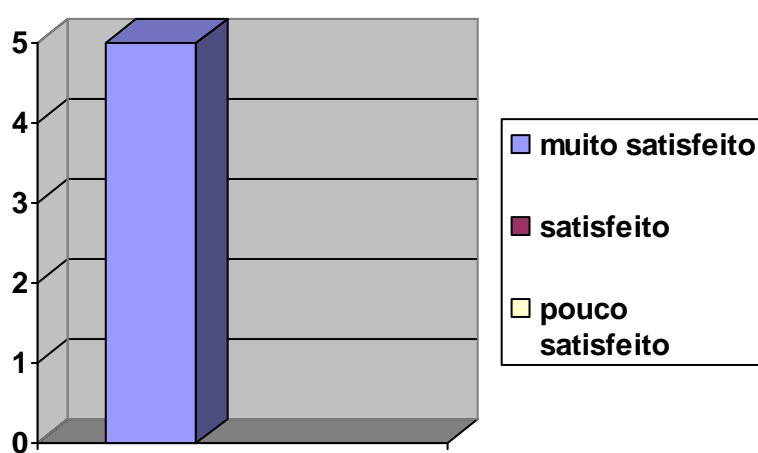


Figura 13 – Respostas à 3.^a questão

4.^a questão: Em casa, costumás ler e escrever?

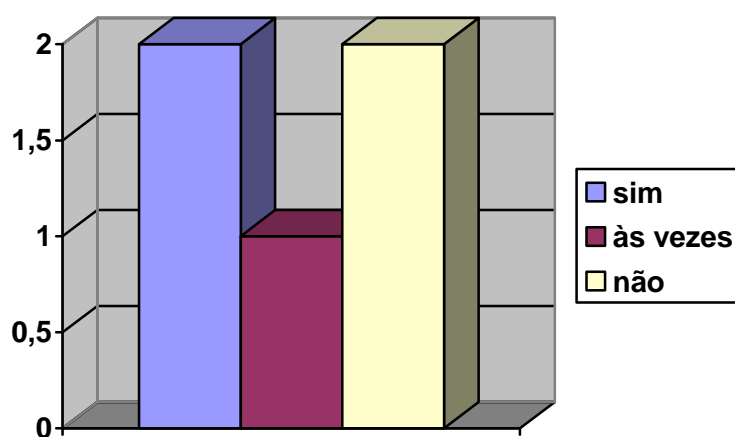


Figura 14 – Respostas à 4.^a questão

Na 5.^a questão: Os teus pais acompanham, em casa, o que fazes na escola e ajudam-te nas tarefas?

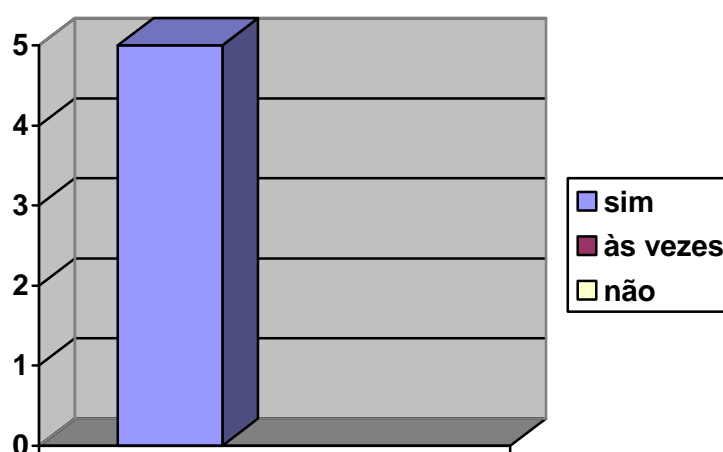


Figura 15 – Respostas à 5.^a questão

À 6.^a questão: Achas importante que os teus pais acompanhem o teu percurso escolar, que se interessem pelos teus progressos ou dificuldades?, os alunos responderam:

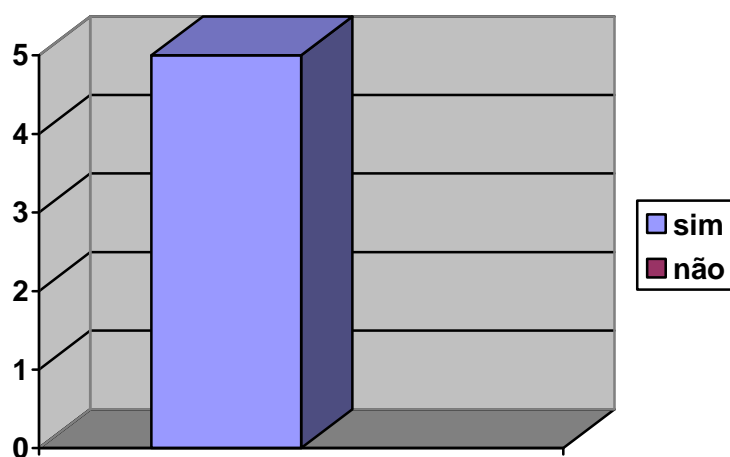


Figura 16 – Respostas à 6.^a questão

Os alunos afirmaram que o acompanhamento por parte dos pais era importante porque “quando eu tenho dúvidas me possam ajudar e para seguirem o meu dia a dia”(UR001/A1), “para eu aprender melhor para tentar passar”(UR001/A2), “se nós não formos acompanhados podemos chumbar ou não sentirmos seguros” (UR001/A3), “para nos ajudarem”(UR001/A4) e “é importante que eles se importem connosco e porque me sinto mais segura.” (UR001/A5). A opinião dada pelos alunos vem ao encontro da de quatro pais (opiniões atrás analisadas), que afirmaram que era importante e que servia para motivar, também Dreikurs (2001) refere que “o encorajamento é para a criança o que a água é para as plantas...”. (p.75)

7.^a questão: “Durante este ano lectivo, realizaste na sala e em casa actividades diferenciadas?”

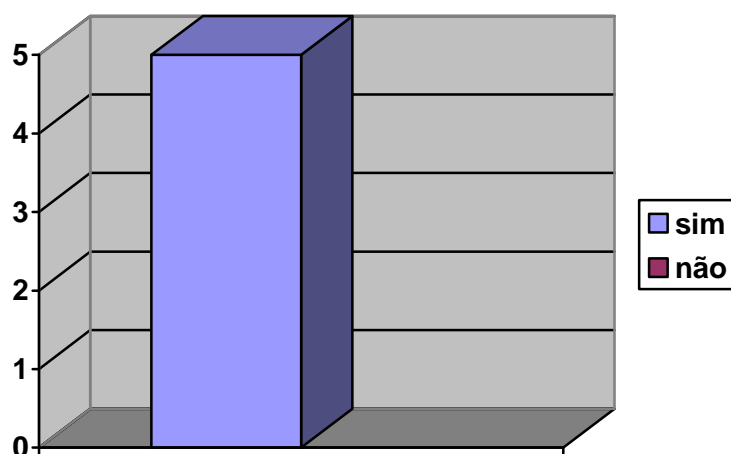


Figura 17 – Respostas à 7.^a questão

8.^a questão: “Este ano, a tua professora realizou actividades para ultrapassares as dificuldades que sentes na concentração, na leitura e na expressão escrita?”

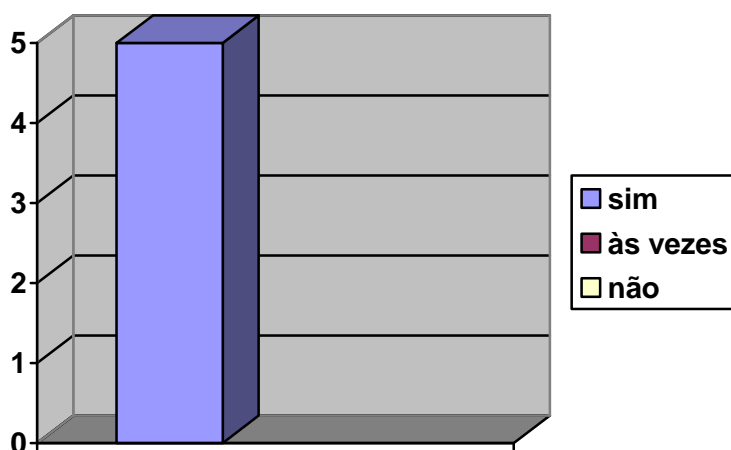


Figura 18 – Respostas à 8.^a questão

Na mesma questão, os alunos indicaram com o número 1 a actividade que gostaram menos e com o 17 a actividade que gostaram mais.

De acordo com o que assinalaram, as cinco actividades com mais preferência por parte dos alunos são:

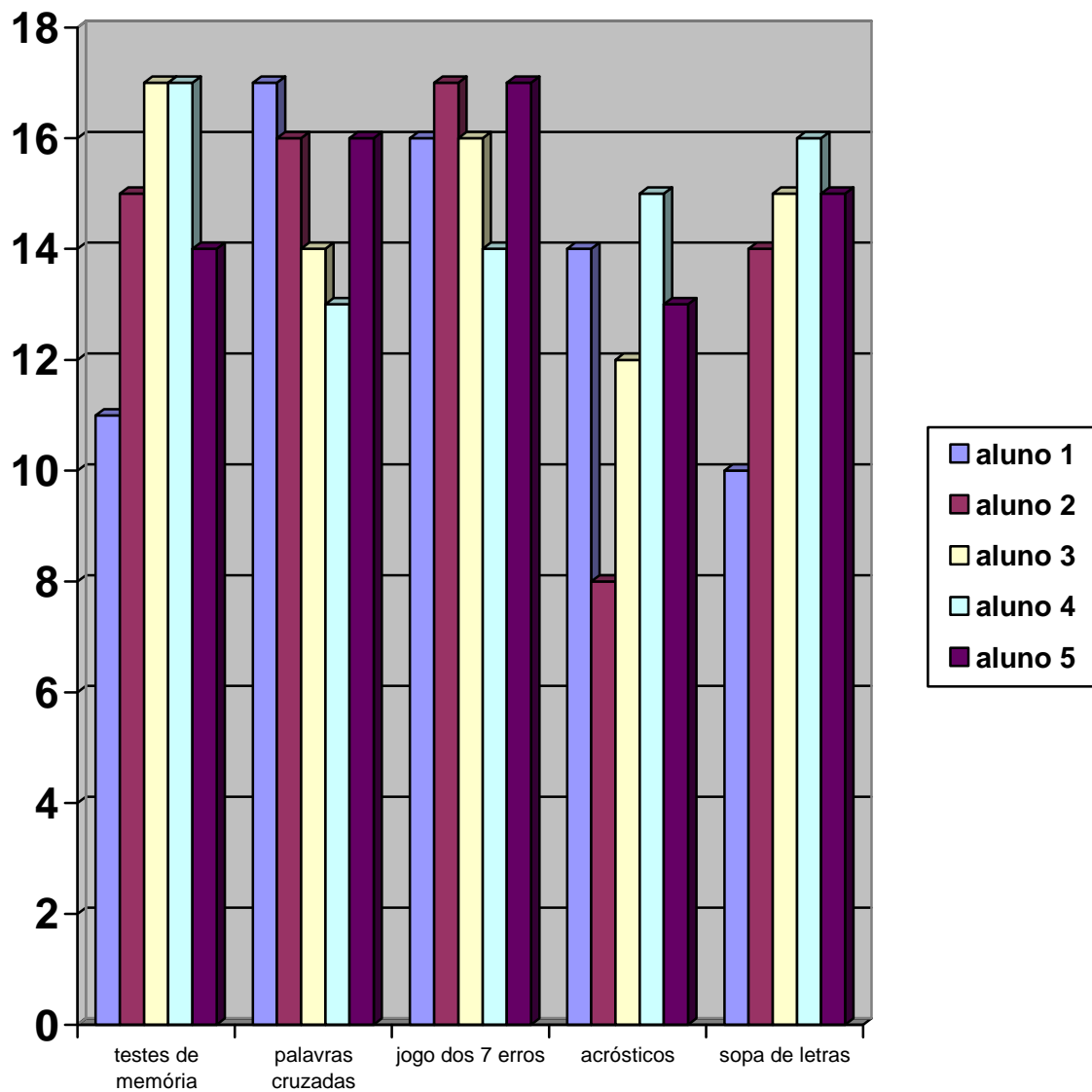


Figura 19 – As 5 actividades com maior preferência

As actividades com menor preferência são:

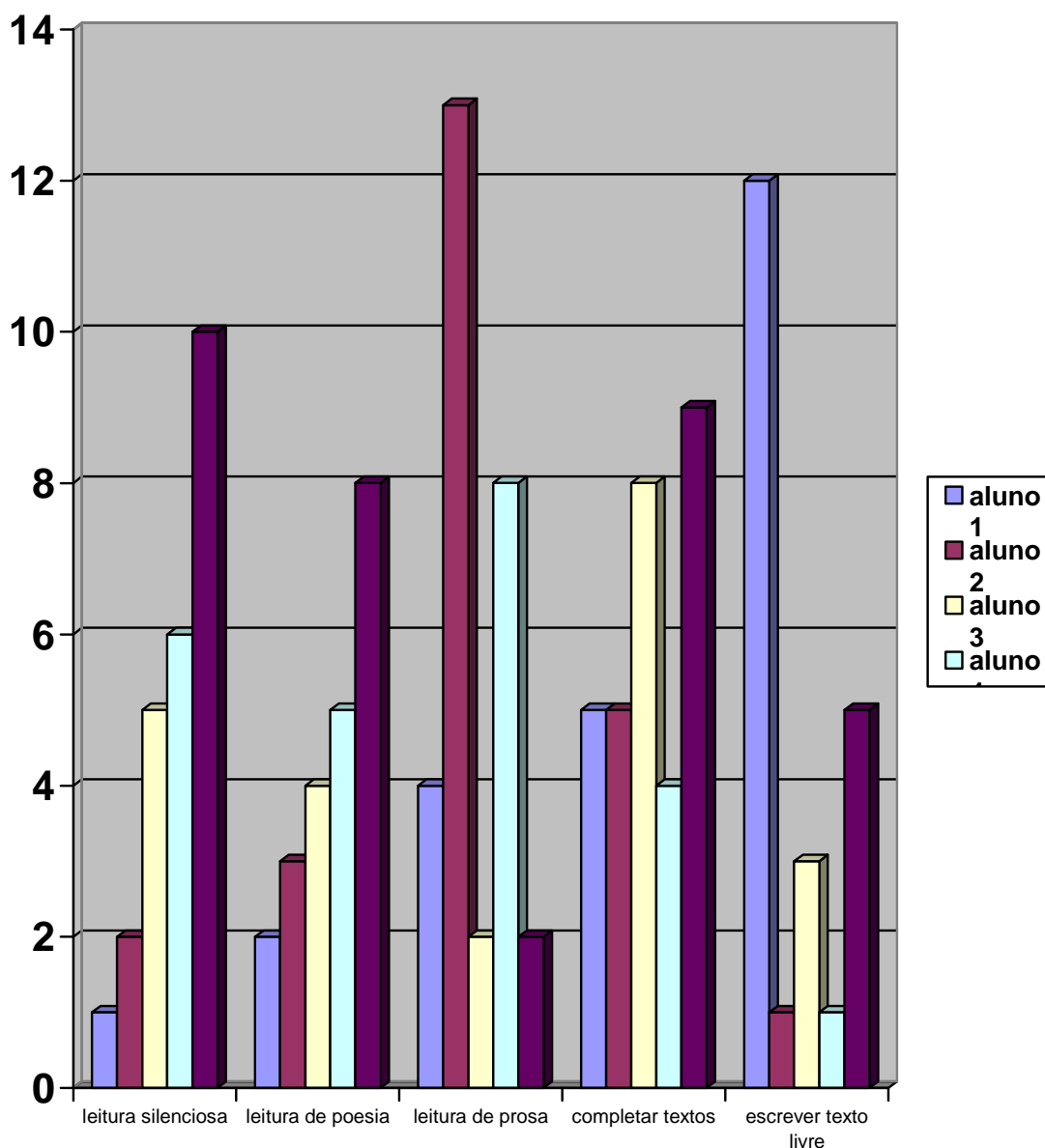


Figura 20 – As 5 actividades com menor preferência

Podemos concluir que apesar da melhoria significativa do aproveitamento dos alunos, estes continuam a demonstrar pouco interesse pela leitura e expressão escrita.

9.^a questão: Na tua opinião, estas actividades ajudaram-te a ultrapassar algumas dificuldades?”

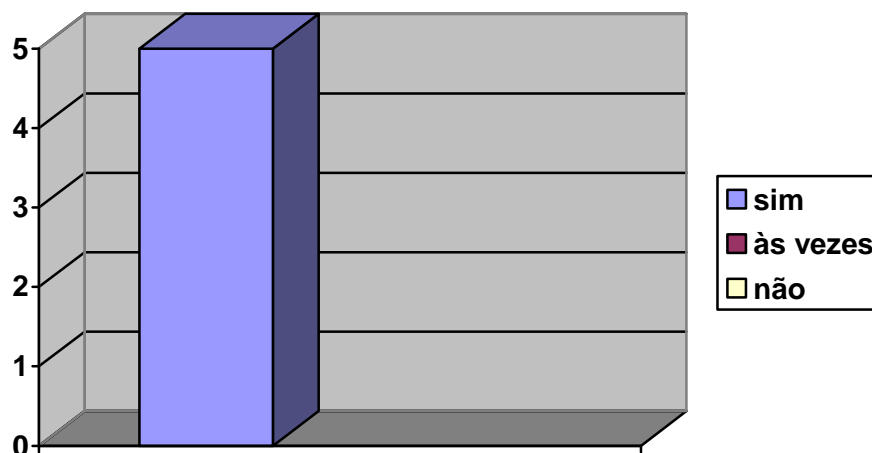


Figura 21 – Respostas à 9.^a questão

Relativamente aos resultados obtidos ao longo do ano, podemos concluir que houve muitos progressos na expressão oral, na leitura, na expressão escrita e na concentração.

Ao longo do ano lectivo, todos os alunos melhoraram a nível da concentração/memória como se pode constatar nos registos dos testes de memória, que passamos a apresentar:

Quadro 8 – Resultados dos Testes de Memória (actividade consiste em observar uma imagem durante 30 segundos e responder a 5 questões)

Testes de Memória									
	26/9	14/10	13/11	8/1	10/2	10/3	23/4	14/5	2/6
Aluno “A”	4x	4x	2x	4x	2x	2x	1x	5c	5c
	1c	1c	3c	1c	3c	3c	4c		
Aluno “B”	3x	4x	1x	1x	3x	3x	5c	5c	5c
	2c	1c	4c	4c	2c	2c			

Aluno "C"	5x 3c	2x 3c	3x 2c	3x 2c	2x 3c	1x 4c	1x 4c	5c	5c
Aluno "D"	3x 2c	3x 2c	1x 4c	2x 3c	1x 4c	1x 4c	5c	5c	5c
Aluno "E"	3x 2c	1x 4c	2x 3c	3x 2c	3x 2c	3x 2c	2x 3c	1x 4c	5c
Legenda: x – incorrecto c – correcto									

Também podemos observar este facto nas duas observações realizadas. Existe uma grande diferença entre a primeira e a segunda observação. Nesta última os alunos mantiveram-se mais atentos e empenhados.

Na leitura, os resultados são satisfatórios. A maioria deixou de ler silabicamente e houve uma elevada procura nos livros da biblioteca da sala de aula e pediram várias vezes para lerem segunda vez o mesmo texto, como aconteceu na 2.^a observação.

Na interpretação de textos, manifestaram maior empenho e mais cuidado na caligrafia e ortografia, o que foi visível nas observações.

Em relação à expressão escrita, os alunos ainda apresentam algumas dificuldades, sobretudo na ortografia, na construção frásica, contudo verificamos alguns progressos como podemos constatar no quadro seguinte:

Quadro 9 – Média de erros ortográficos durante o mês

Exercícios Ortográficos									
	Set.	Out.	Novemb ro	Janeir o	Fevere iro	Março	Abril	Maio	Junho
Aluno "A"	10	10	19	5	6	5	4	4	3

Aluno "B"	9	7	6	3	4	3	2	2	1
Aluno "C"	10	10	8	6	8	7	7	6	4
Aluno "D"	9	8	6	4	7	5	4	2	2
Aluno "E"	8	8	7	7	5	5	6	4	4

Também se verifica esta melhoria nas duas observações de 19 de Janeiro e a de 18 de Junho, essencialmente na última.

Quadro 10 – Número de erros ortográficos dados nas duas observações efectuadas.

Exercício Ortográfico		
	19 de Janeiro	18 de Junho
Aluno "A"	4 erros	3 erros
Aluno "B"	3 erros	1 erro
Aluno "C"	6 erros	4 erros
Aluno "D"	4 erros	2 erros
Aluno "E"	7 erros	4 erros

A melhoria no aproveitamento também é significativo nas fichas de avaliação de Língua Portuguesa como nas provas de aferição de Língua Portuguesa.

As provas de aferição de Língua Portuguesa do 1.º ciclo do Ensino Básico realizam-se no final do ano lectivo do 4.º ano e servem para avaliar como os objectivos e as competências essenciais estão a ser alcançados. Os resultados destas provas fornecem informações aos alunos, pais,

encarregados de educação, professores e a sociedade em geral. Perante esses resultados, cada escola deve reflectir sobre as práticas lectivas e se necessário alterá-las de modo a melhorar a qualidade de ensino.

Como refere o Gabinete de Avaliação Educacional (GAVE), a prova de aferição de Língua Portuguesa centra-se, assim, em três competências: compreensão da leitura, conhecimento explícito da língua e expressão escrita.

A classificação é apresentada pelas seguintes letras: A – Muito Bom; B – Bom; C – Suficiente; D – Não satisfaz e E – Não satisfaz.

Quadro 11 – Resultados das fichas de avaliação e das Provas de Aferição de Língua Portuguesa

	Fichas de Avaliação			Prova de Aferição
	1.º período	2.º período	3.º período	
Aluno “A”	35 %	41%	53%	C
Aluno “B”	41%	49%	57%	B
Aluno “C”	34%	45%	54%	C
Aluno “D”	40,5%	48,5%	59%	B
Aluno “E”	42,5%	50,5%	62%	B
Legenda:	As fichas de avaliação estão cotadas de 0 a 100 %.			C- Suficiente B- Bom

Este desempenho permitiu um melhor aproveitamento na área da Matemática e de Estudo do Meio, porque conseguem ler e interpretar melhor. Também Alarcão (1995) refere que “não é suficiente saber ler, é necessário fazê-lo de forma competente e eficaz. Toda a vida escolar e profissional depende dessa competência.” (p.22)

CONCLUSÕES

Chegados a esta fase do trabalho, parece-nos importante reflectir sobre esta temática tão complexa e controversa. Evidenciaremos os resultados mais significativos deste estudo, as suas limitações e algumas recomendações para futuros estudos.

Olhando para a escola/ensino, constatamos que ela se parece mais com uma “fábrica de enchidos”, em que os trabalhadores, isto é, os professores cumprem com alguma passividade a sua tarefa (respeitam horários, cumprem o currículo e avaliam), exige-se que a matéria-prima, os alunos, sejam alunos com bom comportamento e aproveitamento, de preferência conformados e com acção passiva, pelo contrário, a matéria-prima que tem “defeito”, isto é, os alunos com insucesso são rotulados, diz-se que não há nada para fazer com eles, são casos perdidos, o que geralmente os leva ao agravamento do insucesso e conseqüentemente ao abandono escolar. Mas, será assim que queremos ver o Ensino e os nossos alunos? Será esta a tarefa do professor? O que fazer por estes alunos?

O futuro da sociedade depende do que nós, professores, somos capazes de fazer na educação dos nossos alunos, essencialmente, dos que têm mais dificuldades, esses sim precisam mais de nós e são esses que dão “gozo” trabalhar e ver a sua evolução. Temos consciência de que a tarefa é árdua, mas sabemos que seremos compensados, nem que seja por um simples obrigado ou por um sorriso. Contudo, esta tarefa deve ser feita desde o início da escolaridade.

No que respeita à Língua Portuguesa, a escola tem o dever de formar “literatas”, aliás, formar leitores é uma tarefa que começa cedo e nunca termina, pois é a leitura e a expressão escrita que nos permitem ser cidadãos do mundo, seres informados e esclarecidos, mais interventivos porque irá reflectir-se na sua vida quotidiana e posteriormente na vida adulta.

Perante os cinco alunos com insucesso na língua materna a finalizarem o 1.º ciclo, houve a necessidade de aprofundar as causas deste fenómeno e delinear as acções a tomar para tornar o insucesso em sucesso escolar.

Neste âmbito, este estudo pretendeu estudar, organizar, implementar e avaliar um projecto de intervenção, cujas linhas de intervenção foram: promover a leitura na escola e no seio familiar; desenvolver a expressão oral e escrita associadas por vezes a situações lúdicas. Simultaneamente procurou-se também melhorar o envolvimento e participação dos pais no acompanhamento dos seus filhos.

Na fase de diagnóstico e através das informações recolhidas junto dos documentos dos anos anteriores como o plano de recuperação, actas e fichas de avaliação, podemos constatar a falta de motivação e as dificuldades que estes alunos sentiam nesta área curricular também bem patentes na primeira observação realizada, onde evidenciaram ansiedade, falta de atenção, comportamentos mencionados no estudo de Munsterberg. Segundo Ribeiro (2005), “estas dificuldades iniciais desencadeiam o desenvolvimento de sentimentos negativos perante esta aprendizagem como por exemplo: uma certa ansiedade perante a leitura e perante as tarefas académicas.” (p.141)

Perante as respostas dos inquiridos e das entrevistas a professoras, concluímos que a maioria indica que a classe social pode ser um factor determinante no insucesso escolar, porque os que pertencem a classes mais favoráveis têm “...condições físicas (acessos a teatro, cinema, informática...) que lhe facilitam a aprendizagem” (UR001/P2) e podem ter a possibilidade de “... consultar livros/manuais escolares e /ou acesso a TV/Internet” (UR001/P4), como refere Carneiro (2001), “uma casa que possibilita à criança estimular o cérebro através de jogos, música, livros, cores e intercâmbio de conhecimentos favorece decididamente uma melhor aprendizagem dos seus filhos.” (p.37)

Concluímos que é fulcral o acompanhamento do Encarregado de Educação, porque pode-se “atempadamente corrigir comportamentos e dificuldades de aprendizagem” (UR003/P2), “...está mais motivada para a aprendizagem” (UR003/P5), é fundamental que os filhos se apercebam “...que os pais acompanham o seu trabalho...” (UR004/E2). Contudo, os Encarregados de Educação referiram que o aluno deve empenhar-se para ultrapassar as suas dificuldades.

Quanto às causas do insucesso escolar em Língua Portuguesa, concluímos que são inúmeras: (i) a falta de incentivo; (ii) a falta de conversa em família; (iii) o tempo dedicado em demasia à televisão, computador e playstation; (iv) a permissividade da família; (v) a falta do rigor dos horários do deitar e da principal refeição do dia, o pequeno-almoço; (vi) mas essencialmente a falta de leitura. A última causa referida é um grande bloqueio ao desenvolvimento, ao progresso e sucesso do aluno, como refere Potts (1979), “sendo a leitura um instrumento básico e necessário a quem quiser obter êxito no ensino formal, a falta de capacidade para usar a leitura com eficiência aumenta as possibilidades de um estudo defeituoso na maioria das disciplinas do programa.” (p.15)

Também Castanho (2005) afirma que:

“um indivíduo com competências de leitura bem interiorizadas tem maiores probabilidades de aceder ao conhecimento de si próprio, do mundo e dos outros seres humanos, de garantir uma maior integração social, de ser bem sucedido na escola, de receber retroacção positiva das pessoas adultas (o que condiciona largamente o seu auto-conceito e a sua auto-estima), de se expressar oralmente com fluência e de escrever com correcção.” (p.15)

Na fase de intervenção, tivemos a intenção de realizar as estratégias estabelecidas que de alguma forma dariam resposta às necessidades encontradas na fase de diagnóstico. Tentámos incentivar a participação dos pais no envolvimento das actividades e incutir a leitura tanto no aluno como nos pais, tendo sido solicitado que todos os dias os filhos e/ou pais lessem em casa e dialogassem em casa sobre o que leram ou sobre outro assunto, o “feedback” que tivemos foi que na maioria dos casos isso aconteceu originando uma maior procura de livros na biblioteca da sala e da escola, bem como na biblioteca municipal, alguns pais tornaram-se leitores desta instituição. É preciso fomentar a leitura de jornais, de literatura, de textos científicos de História, de Geografia..., Cerrillo (2006) afirma que “um leitor será aquele que lê livremente diversos tipos de texto, em situações diversas, sendo capaz de discriminar, reflectir e opinar acerca dos conteúdos que leu.” (p.34)

No final do Projecto de Intervenção, realizámos cinco inquéritos aos alunos (alvo), nos quais mencionaram que realizaram actividades diferenciadas na sala de aula e que essas incidiram mais na melhoria da concentração, da leitura e da expressão escrita e foi referido por unanimidade que as mesmas foram fundamentais para minimizarem as dificuldades. Das actividades realizadas as cinco mais destacadas foram actividades com algum carácter lúdico como testes de memória, palavras cruzadas, jogo dos 7 erros, sopa de letras e acrósticos.

Quanto ao hábito dos pais lerem histórias, concluímos que a maioria dos alunos não são estimuladas no seio familiar para ler e querer ler porque os pais não são modelo para os filhos, não lêem com frequência. Na falta de incentivo, pensamos que a escola deve garantir o contacto dos alunos com uma boa selecção de livros para que estimulem a criatividade e a imaginação, porque alguns alunos não têm este contacto em casa por diversas razões: económicas, culturais...

Apesar das limitações do estudo, pensamos que atingimos os objectivos propostos inicialmente. Foi possível intervir e levar os alunos a atingir resultados satisfatórios em que o entusiasmo, a alegria e o empenho estavam estampados no rosto daquelas cinco crianças à medida que o resultado dos trabalhos diários e das avaliações tanto das fichas sumativas como das provas de aferição iam surgindo. Houve também uma maior procura na consulta e na aquisição de livros, na feira do livro organizada pela escola constatamos que alguns pediram aos pais para comprar livros e alguns compraram livros de histórias que tinham sido lidas na sala de aula pela professora ou por um aluno.

Para finalizar, deixamos uma afirmação de Ruben Cabral no Colóquio da Cereja, no Fundão, em 5 de Maio de 1995:

“No processo educativo o que deve contar não é aquilo que conseguimos ensinar, mas aquilo que os alunos conseguem aprender. E eles só conseguirão aprender aquilo que lhes fizer sentido, aquilo que tiver significado, aquilo que for autêntico.”

Quanto às limitações do estudo, uma das dificuldades encontradas relacionou-se com a curta durabilidade do projecto. Por outro lado, seria

interessante a inclusão de mais alunos de outros anos de escolaridade neste projecto de modo à obtenção de resultados talvez mais consistentes, mas devido à escassez de tempo e de recursos não nos foi possível concretizar esta ideia.

Teria sido também interessante convidar autores, entidades da localidade ou pais para se deslocarem à escola para falarem sobre a importância da leitura ou dramatizar uma história. Seria benéfico e extremamente interessante uma parceria mais consistente com a Biblioteca Municipal de modo que esta organizasse na escola sessões/serões de leitura, mas todas estas ideias não foram possíveis concretizar devido à gestão do tempo, porque para além da preocupação de minimizar estas dificuldades, houve uma preocupação maior que era motivá-los e encorajá-los devido ser o final deste ciclo e à realização das provas de aferição. Pensamos que serão bons indicadores para serem realizados em futuros projectos desta natureza.

Deixamos alguns pontos para trabalho (s) futuro (s):

- (i) criação e implementação de projectos idênticos apoiados por outras entidades (museus, bibliotecas...);
- (ii) continuar o acompanhamento deste grupo ao longo do 2.º ciclo (seria possível se fosse implementado o professor único do 1.º ao 6.º ano);
- (iii) repetir o projecto em várias escolas e analisar/comparar os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Afonso, N. (2005). Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico. Porto: Edições Asa.

Alarcão, M. L. (1995) Motivar para a Leitura – de abordagem do texto narrativo. Texto Editora.

Almeida, L. S. (1988). Diferenças de sexo e classe social em testes de raciocínio: estudo junto de alunos do ensino secundário. Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXII, 111-139.

Azevedo, M. (2008). Teses, Relatórios e Trabalhos escolares – Sugestões para a estruturação da escrita. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Bell, J. (2008). Como realizar um projecto de investigação. (4.^a edição). Lisboa: Trajectos Gradiva.

Benavente, A. (1976). A escola na sociedade de classes. Lisboa: Livros Horizonte.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e métodos. Porto: Porto Editora.

Cabral, R. F. (1995). Escola: cidadela ou fórum?. Comunicação no Colóquio da Cereja. Fundão. (Edição Policopiada)

Carneiro, R. (2001). Educar hoje, enciclopédia dos pais aprender a participar – Lexicultura actividades editoriais, Direcção de Roberto Carneiro.

Castanho, M. G. (2005). À Descoberta da Pré-Adolescência – O Desenvolvimento Físico e Psicológico e o Universo da Leitura. Lisboa: Livros Horizonte.

Cerrillo, P. (2006). Literatura infantil e mediação leitora. In Fernando Azevedo (Coor.). Língua Materna e Literatura Infantil. Lisboa: Lidel

Dreikurs, R. (2001). Educação – Um desafio dos pais. M C Graw Hill.

Diogo, J. M. L. (1998). Parceria escola – família – A caminho de uma educação participada. Porto: Porto Editora.

Ferraz, M. (2007). Ensino da Língua Materna. Lisboa: Caminho.

Figueiredo, M. (2002). Comunicação criativa – A oralidade. Lisboa: Bola de Neve.

Finkelsztein, D., e Ducros, P. (1989). Un dispositif de lutte contre l'échec scolaire: L'enseignement par élèves-tuteurs. Revue Française de Pédagogie, 88.

Fonseca, V. (1999). Insucesso escolar – abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem. Lisboa: Editora Âncora.

Giasson, J. (1993). A compreensão na leitura. Porto: Edições Asa.

Gray, W. (1956). The teaching of reading and writing. Chicago: Scott Foresman.

Gordon, T. e Noel B. (1998). Programa do ensino eficaz. Lisboa: E.S.E. João de Deus.

Hartley, J. (1993). Writing Instructional Text. In Hartley Designing Instructional Text. London: Kagen Page.

Leal, M.R. (1988) Medidas que promovam o sucesso educativo. Lisboa: Ministério da Educação.

Lemos, V. (1993). O critério do sucesso. Lisboa: Texto Editora.

Lemos, V., Neves, A., Campos, C., Conceição, J. e Alaiz, V. (1994). A nova avaliação da aprendizagem. Lisboa: Texto Editora.

Marques, R. (2001). Educar com os pais (1.^a edição). Lisboa: Editorial Presença.

Marques, R. (2001). Professores, famílias e projecto educativo. Porto: Edições Asa.

Ministério da Educação (2001). Currículo nacional do ensino básico: competências essenciais. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2001). Resultados do estudo internacional PISA 2000. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). Organização curricular e programas ensino básico – 1.º Ciclo (4.^a edição). Lisboa: Ministério da Educação.

Morais, J. (1997). A arte de ler. Lisboa: Cosmos.

Morrow, R.M. (2001). Guide to Referencing. Perth: Curtis University.

Muñiz, B. (1982). A família e o insucesso escolar. Porto: Porto Editora.

Munsterberg, E. e outros - *Niños con dificultades de aprendizaje*, Guadalupe, Buenos Aires. Recuperado em 2009, Janeiro 15, de <http://br.monografias.com/trabalhos3/insucesso-escolar/insucesso-escolar3.shtml>

Potts, J. (1979). *Leituras e leituras: nos ensinos primário e secundário*. Lisboa: Horizonte.

Recasens, M. (1994). *Como jogar com a linguagem*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Ribeiro, M. (2005). *Ler bem para aprender melhor: um estudo exploratório de intervenção no âmbito da descodificação leitora*. Dissertação de doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho. Recuperado em 2008, Junho 5, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2999/1/TESE.pdf>.

Santos, F. (1998). *Saber escrever. A arte e a técnica da escrita*. Queluz: Edições Chambel.

Sim-Sim, I. (1997). *A avaliação da linguagem oral: um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições Asa.

Sim-Sim, I., Ramos, C. & Santos, M. M. (2006). *O desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem da decifração*. In I. Sim-Sim (Ed.), *Ler e ensinar a ler* (pp.63-77). Porto: Edições Asa.

Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da leitura: A compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I., Viana, F. (2007). *Para a avaliação do desempenho de leitura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Simard, C. (1990). *Tendances actuelles en enseignement de l'écrit au Québec*. In *Didactiques des Langues Maternelles*. Bruxelles: Éditions Universitaires/ De Boeck Université.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2008). Manual de investigação em ciências sociais (5.^a edição). Lisboa: Trajectos Gradiva.

Webgrafia:

<http://www.gave.min-edu.pt>

Outros documentos:

- Despacho n.º 139/ME/90, de 16 de Agosto.

Anexos

Anexo 1

Grelha de Observação

Grelha de Observação

Situação: _____

Observador: _____

Local: _____

Data: _____

Tempo: _____

Objectivo	Comportamentos a Observar	Descrição das Observações	Inferências

Anexo 2

Pedido de autorização para recolha de dados

Exma. Sra. Directora
do Jardim-Escola

Venho, por este meio, solicitar a V. Exa autorização para realizar um projecto de intervenção a cinco elementos do 4.º ano, aplicar um questionário a pais e professoras desta escola e recolher informações (actas, fichas de informação, fichas de trabalho) sobre estes elementos. Este instrumento de recolha de dados surge no âmbito da Dissertação para Mestrado em Supervisão Pedagógica, trabalho, este, que investigará o “Insucesso Escolar em Língua Portuguesa no 1.º Ciclo”, sendo aplicado pela professora da turma Célia Maria Vaz Alves, sob a orientação do Professor José de Almeida, da Escola Superior de Educação João de Deus.

Asseguramos que estes registos serão apenas utilizados para efeitos de investigação. Assim, tanto no questionário, como na recolha de informações, será garantido o anonimato das crianças e dos outros intervenientes, sendo os resultados obtidos apenas utilizados para o estudo em questão.

Agradecemos desde já a vossa autorização.

Castelo Branco, 3 de Novembro de 2008

Atenciosamente

Célia Maria Vaz Alves

Anexo 3

Guião da entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

Objectivo Geral	Objectivos Específicos	Questões
Recolher dados da professora e da directora da escola sobre o Insucesso Escolar em Língua Portuguesa no 1º Ciclo.	<ul style="list-style-type: none"> – Garantir a confidencialidade. – Obter dados sobre as causas determinantes do insucesso escolar. – Conhecer onde é que os alunos apresentam mais dificuldades. – Conhecer se o acompanhamento do encarregado de educação influencia a aprendizagem do educando. – Obter dados sobre como é que os alunos ultrapassam as suas dificuldades. – Obter dados sobre como os alunos aprendem melhor. – Recolher estratégias a desenvolver com os alunos com dificuldades. – Obter dados sobre projectos que a escola tem para desenvolver a competência linguística dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> – Indique, na sua opinião, possíveis causas determinantes do insucesso escolar. – Em Língua Portuguesa, onde é que os alunos apresentam mais dificuldades? – Na sua opinião, o acompanhamento regular por parte do encarregado de educação pode influenciar a aprendizagem escolar do educando? – Na sua perspectiva, como é que os alunos ultrapassam as dificuldades? – Como é que os alunos aprendem melhor? – Que estratégias desenvolve com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem de Língua Portuguesa? – Que projectos é que esta escola implementa para que os alunos desenvolvam competências linguísticas?

Anexo 3

Transcrição das Entrevistas 1 e 2

Cargo: Professora do 1.º ciclo e Directora da Escola

Tempo de serviço: 24 anos

Habilitações: Licenciatura

Idade: 46 anos

Data: 5 de Fevereiro de 2009

Responsável pela entrevista: Célia Alves

1– Indique, na sua opinião, possíveis causas determinantes do insucesso escolar.

R: Se calhar não saíamos daqui. (risos) Falta de leitura, falta de incentivo e de conversa por parte da família. Se os pais incentivarem a ler, a comprar livros, se acompanharem ao final do dia as actividades que eles fizeram, se tentarem que em casa façam algum trabalho como composição, como a leitura tudo isso faz com que haja o sucesso; depois temos também a permissividade dos pais (pausa) a nível de filmes porque tudo o que compram é dobrado, tudo o que se dá às crianças não há legendas, portanto os meninos não lêem e não querem ler. Só a escola fazer esse trabalho é pouco porque por um lado trabalhamos, mas depois chegam a casa e esse trabalho não é feito.

2– Em Língua Portuguesa, onde é que os alunos apresentam mais dificuldades?

R: Na leitura e na escrita, uma coisa leva à outra. E na interpretação, se o aluno não lê, não consegue interpretar, se não conseguir alargar o léxico verbal, a maior parte das palavras empregues numa questão, eles podem não saber o que ela significa portanto não a vão interpretar. Depois ainda a nível da

caligrafia e da expressão escrita, se não têm um número de palavras adequado e interiorizado e alargado para a idade nunca vão conseguir fazer e responder como seria desejado. E, depois, há outra coisa se não lêem também não conseguem ter nem organização de pensamento para poder responder e saber tirar de um texto o que é principal e secundário e também não sabem (risos) depois imaginar histórias que possam servir-lhes numa composição. Desde que não haja leitura, nada se faz a nível do português.

3– Acha que os filhos das classes mais favorecidas terão mais facilidade em realizar as aprendizagens escolares do que os filhos das classes pobres?

R: (Risos) Hoje, em dia, verificamos precisamente o contrário, ou seja, os filhos das classes pobres são mais cuidados, mais interessados, a família tem mais cuidado de ver e de acompanhar a nível do currículo escolar da criança, acompanhar o percurso escolar da criança, saber o que pode fazer por ele, enquanto que a classe média/alta que também está a desaparecer (risos), mas seja como for já é um problema económico, (pausa) é principalmente a classe do professorado, são aqueles que são entre aspas mais desleixados, ou seja, provavelmente porque não têm tempo quando chegam a casa, porque lhes é exigido um maior número de horas de trabalho, as crianças andam um pouco à deriva, portanto se não houver o acompanhamento por parte familiar, para que essas crianças quando chegam a casa realizem as tarefas, inclusivamente tirem alguma dúvida, as crianças nunca vão ter sucesso.

As classes menos abastadas, por assim dizer, como não teve e como sentiu dificuldades, tenta precisamente fazer com que os filhos não passem as

mesmas dificuldades que eles sentiram, enquanto que a outra classe acha que está sempre tudo bem, tudo vai correr bem.

4– Portanto, na sua opinião, o acompanhamento por parte do encarregado de educação é sempre importante?

R: 100%. Hoje, em dia, deixe-me que lhe diga também que a família já não existe, ou seja, destitui-se de ser família e portanto exige-se à escola aquilo que a escola não pode ser que é família, por muito que haja famílias alargadas isso concerna outro enquadramento que não a escola, não está lá enquadrada, nem devemos, nem podemos fazer parte dessa família alargada e enquanto que a família não se consciencializar que por muito que haja pais separados, por muito que haja pais com outras pessoas a viver, eles têm que orientar e ser responsáveis pelo percurso escolar dos filhos. Enquanto isso não existir, o insucesso vai existir sempre porque as crianças também vivem num ambiente instável e viver em instabilidade e à deriva, ninguém consegue sucesso, se não estão bem com eles, não estão bem na escola.

5– Na sua perspectiva, como é que os alunos ultrapassam as dificuldades?

R: Ó meu Deus! (risos) Não posso ver só a nossa escola, porque tudo fazemos para que eles passem, assim não é porque o descontentamento faz com que não haja trabalho, não havendo trabalho quem é prejudicado é as crianças, ou seja, tem que haver aulas de acompanhamento, a professora tem de se dedicar a cem por cento; o ensino individualizado tal como nós aqui fazemos e as matérias onde eles têm mais dificuldades e como estamos no português onde eles têm mais dificuldades é onde temos que incidir mais e motivando

sempre e começando sempre do mais fácil para o mais complicado, fazendo com que a criança se sinta bem quando consegue atingir e motivá-la dizendo vais conseguir ainda mais. A criança dá sempre conta onde tem mais dificuldades portanto não podemos fazer com que ela pense que nunca vai conseguir, que não sabe e que não presta. Não, tudo o que ela faz, tem de ser valorizado e temos sempre que tentar atingir o grau acima e ele dá conta que está a atingir um bocadinho mais. Se houver essa motivação e acompanhamento por parte dos professores, depressa penso que, não digo que isso seria o ideal, e esse ideal não existe, extinguir o insucesso escolar mas minimizá-lo e tentar com que fiquem com dificuldades meramente pontuais, conseguir ultrapassar.

6– Para além da motivação, como é que os alunos aprendem melhor?

R: Se houver um bom relacionamento com a professora. Eu acho que uma criança quando entra numa escola, principalmente tem que ser feliz. Se uma criança entra na escola e se sente feliz e se tem um bom relacionamento com a professora é meio caminho andado para que ela seja interessada, para que ela goste de vir, para que ela estude, para dar o melhor e mostrar à professora que gosta tanto dela que quer ser boa naquilo que está a fazer; ao contrário, se uma criança se entrar constrangida, com medo, que sabe que vai sofrer bullying dentro de uma escola, vai fazer com que a criança se sinta sempre à parte dos outros e ir à escola ou não é uma obrigação, ela vai fisicamente mas não mentalmente, portanto não se consegue sequer estar a 100% e trabalhar e ter sucesso. Eu penso que passa muito por um ambiente de bom senso e de amizade entre professora e aluno. Porque nós sabemos distinguir o que é ser

amigo e o que é ser professor e essas duas vertentes não são postas em causa, nós sabemos separá-las tal e qual como eles sabem.

7– Para além de directora, já foi professora e quando leccionou que estratégias desenvolveu com os alunos que apresentavam dificuldades na aprendizagem de Língua Portuguesa?

R: Isto não é gabar-me, mas sempre tentei que tivessem um ambiente de confiança e de felicidade para eles se sentirem bem dentro duma sala de aula, existia uma caixinha chamada a Caixinha dos Segredos, todos podiam pôr o seu problema e no momento em que punham de manhã esse problema era como se ficassem aliviados, conseguiam estar dentro da sala com mais atenção. Inicialmente os alunos devem ler uma história simples porque irá ajudar não só na escrita, como no alargar do vocabulário, no imaginar de uma composição, saber interpretar, saber organizar o pensamento.

8– Que projectos é que esta escola implementa para que os alunos desenvolvam competências linguísticas?

Temos muitos, desde o projecto educativo em que as crianças lidam com um tema e portanto vão ter que explicá-lo, a pesquisa que fazem, o trabalho de grupo, dar uma aula, o saber explicar e transmitir aos outros colegas. Esse tema requer muitas coisas: expressão oral, expressão escrita, organização, interpretação, saber distinguir o que é “palha” do que é essencial, o saber escrever e apresentar o trabalho à professora.”

Entrevista 2

Cargo: Professora do 1.º Ciclo

Tempo de serviço: 19 anos

Habilitações: Licenciatura

Idade: 42 anos

Data: 12 de Fevereiro de 2009

Responsável pela entrevista: Célia Alves

1– Indique, na sua opinião, possíveis causas determinantes do insucesso escolar.

R: Na minha opinião, uma das causas do insucesso escolar em Língua Portuguesa, primeiro acho que a família (pausa) é um dos pontos; a falta de leitura; o facto de deitar cedo e de tomar um bom pequeno-almoço também contribui para o sucesso; o contrário origina o insucesso escolar. Mas, acho que a família é fundamental e também o aluno querer saber mais, ser conhecedor e trabalhador. Se a criança não se empenhar, se não trabalhar, se não desenvolver capacidades não atinge os objectivos. E também o ver muita televisão e jogar durante muito tempo playstation cansam a vista e o cérebro.

2– Em Língua Portuguesa, onde é que os alunos apresentam mais dificuldades?

R: Olha, na leitura, nalguns casos especiais de escrita, nos verbos principalmente no presente e no futuro onde dão muitos erros e também na interpretação de textos.

3– Acha que os filhos das classes mais favorecidas terão mais facilidade em realizar as aprendizagens escolares do que os filhos das classes pobres?

R: É uma pergunta difícil. A minha mãe costuma dizer muitas vezes que os filhos dos pobres por conhecerem uma vida difícil, às vezes são lutadoras e chegam mais longe do que os outros e eu concordo. Mas, o que é certo é que os filhos das famílias que têm mais facilidades e mais conhecimentos têm maiores facilidades de chegar mais longe. Acho que depende de cada um saber desenvolver depois aquilo que tem.

4– Na sua opinião, o acompanhamento regular por parte do encarregado de educação pode influenciar a aprendizagem escolar do educando?

R: A meu ver, influencia a 75%, por exemplo, devem orientar os cadernos, é muito importante. Também para os filhos se aperceberem que os pais acompanham.

5– Na sua perspectiva, como é que os alunos ultrapassam as dificuldades?

R: Trabalho, leitura e empenhamento. Os professores trabalham muito com eles mas os pais também têm de dar uma ajudinha, nem que seja para a criança dizer assim: Afinal estou a trabalhar e os meus pais também se interessam por isso vou trabalhar.

6– Como é que os alunos aprendem melhor?

R: A motivação é muito importante e com muito trabalho (não há outra forma!). Acho que aprendem bem, é ver fazer. Lembro-me sempre das palavras da Sr^a M^a de Lurdes que dizia: “É preciso perder para ganhar”.

É preciso perder tempo, ver fazer, mas só aprendem se estiverem atentos, aliás, se estivessem atentos eu acho que eles aproveitavam muito mais.

Primeiro, é preciso ver fazer para aprender e depois fazerem elas. As novas tecnologias também vão ajudar, porque o que é mais tradicional, eles não ligam; mas também temos um problema é que as escolas não estão adaptadas com essas novas tecnologias.

7– Que estratégias desenvolve com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem de Língua Portuguesa?

R: Se as dificuldades vêm logo de raiz, o melhor é começar do zero ou a partir das dificuldades, do mais fácil para o mais difícil porque senão é uma bola de neve que vai crescendo, porque senão eles desmotivam-se, devem realizar exercícios mais fáceis.

Este ano (2º ano) alguns alunos não liam, não escreviam, o que é que eu fiz: comecei do zero, o pouco que sabiam deu para os motivar. Trabalhámos e voltámos a repetir. Trabalhando sempre e acompanhados sempre em casa, isto é, trabalhar todos os dias na escola e em casa.

8– Que projectos é que esta escola implementa para que os alunos desenvolvam competências linguísticas?

R: Vamos ao Museu, à Biblioteca da escola, participar nas actividades propostas pela biblioteca Municipal, a Feira do Livro, o Projecto da Escola...

Anexo 5

Tabela de categorização das entrevistas

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
5 – Como os alunos ultrapassam as dificuldades	cadernos (...) para os filhos se aperceberem que os pais acompanham.” (UR004)	
	“ ... aulas de acompanhamento (...) ensino individualizado (...) onde eles têm mais dificuldades é onde temos que incidir mais e motivando sempre e começando sempre do mais fácil para o mais complicado. (...) A criança dá sempre conta onde tem mais dificuldades, portanto não podemos fazer com que ela pense que nunca vai conseguir, que não sabe e que não presta (...) tem de ser valorizado...” (UR005)	E1
6 – Como os alunos aprendem melhor	“ Trabalho, leitura e empenhamento. Os professores trabalham muito com eles, mas os pais têm de dar uma ajudinha, nem que seja para a criança dizer assim: -Finalmente estou a trabalhar e os meus pais também se interessam, por isso vou trabalhar” (UR005)	E2
	“ (...) um bom relacionamento com a professora.(...) para que ela goste de vir, para que ela estude, para dar o melhor...” (UR006)	E1
	“A motivação é muito importante e com muito trabalho (não há outra forma!) Acho que aprendem bem, é ver fazer. Lembro-me sempre das palavras da Srª D. Maria de Lurdes que dizia: “É preciso perder para ganhar”. É preciso perder tempo, ver	E2

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
7 – Estratégias a desenvolver com os alunos com dificuldades	fazer, mas só aprendem se estiverem atentos, aliás se estivessem atentos, eu acho que eles aproveitavam muito mais (...) é preciso ver fazer para aprender e depois fazerem eles. As novas tecnologias também vão ajudar.” (UR006)	E1
	<p>“...um ambiente de confiança e de felicidade para eles se sentirem bem dentro duma sala de aula.(...) começar com exercícios mais fáceis e só depois os complicados, implementei um plano de leitura.(...) Acho que isso ajudou muito não só na escrita, no alargamento do vocabulário, no imaginar de uma composição, saber interpretar, saber organizar o pensamento.” (UR007)</p> <p>“Se as dificuldades vêm logo de raiz, o melhor é começar do zero ou a partir das dificuldades, do mais fácil para o mais difícil porque senão é uma bola de neve que vai crescendo porque senão eles desmotivam-se, devem realizar exercícios mais fáceis (...) Trabalhando sempre e acompanhados sempre em casa, isto é, trabalhar todos os dias na escola e em casa.”(UR007)</p>	
8 – Projectos da escola para desenvolver a competência linguística	“...desde o projecto educativo em que as crianças lidam com um tema e portanto vão ter que explicá-lo, a pesquisa que fazem, o trabalho de grupo, dar uma aula, o saber explicar e transmitir aos outros colegas. Esse tema requer muitas coisas:	E1

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
<p>8 – Projectos da escola para desenvolver a competência linguística</p>	<p>expressão oral, expressão escrita, organização, interpretação, saber distinguir o que é “palha” do é essencial, o saber escrever e apresentar o trabalho à professora.” (UR008)</p> <p>“Vamos ao Museu, à Biblioteca da escola, participar nas actividades propostas pela biblioteca Municipal, a Feira do Livro, o Projecto da Escola...” (UR008)</p>	<p>E2</p>

Anexo 6

Inquérito por questionário aos Encarregados de Educação

Inquérito

A realização deste inquérito tem como objectivo recolher dados sobre o Insucesso Escolar em Língua Portuguesa no 1.º Ciclo. Os dados recolhidos serão confidenciais e utilizados para este fim.

A sua resposta é importante para nós. Obrigada.

Profissão: _____

Idade: _____

Data: _____

Responsável pelo inquérito: Célia Alves

Por favor, coloque uma ☒ no quadradinho, que melhor se adequar à sua resposta e justifique a sua escolha.

1. Acha que os filhos das classes mais favorecidas terão mais facilidade em realizar as aprendizagens escolares do que os filhos das classes pobres?

Sim ☐

não ☐

Justifique: _____

2. Será a família a principal responsável pelo insucesso escolar do seu educando?

Sim ☐

não ☐

Justifique: _____

3. O acompanhamento regular por parte do encarregado de educação pode influenciar a aprendizagem escolar do educando?

Sim ☐

não ☐

Justifique: _____

4. Pensa que o aluno também pode fazer mais sobre o seu insucesso escolar?

Sim ☐

não ☐

Justifique: _____

5. O seu educando frequentou a educação pré-escolar?

Sim ☐

não ☐

6. O seu educando leu precocemente?

Sim ☐

não ☐

Justifique: _____

7. Compra livros regularmente?

não ☐

todos os meses ☐

todas as semanas ☐

Justifique: _____

8. Vai regularmente com o seu educando a uma livraria ou a uma biblioteca?

Sim ☐

às vezes ☐

não ☐

Justifique: _____

9. O seu educando tem oportunidade de o observar a ler?

Sim ☐

às vezes ☐

não ☐

Justifique: _____

Anexo 7

Tabela de Categorização dos Inquéritos por Questionário realizados aos Encarregados de Educação

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
1. Classe social	“Classes mais favorecidas não são sinónimo	P1
1.1 factor de	de inteligência, empenho...”	
sucesso	“Porque têm condições físicas (acesso a	P2
1.2 factor de	teatro, cinema, informática...) que lhe	
insucesso	facilitam a aprendizagem.”	
	“A inteligência não tem a ver com estatuto social.”	P3
	“... a escolha das melhores	P4
	escolas/professores...facilidades em	
	consultar livros/manuais escolares e /ou	
	acesso a Tv/ Internet.”	
	“Todas as crianças independentemente da	P5
	classe social têm maior ou menor	
	dificuldade de aprendizagem.”	
2. Família/	“ Também é, mas toda a sociedade é	P1
responsável pelo	responsável” (UR	
insucesso escolar	“Todas as circunstâncias que rodeiam a	P2
	criança influem na sua aprendizagem	
	(escola, família,...)”	
	“Um pouco, estamos pouco presentes”	P3
	“Quando o apoio é inexistente ou o	
	acompanhamento é insuficiente por parte da	P5
	família o mais provável que aconteça é o	
	insucesso de qualquer criança.”	

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO	UNIDADE DE CONTEXTO
3. Acompanhamento do encarregado de Educação pode influenciar a aprendizagem	<p>“Pode influenciar, mas não é determinante.”</p> <p>“Pode atempadamente corrigir comportamentos e dificuldades de aprendizagem.”</p> <p>“Se tiverem melhor acompanhamento em casa o sucesso pode melhorar.”</p> <p>“A aprendizagem escolar do educando não termina e/ou se faz apenas nas instituições educativas. Para tal é preciso ser complementada por supervisão/acompanhamento do encarregado de educação e/ou pais.”</p> <p>“Se a criança se sentir acompanhada está mais motivada para a aprendizagem.”</p>	<p>P1</p> <p>P2</p> <p>P3</p> <p>P4</p> <p>P5</p>
4. Influência do aluno no seu insucesso escolar	<p>“É ao aluno e à escola que cabem combater o insucesso.”</p> <p>“ Sempre, se for acompanhado.”</p> <p>“Pode ser mais trabalhador...”</p> <p>“Interessando mais no seu dia-a-dia na escola; insistir/batalhar mais na disciplina que lhe é de difícil compreensão/resolução....”</p> <p>“O aluno pode estudar mais e ser mais aplicado.”</p>	<p>P1</p> <p>P2</p> <p>P3</p> <p>P4</p> <p>P5</p>

Anexo 8

Inquérito por questionário aos Alunos (alvo)

Inquérito

A realização deste inquérito tem como objectivo recolher dados sobre o Insucesso Escolar em Língua Portuguesa no 1.º Ciclo. Os dados recolhidos serão confidenciais e utilizados para este fim. A sua resposta é importante para nós. Obrigada.

Idade: _____

Ano de escolaridade: _____

Data: _____

Responsável pelo inquérito: Célia Alves

Por favor, coloque uma ☒ no quadradinho, que melhor se adequar à sua resposta e justifique a sua escolha.

1. Os teus pais têm hábitos de leitura?

Sim ☐

Às vezes ☐

Não ☐

2. Costumam ler histórias para ti?

Sim ☐

Às vezes ☐

Não ☐

3. Quando recebes de presente, um livro ou material para escreveres, ficas:

Muito satisfeito ☐

☐ Satisfeito

☐ Pouco satisfeito

4. Em casa, costumam ler e escrever?

Sim ☐

Às vezes ☐

Não ☐

5. Os teus pais acompanham em casa o que fazes na escola e ajudam-te nas tarefas?

Sim ☐

Às vezes ☐

Não ☐

6. Achas importante que os teus pais acompanhem o teu percurso escolar, que se interessem pelos teus progressos ou dificuldades?

Sim ☐

Não ☐

Justifique: _____

7. Durante este ano lectivo, realizaste na sala e em casa actividades diferenciadas?

Sim ☐

Não ☐

8. Este ano, a tua professora realizou actividades para ultrapassares as dificuldades que sentes na concentração, na leitura e na expressão escrita?

Sim ☐

às vezes ☐

não ☐

Se escolheste sim, escolhe as actividades que gostaste de realizar (numerando-as de 1 a 17 consoante a tua preferência, o número 1 corresponde à actividade que gostaste menos e o 17 à actividade que gostaste mais):

Leitura silenciosa ☐

Leitura de Poesia ☐

Leitura de Banda Desenhada ☐

Completar textos ☐

Escrita de Carta ☐

Ordenar imagens e produzir texto ☐

Produção de Banda Desenhada ☐

Palavras cruzadas ☐

Jogo dos 7 erros ☐

Leitura dialogada ☐

Leitura de Prosa ☐

Descrição de gravuras ☐

Acrósticos ☐

Elaboração de Recado ☐

Escrever texto livre ☐

Testes de memória ☐

Sopa de letras ☐

9. Na tua opinião, estas actividades ajudaram-te a ultrapassar algumas dificuldades?

Sim ☐

Às vezes ☐

Não ☐

Anexo 9

Grelha da 1.ª observação

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Situação: Uma aula de Língua Portuguesa

Observador: Célia Alves

Local: sala de aula

Data: 19 de Janeiro de 2009

Tempo: 25 minutos

Objectivo	Comportamentos a Observar	Descrição das Observações	Inferências
<p>Registar o comportamento dos alunos</p> <p>Registar o envolvimento dos alunos nas actividades propostas</p>	<p>. A nível da leitura</p>	<p>A professora entra na sala e inicia a aula, fazendo questões de revisão sobre aspectos da costa portuguesa.</p> <p>De seguida, informa os alunos que irão ler e interpretar um texto que fala de uma onda que era muito curiosa.</p> <p>A professora propõe a leitura silenciosa do texto “Uma onda curiosa” (texto do manual adoptado. Durante esta leitura, os alunos “A”, “B” e “C” estiveram distraídos e os alunos “D” e “E” mantiveram-se atentos.</p> <p>Durante a leitura oral, estes alunos apontaram com o dedo. As alunas “A” e “D” soletraram, leram sem entoação e ritmo lento e omitiram algumas palavras. Os alunos “B”, “C” e “E” leram sem entoação e omitiram algumas sílabas.</p>	<p>Os alunos “A”, “B” e “C” revelam distração e os alunos “D” e “E” mantiveram-se atentos.</p> <p>Leitura deficiente</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Situação: Uma aula de Língua Portuguesa

Observador: Célia Alves

Local: sala de aula

Data: 19 de Janeiro de 2009

Tempo: 25 minutos

Objectivo	Comportamentos a Observar	Descrição das Observações	Inferências
<p>Registrar o comportamento dos alunos</p> <p>Registrar o envolvimento dos alunos nas actividades propostas</p>	<p>A nível da compreensão de textos</p>	<p>Enquanto os outros alunos da turma leram, os alunos “A”, “B” e “C” estiveram desatentos, o aluno C brincou com as tampas das canetas.</p> <p>Após a leitura, a professora fez questões orais sobre o texto, destes alunos o único que participou foi a aluna “E”.</p> <p>A professora pede aos alunos que realizem a interpretação escrita do texto que se encontra no livro. Nesta interpretação, os alunos “B”, “D” e “E” começaram logo a realizar a tarefa, os alunos “A” e “C” estiveram desatentos, olhavam para os colegas, só começaram a trabalhar quando a professora pediu para o fazerem e lhes disse que eram capazes de o fazerem.</p>	<p>Os alunos “A”, “B” e “C” revelam desatenção</p> <p>Participação oral insuficiente</p> <p>Os alunos “B”, “D” e “E” revelaram empenho</p> <p>Os alunos “A” e “C” estiveram desatentos e revelaram insegurança</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Situação: Uma aula de Língua Portuguesa

Observador: Célia Alves

Local: sala de aula

Data: 19 de Janeiro de 2009

Tempo: 25 minutos

Objectivo	Comportamentos a Observar	Descrição das Observações	Inferências
Registar o comportamento dos alunos	. a nível da expressão escrita	Durante a tarefa, os alunos “B”, “C” e “E” distraíram-se e começaram a conversar com os colegas de lado, não conseguiram terminar a tarefa dentro do limite previsto para a turma, revelando algum cansaço.	Os alunos “B”, “C” e “E” distraíram-se e revelaram cansaço
Registar o envolvimento dos alunos nas actividades propostas		Realizaram exercício ortográfico do texto analisado. Estes alunos escreveram apenas algumas frases. Na correcção dos erros ortográficos, o aluno C continuou a dar o mesmo erro.	



Antes do texto

A imagem ao lado representa um quadro do pintor Pablo Picasso.

1. Qual é o título do quadro?

2. O que te parece estar na linha do horizonte a observar as banhistas?

3. Que outro nome poderias dar ao quadro?



Banhistas com Barco de Brincar,
Pablo Picasso (1937)



Dentro do texto

Uma Onda Curiosa

É no mar alto que nascem as ondas, lá muito longe das praias. Um leve toque de vento e logo erguem cabeças curiosas. Mas é em terra que brincam; é em terra que aprendem a saltar pelos rochedos e a escorregar pelos areais.

Certa vez nasceu uma onda mais atrevida. Saltava mais alto, corria mais longe, trepava aos rochedos escarpados e era sempre a última a voltar para o mar.

Um dia, ajudada pelo vento, a ondinha curiosa subiu mais, muito mais do que o costume e ficou por instantes suspensa no ar, pasmada com tudo o que via. Lá adiante, onde o areal se espalhava, havia crianças que brincavam num mar sereno como não se lembrava de alguma vez ter notado.



10 – Volta! Vamos partir! – avisavam as ondas ajuizadas, que não perdiam o ritmo do seu bailado.

Mas a onda curiosa deixava-se ficar, fascinada. Quando quis regressar ao jogo de avançar-recuar das suas irmãs, sentiu que ficara presa na cova do rochedo; faltavam-lhe as forças para sair e correr...

Natércia Rocha,
Contos de Agosto,
Desabrochar



Procura no dicionário o significado das palavras que desconheces.

1. Nomeia a personagem principal deste texto.

A personagem principal deste texto é uma Onça Branca.

2. Como a caracterizarias?

☐ preguiçosa

☒ aventureira

☐ medrosa

☒ atrevida

☒ curiosa

☒ destemida

3. Liga cada palavra ao seu significado.

areal

escarpados

notado

fascinada

íngremes, difíceis de subir

deslumbrada, encantada

lugar onde há muita areia

reparado, observado

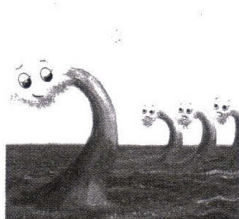
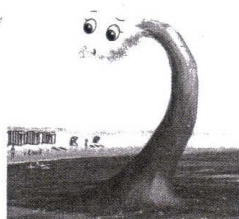
4. Ordena as legendas e copia-as para os locais respectivos.

Ela ficou pasmada com tudo o que via.

As ondas ajuizadas chamaram por ela.

Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

Nasceu uma onda.



Nasceu uma onda.

Ela ficou pasmada com tudo o que via.

As ondas ajuizadas chamaram por ela.

Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

5. Por que razão a onda ficou presa na cova de um rochedo?

Ficou presa na cova do rochedo e não conseguiu sair e correr.

6. De que obra foi retirado este conto?

Este conto foi retirado do Conto de Agosto.

7. Que relação encontras entre este conto e o título do livro a que o mesmo pertence?

Este mesmo pertence ao verão.

19/7/09

1. Nomeia a personagem principal deste texto.

O personagem principal deste texto é a Onda Curiosa.

2. Como a caracterizarias?

☐ preguiçosa

☒ aventureira

☐ medrosa

☒ atrevida

☒ curiosa

☒ destemida

3. Liga cada palavra ao seu significado.

areal

escarpados

notado

fascinada

íngremes, difíceis de subir

deslumbrada, encantada

lugar onde há muita areia

reparado, observado

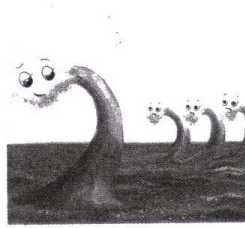
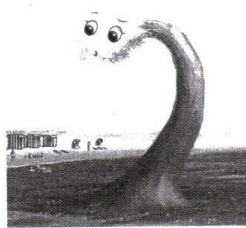
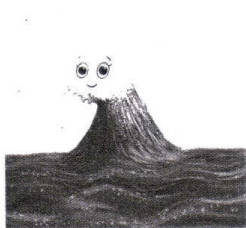
4. Ordena as legendas e copia-as para os locais respectivos.

Ela ficou pasmada com tudo o que via.

As ondas ajuizadas chamaram por ela.

Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

Nasceu uma onda.



Nasceu uma onda.

Ela ficou pasmada com tudo o que via.

As ondas ajuizadas chamaram por ela.

Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

5. Por que razão a onda ficou presa na cova de um rochedo?

A onda ficou presa na cova do rochedo porque quando regressar ao lago avança e recua faltava-lhe a brava lair e correr. x

6. De que obra foi retirado este conto?

Esta obra foi retirado dos contos de Augusto.

7. Que relação encontras entre este conto e o título do livro a que o mesmo pertence?

Esta relação entre os dois títulos porque neste mês vamos à praia.

10/1/2009



1. Nomeie a personagem principal deste texto.

A ^{personagem} ~~personagem~~ principal é a onda

2. Como a caracterizarias?

☐ preguiçosa

☒ aventureira

☐ medrosa

☒ atrevida

☒ curiosa

☒ destemida

3. Liga cada palavra ao seu significado.

areal

escarpados

notado

fascinada

íngremes, difíceis de subir

deslumbrada, encantada

lugar onde há muita areia

reparado, observado

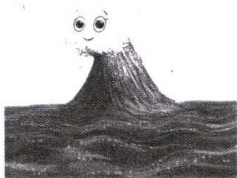
4. Ordena as legendas e copia-as para os locais respectivos.

Ela ficou pasmada com tudo o que via.

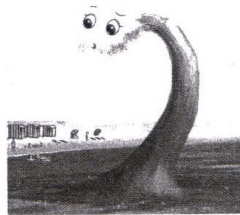
As ondas ajuizadas chamaram por ela.

Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

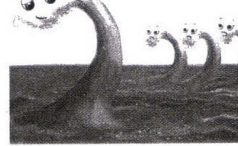
Nasceu uma onda.



Nasceu uma onda



Ela ficou espantada com tudo o que viu. As ondas ajuizadas chamaram por ela.



Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

5. Por que razão a onda ficou presa na cova de um rochedo?

Porque quando queria para fazer ao jogo do avanço, sentiu-se presa.

6. De que obra foi retirado este conto?

Foi retirado do livro Contos de gosto

7. Que relação encontras entre este conto e o título do livro a que o mesmo pertence?

Encontro ao praia

19/4/09



1. Nomeia a personagem principal deste texto.

de personagem principal do texto é uma onda curiosa.

2. Como a caracterizarias?

- ☐ preguiçosa ☒ aventureira ☐ medrosa
☒ atrevida ☒ curiosa ☒ destemida

3. Liga cada palavra ao seu significado.

- | | | | |
|------------|---|---|-----------------------------|
| areal | • | • | íngremes, difíceis de subir |
| escarpados | • | • | deslumbrada, encantada |
| notado | • | • | lugar onde há muita areia |
| fascinada | • | • | reparado, observado |

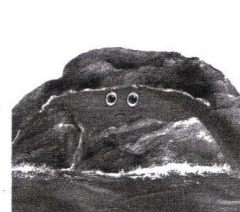
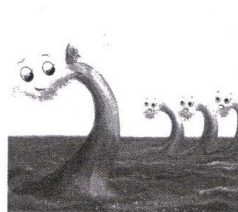
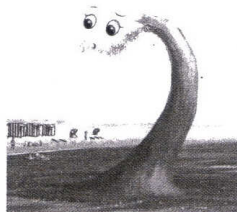
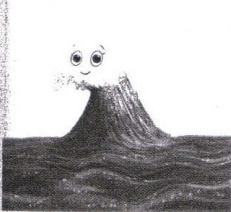
4. Ordena as legendas e copia-as para os locais respectivos.

~~Ela ficou pasmada com tudo o que via.~~

~~As ondas ajuizadas chamaram por ela.~~

~~Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.~~

~~Nasceu uma onda.~~



Ela ficou pasmada com tudo o que via.

Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

As ondas ajuizadas chamaram por ela.

Nasceu uma onda.

5. Por que razão a onda ficou presa na cova de um rochedo?

"Levei que ficava presa na cova do rochedo!"

6. De que obra foi retirado este conto?

de obra foi retirado de contos de algosto.

7. Que relação encontras entre este conto e o título do livro a que o mesmo pertence?

Pertence a Contos de Algosto porque em algosto não muitas pessoas a praia.



1. Nomeia a personagem principal deste texto.

A personagem principal é a onda curiosa.

2. Como a caracterizarias?

☐ preguiçosa

☒ aventureira

☐ medrosa

☒ atrevida

☒ curiosa

☒ destemida

3. Liga cada palavra ao seu significado.

areal

escarpados

notado

fascinada

íngremes, difíceis de subir

deslumbrada, encantada

lugar onde há muita areia

reparado, observado

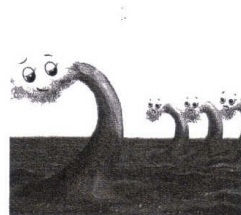
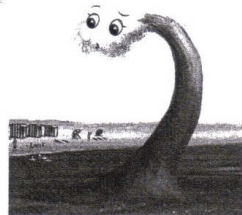
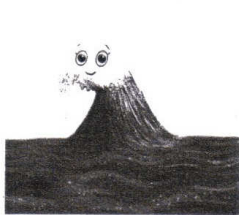
4. Ordena as legendas e copia-as para os locais respectivos.

Ela ficou pasmada com tudo o que via.

As ondas ajuizadas chamaram por ela.

Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

Nasceu uma onda.



Nasceu uma onda. Ela ficou pasmada com tudo o que via. As ondas ajuizadas chamaram por ela. Acabou por ficar presa na cova de um rochedo.

5. Por que razão a onda ficou presa na cova de um rochedo?

A razão por ficar presa na cova foi que estava sempre a aventurar-se e ficou lá presa.

6. De que obra foi retirado este conto?

A obra foi retirada de Contos de Agosto.

7. Que relação encontras entre este conto e o título do livro a que o mesmo pertence?

O conto do título tem a ver com a vida.

Exercício Ortográfico

Uma onda bonita

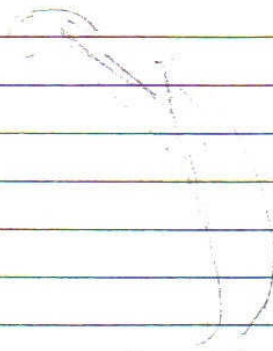
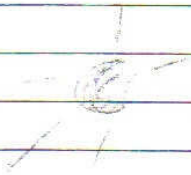
É do mar alto que nascem as ondas, lá navito
 longe da praia. Um leve toque de vento e logo
 erguem cabeças ~~de~~ curiosas. O mar é uma terra
 que brinca, é em terra que aprendem a
 saltar pelos rochedos e a escorregar pelos (e)
 (as) ~~rochedos~~ areais.

Curiosa - a goiana é muito curiosa.

nascem - Hoje nascem os meus primos.

toque - É o toque do telemóvel.

erguem - Elas erguem as cabeças.



2009/01/15

3 erros

Exercício Ortográfico

Uma Onda Curiosa

É no mar alto que nascem as ondas, lá muito longe das praia. Um leve toque de vento e logo erguem cabeças curiosas. Mas é ~~ento~~ em terra que bricam e apredem a saltar pelos rochedos e a escorregar pelos areais.

praias - No mês de agosto as pessoas vão à praia e brincam na água.

brincam - O minha mãe disse que na sua terra brincam à caça.

aprendem = Os pessoas aprendem a ler e a escrever.

2009/01/19

Exercício ortográfico

Uma onda curiosa

É no mar alto que nascem as ondas, lá muito longe das praias. Uma leve toque de vento e logo erguem cabeças curiosas. Mas é em terra que brincam; é em terra que aprendem a saltar pelos rochedos e a escorregar pelas areias.

lá - Lá na quinta dele há muitas coisas

erguem - Eles ^{erguem} ergam a tenda.

curiosas - Eles são curiosos.

brincam - Eles brincam com eles.

rochedos - Eu vou aos ^{rochedos} rochedos.

escorregar - Ele vai ^{escorregar} escorregar.

2009/01/19

Exercício ortográfico

Uma onda curiosa

É no mar alto que ~~nascem~~^{nasce} as ondas, lá muito longe das praias. Ufêve toque de ~~vento~~^{vento} e logo erguem cabeças curio sas e loas é em terra que brincam; é ent terra que aprendem a saltar pelos rochedos e a escorregar pelos areais.

nascem - Nascem finto das mrs.

cabeças - das cabeças hoje estão tentas.

em - Em cima da rocha está água.

escorregar - Vamos escorregar? ✓

2009/01/19

Exercício Ortográfico

Uma onda curiosa

É no mar alto que macham as ondas, lá muito longe das praias. Um leve toque de vento e logo erguem cabeças curiosas. Mas e em terra que se brincam; e em terra que aprendem a saltar pelos rochedos e a escorregar pelas areias.

o = É uma onda!

e = Era um vez um menino que é atrevido!

nascem = Eles nascem iguais.

lá = Lá vai a nossa aventura?

vento = ~~Vento~~ ^{sopra} sopra!

erguem - Erguem as ondas no mar.

rochedos - Os rochedos picam

escorregar - É giro escorregar!

2009/01/19

Anexo 10

Grelha da 2.ª observação

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Situação: Uma aula de Língua Portuguesa

Observador: Célia Alves

Local: sala de aula

Data: 18 de Junho de 2009

Tempo: 25 minutos

Objectivo	Comportamentos a Observar	Descrição das Observações	Inferências
<p>Registrar o comportamento dos alunos</p> <p>Registrar o envolvimento dos alunos nas actividades propostas</p>	<p>. A nível da leitura</p>	<p>A professora entra na sala e inicia a aula, fazendo questões sobre algumas experiências realizadas na sala de aula, no dia anterior. De seguida, informa os alunos que irão ler e interpretar um poema inédito de Luísa Ducla Soares. A professora propõe a leitura silenciosa do poema “A pequena cientista (texto do manual adoptado. Durante esta leitura, todos os alunos mantiveram-se atentos.</p> <p>Durante a leitura oral (a 1.^a quadra era lida pelos rapazes, a 2.^a quadra pelas raparigas e assim sucessivamente), os alunos “A” e “C” apontaram com o dedo. Todos os alunos estiveram atentos, motivados e empenhados na leitura.</p>	<p>Os alunos “A”, e “C” apontaram com o dedo. Todos os alunos estiveram atentos, motivados e empenhados na leitura.</p> <p>Os alunos pediram para lerem novamente o Poema.</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Situação: Uma aula de Língua Portuguesa

Observador: Célia Alves

Local: sala de aula

Data: 18 de Junho de 2009

Tempo: 25 minutos

Objectivo	Comportamentos a Observar	Descrição das Observações	Inferências
<p>Registrar o comportamento dos alunos</p> <p>Registrar o envolvimento dos alunos nas actividades propostas</p>	<p>. A nível da compreensão de textos</p> <p>. A nível da expressão escrita</p>	<p>Após a leitura do texto, estes alunos perguntaram à professora se podiam ler novamente o poema alternando a ordem da leitura, a professora disse que sim e as alunas “A”, “D” e “E” disseram : Boa professora! Fixe!</p> <p>Durante a leitura os alunos mantiveram-se atentos e a leitura foi muito boa.</p> <p>De seguida, a professora fez questões orais sobre o texto, os alunos participaram oralmente.</p> <p>A professora pede aos alunos que realizem a interpretação escrita do texto que se encontra no livro. Nesta interpretação, os alunos “B”, “D” e “E” começaram logo a realizar a</p>	<p>Os alunos revelam atenção.</p> <p>Leitura Expressiva</p> <p>Participação Oral</p> <p>Interpretação Escrita</p>

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Situação: Uma aula de Língua Portuguesa

Observador: Célia Alves

Local: sala de aula

Data: 18 de Junho de 2009

Tempo: 25 minutos

Objectivo	Comportamentos a Observar	Descrição das Observações	Inferências
<p>Registrar o comportamento dos alunos</p> <p>Registrar o envolvimento dos alunos nas actividades propostas</p>	<p>. A nível da compreensão de textos</p> <p>. A nível da expressão escrita</p>	<p>tarafa, os alunos “A” e “C” começaram a realizá-la minutos mais tarde.</p> <p>Realizaram exercício ortográfico do texto analisado. Estes alunos escreveram apenas duas quadras do texto e procederam à correcção dos erros.</p>	<p>Interpretação Escrita</p>

Os amigos adoram experiências



Antes do texto

Lê o título do poema. Conversa com os teus colegas sobre as actividades realizadas pelos cientistas.



Dentro do texto



A pequena cientista

O sábio doutor Sabão,
cientista bem notório,
num frasquinho fez um gato
lá no seu laboratório.

Deu entrevistas na rádio,
jornais e televisão.
O pior foi que esse gato
lhe pregou um arranhão.

Pois eu quis logo tentar
fazer na minha cozinha
uma experiência melhor
com uns ovos de galinha.

Meti-os dentro de um tacho
que estava ao lume a ferver:
ficaram duros por dentro
mas ótimos para comer.

Tirei as natas do leite,
bati-as numa tigela:
transformaram-se em manteiga,
amarelinha, tão bela.

Num copito deitei sal.
Que havia de acontecer?
O sal vertido na água
pôs-se a desaparecer.

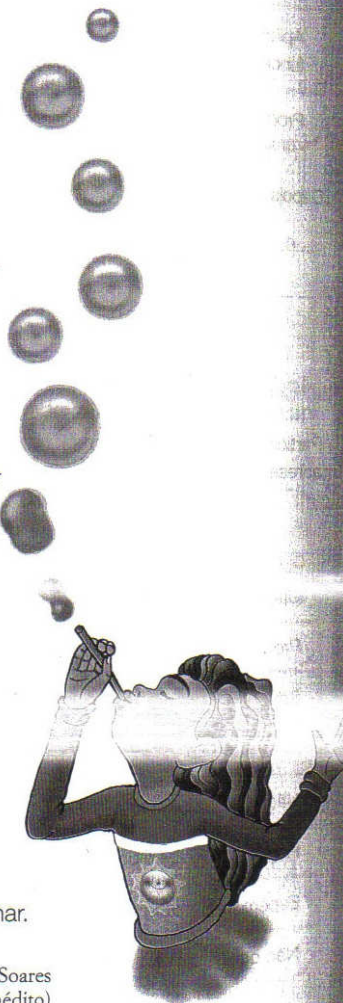
Quando quis beber água,
alguém pode imaginar?
O que tinha lá no copo
era um pouco de mar.

Com uma palhinha fina
pus-me a soprar, a soprar
no frasco do detergente
perfumado, de lavar.

Para o milagre que fiz
não sei dar explicação:
de cada vez que soprava
aparecia um balão.

Eu hei-de ser cientista,
ninguém pode duvidar.
Mas vou limpar a cozinha
para a minha mãe não ralhar.

Luísa Ducla Soares
(texto inédito)



Procura no dicionário o significado das palavras que desconheces.

1. Qual é a profissão do doutor Sabão?

A profissão é cientista. (bem notório.)

2. O que fez o doutor Sabão no seu laboratório?

O doutor Sabão fez um gato no seu laboratório.

3. Que espaço da casa usou a narradora para fazer a experiência?

A narradora ^{foi} fazer a experiência ^{ela} usou na cozinha.

4. A narradora realizou experiências. Assinala os resultados que obteve.

a) Os ovos de palhinha enfiados...

- ☐ ficaram estrelados.
☒ ficaram duros por dentro.
☐ ficaram duros por fora.

b) As natas de leite batidas numa tigela...

- ☐ transformaram-se num bolo.
☐ transformaram-se em queijo.
☒ transformaram-se em manteiga.

c) O sal vertido na água...

- ☒ diluiu-se.
☐ apareceu.
☐ evaporou-se.

d) Ao soprar com uma palhinha fina no frasco de detergente...

- ☐ apareceu uma bola.
☐ apareceu um berlinde.
☒ apareceu um balão.

5. O que quer ser a narradora?

A narradora quer ser cientista.

6. Depois de realizar as experiências, o que teve de fazer? Porquê?

Teve de ^{fazer} experiências porque ela escolheu ser cientista.

7. Liga as palavras que rimam, de acordo com o texto.

notório	•	arranhão	•
cozinha	•	laboratório	•
ferver	•	bela	•
televisão	•	galinha	•
tigela	•	comer	•

acontecer	•	balão	•
soprar	•	mar	•
explicação	•	desaparecer	•
acreditar	•	ralhar	•
duvidar	•	lavar	•

18/6/09

1. Qual é a profissão do doutor Sabão?

A profissão do doutor Sabão era cientista.

2. O que fez o doutor Sabão no seu laboratório?

No seu laboratório o doutor Sabão fez um frasco com um gato.

3. Que espaço da casa usou a narradora para fazer a experiência?

O espaço ^{onde} que a narradora fez a experiência foi na cozinha.

4. A narradora realizou experiências. Assinala os resultados que obteve.

Os ovos da galinha apunçaram.

☐ ficaram estrelados.

☒ ficaram duros por dentro.

☐ ficaram duros por fora.

As massas de leite batidas tornaram-se...

☐ transformaram-se num bolo.

☐ transformaram-se em queijo.

☒ transformaram-se em manteiga.

c) O sal vertido na água...

☒ diluiu-se.

☐ apareceu.

☒ evaporou-se.

d) Ao soprar com uma palhinha fina no frasco de detergente...

☐ apareceu uma bola.

☐ apareceu um berlim.

☒ apareceu um balão.

5. O que quer ser a narradora?

A narradora quer ser cientista.

6. Depois de realizar as experiências, o que teve de fazer? Porquê?

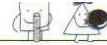
Depois de realizar a experiência teve de arrumar a cozinha porque assim a mãe ralhava-lhe.

7. Liga as palavras que rimam, de acordo com o texto.

notório	•	arranhão
cozinha	•	laboratório
ferver	•	bela
televisão	•	galinha
tigela	•	comer

acontecer	•	balão
soprar	•	mar
explicação	•	desaparecer
acreditar	•	ralhar
duvidar	•	lavar

18/6/2009



1. Qual é a profissão do doutor Sabão?

A profissão do ^{doutor} Sabão é um artista.

2. O que fez o doutor Sabão no seu laboratório?

Num frigorífico fez um gato.

3. Que espaço da casa usou a narradora para fazer a experiência?

A narradora usou a cozinha para a experiência.

4. A narradora realizou experiências. Assinala os resultados que obteve.

Os ovos de galinha enfiados...

☐ ficaram estelados.

☒ ficaram duros por dentro.

☐ ficaram duros por fora.

As massas cozidas / cozidas numa tigela...

☐ transformaram-se num bolo.

☐ transformaram-se em queijo.

☒ transformaram-se em manteiga.

c) O sal vertido na água...

☒ diluiu-se.

☐ apareceu.

☐ evaporou-se.

d) Ao soprar com uma palhinha fina no frasco de detergente...

☒ apareceu uma bola.

☐ apareceu um berlinde.

☒ apareceu um balão.

5. O que quer ser a narradora?

É ser e autora a contar a história.

6. Depois de realizar as experiências, o que teve de fazer? Porquê?

Tive de lavar a cozinha porque a mãe ralhava.

7. Liga as palavras que rimam, de acordo com o texto.

notório

cozinha

ferver

televisão

tigela

arranhão

laboratório

bela

galinha

comer

acontecer

soprar

explicação

acreditar

duvidar

balão

mar

desaparecer

ralhar

lavar



1. Qual é a profissão do doutor Sabão?

A profissão do doutor Sabão é cientista.

2. O que fez o doutor Sabão no seu laboratório?

O doutor Sabão fez um franguinho com gato.

3. Que espaço da casa usou a narradora para fazer a experiência?

A narradora usou a cozinha para fazer a experiência.

4. A narradora realizou experiências. Assinala os resultados que obteve.

a) Os ovos de galinhas cozidos...

- ☐ ficaram estrelados.
☒ ficaram duros por dentro.
☐ ficaram duros por fora.

b) As ratas de leite batidas numa tigela...

- ☐ transformaram-se num bolo.
☐ transformaram-se em queijo.
☒ transformaram-se em manteiga.

c) O sal vertido na água...

- ☒ diluiu-se.
☐ apareceu.
☒ evaporou-se.

d) Ao soprar com uma palhinha fina no frasco de detergente...

- ☐ apareceu uma bola.
☐ apareceu um berlimde.
☒ apareceu um balão.

5. O que quer ser a narradora?

A narradora quer ser cientista.

6. Depois de realizar as experiências, o que teve de fazer? Porquê?

Teve de limpar a cozinha porque se não a mãe ralhava-lhe.

7. Liga as palavras que rimam, de acordo com o texto.

notório	•	arranhão	•
cozinha	•	laboratório	•
ferver	•	bela	•
televisão	•	galinha	•
tigela	•	comer	•

acontecer	•	balão	•
soprar	•	mar	•
explicação	•	desaparecer	•
acreditar	•	ralhar	•
duvidar	•	lavar	•

18/08/02



1. Qual é a profissão do doutor Sabão?

a profissão do doutor Sabão é de cientista.

2. O que fez o doutor Sabão no seu laboratório?

Fez um gato num frasco.

3. Que espaço da casa usou a narradora para fazer a experiência?

A narradora fez a experiência na cozinha.

4. A narradora realizou experiências. Assinala os resultados que obteve.

1. Os ovos de galinhas amolecidos...

- ☐ ficaram estrelados.
☒ ficaram duros por dentro.
☐ ficaram duros por fora.

2. As natas de leite batidas numa tigela...

- ☐ transformaram-se num bolo.
☐ transformaram-se em queijo.
☒ transformaram-se em manteiga.

c) O sal vertido na água...

- ☒ diluiu-se.
☐ apareceu.
☐ evaporou-se.

d) Ao soprar com uma palhinha fina no frasco de detergente...

- ☐ apareceu uma bola.
☐ apareceu um berlinde.
☒ apareceu um balão.

5. O que quer ser a narradora?

Quê é ser narradora e contar as histórias.

6. Depois de realizar as experiências, o que teve de fazer? Porquê?

Sense de limpar, porque se não a minha mãe vai ralar.

7. Liga as palavras que rimam, de acordo com o texto.

notório		arranhão
cozinha		laboratório
ferver		bela
televisão		galinha
tigela		comer

acontecer		balão
soprar		mar
explicação		desaparecer
acreditar		rallar
duvidar		lavar

18 / 6 / 2009

Exercício ortográfico
A frequência ~~cientista~~ cientista

O ~~sábio~~ doutor Sabão,
cientista bem notório, ~~em~~
num frascquinho fez um gato
lá no seu laboratório.

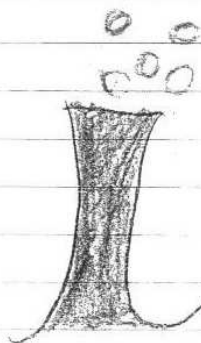
Deu entrevistas na rádio,
jornais e televisão.

O pior foi que esse gato
lhe pegan um arranhão.

Cientista - O João queria ser cientista.

no seu - No seu quarto há um feluço^{de}.

O pior - O pior pode acontecer.



2009/06/18

1 erro

Exercício Ortográfico

O Pequeno Cientista

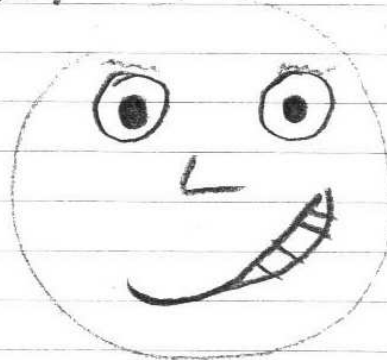
O sábio doutor labão,
cientista bem ~~torio~~ notório,
num frasco fez um gato
lá no seu laboratório.

~~Se no~~

Deu entrevistas na rádio,
jornais e televisão.

O pior foi que esse gato
lhe preeu um arranhão.

frasco - ^{ble} ~~Eu~~ tôs no frasco de bolachas com
recheio a cacau.



2009/06/18

4 errors

Exercício Ortográfico

It pequena colônia

O Salvador D.S. Doutor Salvador,
cientista mem notório,
mem frasquinho bez um gato
lá no seu laboratório.

Deu entrevistas na rádio,
jornais e ~~televisão~~ televisão
O pior foi que esse fato
lhe pegou ~~no~~ arrastão.

Doutor - en son um Doutor.

bern - Figeste bern

laboratório Em trabalho num laboratório

gato - Eu tenho um gato.

2009/06/18

Exercício ortográfico

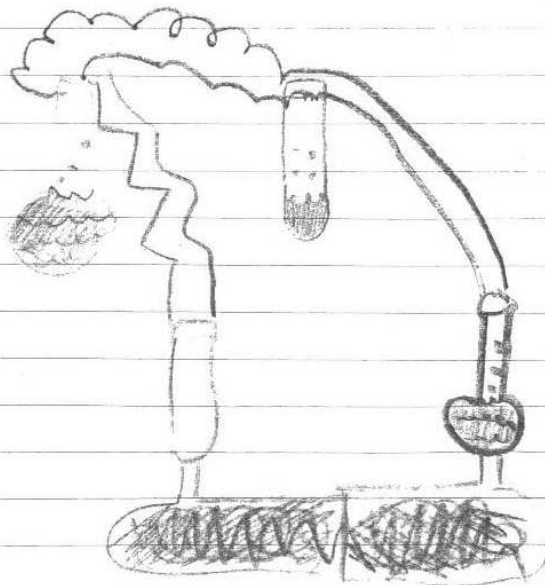
O pequeno Cientista

O sábio doutor Labão,
cientista bem notório,
num frascinho fez um gato
lá no seu laboratório.

Deu entrevistas na rádio,
jornais e televisão.
O pior foi que esse gato
alhe a fagor um arranhão.

notório - O sábio doutor Labão é cientista bem notório.

laboratório - O laboratório é lindo!

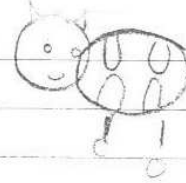


2009/06/18

4 erros
1 falta

Exercício Ortográfico

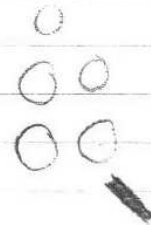
A pequena cientista



O sábio doutor Labão,
cientista bem notório,
num frascinho fez um gato
lá no seu laboratório.

Deu entrevistas na rádio,
jornais e televisão.

O pior foi que esse gato
lhe pregou um arranhão.



Cientista - É um cientista?

Sábio - O sábio sabe tudo!



Doutor - O doutor deu uma "pica" ao Mamul

arranhão - Eu tenho um grande arranhão que
o gato me deu.

2009/06/18

